



Antônio Vieira

Imperador da língua portuguesa

Editorial

Em 1697, morria Antônio Vieira, o “Imperador da língua portuguesa”, na descrição de Fernando Pessoa. Jesuíta, considerado o maior orador sacro da língua portuguesa, ele é o tema de capa desta semana da *IHU On-Line*.

Deonísio da Silva, escritor, assume o papel de repórter e entrevista o Paiáçu, o Grande Padre, como denominavam os índios a Antônio Vieira, sobre o Sermão do Bom Ladrão. E Vieira brada:

“Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: - Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos.

- Ditosa Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas!”.

Marcus Alexandre Motta, professor no Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia

da UERJ, narra o encontro com quem esteve durante anos, nos seus estudos de doutoramento. “Roupetas negra desgastada e de face e olhos afeiçoados pela eternidade”, Antônio Vieira é aquele que vê a necessidade de “empreender a busca por um novo hemisfério do tempo”. Segundo Vieira, “este haverá de equivaler à obra de Deus, em gratuidade e amor, fazendo pasmear aos homens a descoberta deste mundo, ainda incógnito e ignorado”.

Forte crítico da tradição ibérica e da Igreja Católica nos anos 1920, em especial daqueles que no seu interior vestiam as “roupetas de Loyola”, Oswald de Andrade, nos anos 40, e em especial nos anos 50, reavaliou, positivamente, o papel da tradição contra-reformista ibérica na formação cultural brasileira. Tendo-lhe sido oferecida uma oportunidade de uma breve conversa com um dos maiores expoentes desta tradição contra-reformista no século XVII, o padre Antônio Vieira, ele

aceitou com prazer e curiosidade. Esta conversa foi imaginada por **Beatriz Helena Domingues**, professora do Departamento de História da UFJF.

“O humanismo do Padre Antônio Vieira” é o título do texto de **Arnaldo Niskier**, membro da Academia Brasileira de Letras. Um Vieira múltiplo e contraditório emerge da entrevista com **João Adolfo Hansen**, professor da USP. **Luisa Trias Folch** e **Nicolás Extremera Tapia**, da Universidade de Granada, analisam o V Império em Vieira. Por sua vez, **Diana Maziero** analisa a fineza do amor em quatorze sermões de Vieira, enquanto **Cláudia Cristina Couto**, doutoranda em Literatura Portuguesa, na PUC-Rio, analisa *Os sermões*, e **Eneida Bomfim**, professora da PUC-Rio, reflete sobre as suas cartas.

Enfim, para **Alcir Pécora**, professor da Unicamp, Vieira entendia os sermões como “um meio discursivo, isto é, retórico, para atualizar a presença verdadeira de Deus entre os fiéis. O sermão, desse ponto de vista, é um análogo da comunhão eucarística”. “Acho mais preciso falar nesses termos do que em termos de literatura barroca, pois aqui os lugares comuns se acumulam, e o pior: usualmente se separa a matéria retórica da poética e da teologia, o que seria impensável para Vieira”, afirma Pécora.

Esta edição é mais um fruto, belo e proveitoso, da parceria do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - com o

Centro de Teologia e Ciências Humanas - CTCH - da PUC-Rio, cuja decana é a Profa. Maria Clara Luchetti Bingemer. Especialmente à Profa. Eliana Yunes, coordenadora setorial de Desenvolvimento do CTCH, à Profa. Eliane Paz, pesquisadora da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, e à Gilda Carvalho, assessora da Coordenação de Desenvolvimento do CTCH, os nossos agradecimentos muito especiais pelo trabalho conjunto realizado com a equipe de comunicação do IHU.

“O jogador de xadrez de Maelzel”, do carioca **Leonardo Gandolfi**, é o poema da semana.

Confira também, nesta edição, uma entrevista com **Egon Heck**, coordenador do CIMI-MS, sobre a situação dos índios guarani-kaiowá no Mato Grosso do Sul, e as entrevistas com **Paulo Sergio Rosa Guedes** e **Julio Walz** (“Culpa: sentimento auto-excludente”), com **Ricardo Timm de Souza** (“Ética e nanotecnologias”) e com **Octávio Conceição** (“O papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico”).

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Deonísio da Silva: Uma conversa sobre o Sermão do Bom Ladrão

PÁGINA 10 | Marcus Alexandre Motta: Conversando com Vieira

PÁGINA 14 | Luisa Trias Folch e Nicolás Extremera Tapia: A Evangelização e o Quinto Império em Antônio Vieira

PÁGINA 19 | Beatriz Domingues: Ócio ou negócio? Uma conversa/entrevista entre Oswald de Andrade e Antônio Vieira

PÁGINA 22 | Arnaldo Niskier: O humanismo do Padre Antônio Vieira

PÁGINA 28 | João Adolfo Hansen: Vieira: múltiplo e contraditório

PÁGINA 34 | Diana Maziero: A fineza do amor

PÁGINA 37 | Cláudia Cristina Couto: Antônio Vieira, o pregador da Palavra

PÁGINA 41 | Eneida Bomfim: Cartas de Vieira: fonte de conhecimento sobre o Brasil colônia

PÁGINA 44 | Alcir Pécora: “Vieira é a grande referência da eloquência sacra da Igreja em língua portuguesa”

B. Destaques da semana

» Invenção

PÁGINA 47 | Poema de Leonardo Gandolfi

» Brasil em Foco

PÁGINA 49 | Egon Heck: O holocausto Guarani. “Está em curso um processo de genocídio desse povo”

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 55 | Destaques On-Line

PÁGINA 56 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 57 | Agenda da Semana

PÁGINA 58 | Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz: Culpa: sentimento auto-excludente

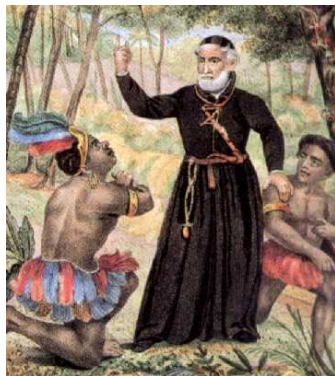
PÁGINA 60 | Ricardo Timm de Souza: Os desafios de uma nova ética

PÁGINA 62 | Octávio Conceição: Crescimento econômico está atrelado às instituições

PÁGINA 65 | Sonia Montañó: Jogos de azar: ibope no SBT

» IHU REPORTER

PÁGINA 70 | Angélica Massuquetti



Antônio Vieira – Traços biográficos

Antônio Vieira nasceu em Lisboa, Portugal, em 6 de fevereiro de 1608 e faleceu na Bahia, em 17 de junho de 1697. Jesuíta, foi escritor e orador. Um dos mais

influentes personagens do século XVII em termos de política, destacou-se como missionário em terras brasileiras. Nesta qualidade, defendeu infatigavelmente os direitos humanos dos povos indígenas combatendo a sua exploração e escravização. Era por eles chamado de “Paiaçu” (Grande Padre/Pai, em tupi). Na literatura, seus sermões possuem considerável importância no barroco brasileiro e as universidades freqüentemente exigem sua leitura.

Seu pai serviu a Marinha Portuguesa e foi, por dois anos, escrivão da Inquisição, tendo se mudado para o Brasil em 1609, para assumir cargo de escrivão em Salvador, na capitania da Bahia. Em 1614, mandou vir a família para o Brasil. Antônio Vieira tinha seis anos. Estudou na única escola da Bahia: o Colégio dos Jesuítas em Salvador. Consta que não era um bom aluno no começo, mas depois se tornou brilhante. Em 1623, entrou no noviciado da Companhia de Jesus. Obteve o mestrado em Artes e foi professor de Humanidades, ordenando-se sacerdote em 1634.

Em 1624, quando da Invasão Holandesa em Salvador, refugiou-se no interior, onde iniciou a sua vocação missionária. Um ano depois fez os votos de castidade, pobreza e obediência. Além de Teologia, Vieira estudou Lógica, Física, Metafísica, Matemática e Economia. Em 1634, após ter sido professor de retórica em Olinda, foi ordenado padre e em 1638 já ensinava Teologia.

Em Portugal, após a Restauração da Independência (1640), em 1641, iniciou a carreira diplomática, pois integrou a missão que veio a Portugal prestar obediência ao novo monarca. Impondo-se pela vivacidade de espírito e como orador, foi

nomeado pelo rei pregador régio. Em 1646, foi enviado à Holanda, e no ano seguinte à França, com encargos diplomáticos. Era embaixador para negociar com os Países Baixos a devolução do Nordeste. Caloroso adepto de obter para a coroa a ajuda financeira dos cristãos-novos, entrou em conflito com a Inquisição, mas viu fundada a Companhia de Comércio do Brasil.

Abraçou a profecia sebástica e por isso entrou em conflito com a Inquisição que o acusou de heresia com base numa carta de 1659 ao bispo do Japão, na qual expunha sua teoria do Quinto Império, segundo a qual Portugal estaria predestinado a ser a cabeça de um grande império do futuro. Foi expulso de Lisboa, desterrado e encarcerado no Porto e depois encarcerado em Coimbra, enquanto os jesuítas perdiam seus privilégios. Em 1667, foi condenado a internamento e proibido de pregar, mas, seis meses depois, a pena foi anulada. Com a regência de D. Pedro, futuro D. Pedro II de Portugal, recuperou o valimento.

Já velho e doente, Vieira precisou espalhar circulares sobre a sua saúde para poder manter em dia a sua vasta correspondência. Em 1694, já não conseguia escrever de próprio punho. Em 10 de junho começou a agonia, perdeu a voz, silenciaram-se seus discursos. Morreu a 17 de Julho de 1697, com 89 anos, na cidade de Salvador, Bahia.

Deixou obra complexa que exprime suas opiniões políticas, sendo não propriamente um escritor e sim um orador. Além dos *Sermões*, de *História do futuro*, de *Esperanças de Portugal*, deixou cartas e escritos históricos e políticos. Também redigiu o *Clavis Prophetarum*, livro de profecias que nunca concluiu. Entre os inúmeros sermões, alguns dos mais célebres são o “Sermão da Quinta Domingo da Quaresma”, o “Sermão da Sexagésima”, o “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda”, o “Sermão do Bom Ladrão”, entre outros.

Fonte: Wikipédia

Uma conversa sobre o Sermão do Bom Ladrão

DEONÍSIO DA SILVA “ENTREVISTA” ANTÔNIO VIEIRA

O escritor Deonísio da Silva é doutor em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), e vice-reitor de pós-graduação e pesquisa da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Fez o mestrado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem 31 livros publicados, entre os quais citamos Nos bastidores da censura (São Paulo: Estação Liberdade, 1989), sua tese de doutoramento, e os romances A cidade dos padres (São Paulo: Manole, 1986); Orelhas de aluguel (Rio de Janeiro: Guanabara, 1988); e Avante soldados para trás (São Paulo: Siciliano, 1992) (Prêmio Internacional Casa de las Américas), publicados também em outros países. Seus livros mais recentes são Os segredos do baú (São Paulo: Peirópolis, 2007) e A língua nossa de cada dia (São Paulo: Novo Século, 2007). Assina duas colunas semanais: a de etimologia, na revista Caras, e a de crítica de mídia, no Observatório da Imprensa. Seu próximo romance é Goethe e Barrabás, a ser publicado em 2008. Nesta entrevista, Deonísio “conversa” com Antônio Vieira, tendo como pano de fundo O Sermão do Bom Ladrão e o da Sexagésima, ambos proferidos pelo jesuíta em 1655. A introdução à entrevista é do próprio escritor que se faz repórter.

Introdução

O Paiçau, o Grande Padre, como o chamavam os índios, há muitos anos habita minha casa, como tantas outras que têm biblioteca, e hoje residimos na Barra da Tijuca, no Rio.

Faz vinte e um anos que não o entrevisto. Por muito apreciá-lo, entrevistei-o apenas uma vez, em 1986, nas páginas de um romance, *A cidade dos padres*, no qual fez, como de hábito, a defesa dos judeus e dos índios, propôs a criação da Companhia Ocidental, da Companhia Oriental, a fundação de um Banco como o de Amsterdam, além de condenar a Inquisição, que tanto o perseguiu.

Sei que nossos irmãos portugueses o consideram uma de suas maiores glórias literárias de todos os tempos, ao lado de Camões. Mas, embora nascido em Lisboa, em 6 de fevereiro de 1608, filho dos fidalgos Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo, em 1614, aos seis anos, emigrou com os pais para o Brasil, onde veio a morrer, na

madrugada de 18 de julho de 1697, aos 89 anos. Portanto, se Vieira é escritor português, Clarice Lispector¹ é escritora ucraniana.

¹ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre Clarice Lispector, a *IHU On-Line* 228 realizou uma edição especial, intitulada Clarice Lispector.

Vieira acreditava piamente na volta de Dom Sebastião, pois, para Deus, nada sendo impossível, sendo necessária a volta do rei português, por que o monarca deixaria de voltar? Só porque tinha morrido pelas mãos dos mouros, na Batalha de Alcácer Quibir, na África? A morte não é motivo para interromper nada, a não ser esta vida terrena, um breve intervalo, se comparado com o tempo que Vieira permanece entre nós e, mais ainda, com a eternidade.

De seus perseguidores, diz certa vez o defensor do Quinto Império: “não me temo de Castela, temo-me desta canalha”.

Na biografia que dele fez André de Barros², apresentou-o como de “pequena estatura”, “cor morena”, “olhos sobremaneira vivos, que parecia cintilavam”. Disse também ter sido um gênio humaníssimo, urbano e cortês, de memória prodigiosa e grande erudição e de uma conversa arrebatadora no convívio com os colegas.

Nunca mais o tinha entrevistado, para não chatear o, mais que gênio, oxigênio. Mas, se a primeira entrevista fiz de livre vontade, para esta fui convocado por professores universitários que, sendo amigos, a eles não se pode deixar de atender.

Foram duas sessões de perguntas e respostas. Uma, em minha casa; outra na Universidade Estácio de Sá, onde trabalho. Ali o Padre Antônio Vieira é bibliografia obrigatória, não apenas no curso de Letras, mas numa disciplina de Língua Portuguesa, que é ministrada em todos os cursos. O Padre Antônio Vieira é imortal, pois é a obra, mais nada, que dá imortalidade a um autor.

Confesso que vacilei entre dois sermões para escolher o tema solar desta entrevista: o da Sexagésima, pregado

Uma pomba na busca eterna pelo ninho, de 16-7-2007. O material está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu) (Nota da *IHU On-Line*)

2 André de Barros: escreveu a primeira biografia de Antônio Vieira, em 1746, intitulada *Vida do apostólico Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus*. (Nota da *IHU On-Line*)

em 1655, mas na Capela Real, ao passo que o do Bom Ladrão, no mesmo ano, foi pregado na Igreja da Misericórdia de Lisboa.

Encanta-me no Sermão da Sexagésima a força da palavra. Absolutamente genial ao manipular no melhor estilo barroco as sutis complexidades e semelhanças que vê entre o ato de lançar sementes na terra e palavras nos homens, ele abre com a parábola do semeador e conclui: “Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto: Et fecit fructum centuplum”.

Contudo, nesta entrevista, limitei as perguntas ao Sermão do Bom Ladrão, de leitura sempre indispensável, porém, no Brasil atual, mais pertinente do que em outros tempos.

As perguntas são minhas. As respostas são dele e foram todas extraídas do Sermão do Bom Ladrão. Vieira falou muito, como é de seu costume, e eu pouco, pois quanto mais silencioso fico, mais aprendo com ele. Entretanto, é sempre preciso interrogá-lo, pois é isso que fazemos quando lemos um autor: fazemos perguntas e obtemos respostas, que levam a novas perguntas, em vertiginosas espirais. Ler, para mim precede escrever, beber vinho e ouvir música, quatro prazeres que muito prezo, três deles podendo ser usufruídos simultaneamente. Por isso, mesmo para um escritor, é mais importante ler do que escrever.

Vamos à entrevista.

Repórter - Todos os que hoje lêem seus escritos, destacam entre os que mais apreciam o Sermão do Bom Ladrão. Qual é a primeira idéia que o senhor nele desenvolve e ilustra com o episódio bíblico ali narrado?

Padre Vieira - Pediu o Bom Ladrão a Cristo que se lembrasse dele no seu reino: “Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum”. E a lembrança que o

Senhor teve dele foi que ambos se vissem juntos no Paraíso: “Hodie mecum eris in Paradiso”. Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quisera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraíso, senão de os levar consigo: “Mecum”. Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei de pregar. Ave Maria.

Repórter - E a segunda?

Padre Vieira - Suposta esta primeira verdade certa e infalível, a segunda coisa que suponho com a mesma certeza é que a restituição do alheio, sob pena da salvação, não só obriga aos súditos e particulares, senão também aos cetros e às coroas. Cuidam ou devem cuidar alguns príncipes que, assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Enquanto lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez iguais a todos; e enquanto lei divina também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso.

Repórter - E em que filósofo o senhor se apóia para afirmar que é preciso restituir o que foi roubado e não apenas perdoar o ladrão?

Padre Vieira - Santo Tomás. O qual é hoje o meu doutor, e nestas matérias o de maior autoridade: “Terrarum principes multa a suis subditis violenter extorquent, quod videtur ad rationem rapinae pertinere; grave autem videtur dicere, quod in hoc peccent, quia sic fere omnes principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo quo casu est licita”. Quer dizer: A rapina ou roubo é tomar o alheio violentamente contra a vontade de seu dono; os príncipes tomam muitas coisas a seus vassallos violentamente, e contra sua vontade: logo, parece que o roubo é lícito em alguns casos, porque, se dissermos que

os príncipes pecam nisto, todos eles, ou quase todos se condenariam: “Fere omnes principes damnarentur”. Diz Santo Tomás que se os príncipes tiram dos súditos o que segundo justiça lhes é devido para conservação do bem comum, ainda que o executem com violência, não é rapina ou roubo. Porém, se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é rapina e latrocínio. Donde se segue que estão obrigados à restituição, como os ladrões, e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública, de que eles estão postos por defensores.

Repórter - Mas Santo Agostinho também condenou o roubo...

Padre Vieira - O texto de Santo Agostinho fala geralmente de todos os reinos, em que são ordinárias semelhantes opressões e injustiças, e diz que entre os tais reinos e as covas dos ladrões - a que o santo chama latrocínios - só há uma diferença.

Repórter - E qual é a diferença?

Padre Vieira - E qual é? Que os reinos são latrocínios, ou ladroeiras grandes, e os latrocínios, ou ladroeiras, são reinos pequenos: “Sublata justitia, quid sunt regna, nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt, nisi parva regna?”.

Repórter - O senhor, neste mesmo Sermão do Bom Ladrão, como costumava fazer em tantos outros, conta um diálogo ocorrido entre um pirata e Alexandre Magno, o rei da Macedônia que foi educado por Aristóteles. Que episódio foi este?

Padre Vieira - Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e, como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era

medroso nem lerdo, respondeu assim. - Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Repórter - Mas não foram apenas autores cristãos que reprovaram o roubo e os ladrões. Sêneca disse que tanto faz ser o pirata como o rei; o resultado do roubo só muda em quantidade, causando muito mais repulsa os ladrões com poder.

Padre Vieira - Quando li isto em Sêneca³, não me admirei tanto de que um filósofo estóico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos, em tempo de príncipes católicos e timoratos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloqüentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem, porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar.

Repórter - O senhor fala de muitos ladrões e de muitos tipos de roubos no Sermão do Bom Ladrão. Quais são os ladrões mais perigosos?

³ Sêneca (4 a.C. - 65d.C.): estadista, escritor e filósofo estóico romano. De suas obras, restam 12 ensaios filosóficos, 124 cartas, um ensaio meteorológico, uma sátira e nove tragédias. Suas tragédias têm por tema assuntos explorados por dramaturgos gregos, mas são melodramas intensos e violentos, fixando-se na crença estóica de que a catástrofe é resultado da destruição da razão pela paixão. Essas peças influenciaram bastante a tragédia na Itália, na França e na Inglaterra elisabetana. Sua filosofia moral, inspirada na doutrina estóica, está expressa nos diálogos, tratados e cartas, Epístolas morais a Lucílio, que escreveu. As tragédias *Medéia*, *As troianas*, *Agamenon* e *Fedra* são, geralmente, atribuídas a Sêneca. (Nota do *IHU On-Line*)

Padre Vieira - Os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria, ou escusa, ou alivia o seu pecado, como diz Salomão: “Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam”. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento, distingue muito bem S. Basílio Magno⁴: “Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui duces legionum statuti, vel qui commissio sibi regimine civitatum, aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi et publice exigunt”: Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. - Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os outros se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

Repórter - Qual foi o filósofo grego, citado no seu aludido sermão, que disse que, quando os pequenos ladrões são punidos, quem os está punindo são mais ladrões do que eles?

Padre Vieira - Diógenes⁵, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de

⁴ São Basílio Magno (330 - 379): fundador da Ordem dos Basilianos. Estudou filosofia, astronomia, geometria, medicina e atuou como professor. Tornou-se sacerdote e em 370 d.C. tornou-se bispo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Diógenes (413-323): filósofo grego e um dos maiores representantes do cinismo. (Nota da *IHU On-Line*)

varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: - Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. - Ditosa Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas!

Repórter - Na Grécia Antiga, então, tão democrática, puniam os pequenos ladrões e nem levavam a julgamento os grandes. E em Roma, como é que era?

Padre Vieira - Quantas vezes se viu Roma ir a enforcar um ladrão, por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um cônsul, ou ditador, por ter roubado uma província. E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um, chamado Seronato, disse com discreta contraposição Sidônio Apolinar: “Nou cessat simul furta, vel punire, vel facere”: Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. - Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar ele só.

Repórter - Já vimos que o Céu foi inaugurado por um ladrão, ainda que o Bom Ladrão, título e tema deste sermão, pois Jesus, que morre crucificado entre dois ladrões, Dimas e Gestas, diz ao primeiro, que lhe pediu perdão: “hoje mesmo estarás comigo no Paraíso”. É verdade que a roubalheira já começou com Adão e Eva? Afinal, o fruto do furto não foi apenas uma fruta, foi roubo de biodiversidade, de tecnologia e de ciência, pois nossos primeiros pais furtaram o fruto do conhecimento, da árvore da ciência do Bem e do mal, não?

Padre Vieira - Pôs Deus a Adão no Paraíso, com jurisdição e poder sobre todos os viventes, e com senhorio absoluto de todas as coisas criadas, excepto somente uma árvore. Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma. Enfim, ele e sua mulher - que muitas vezes são

as terceiras -, aquela só coisa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com ofício, já o temos ladrão.

Repórter - Mas eles pagaram caro pelo furto. Ou alguém mais também foi indiciado?

Padre Vieira - E quem foi o que pagou o furto? Caso sobre todos admirável! Pagou o furto quem elegeu e quem deu o ofício ao ladrão. Quem elegeu e quem deu o ofício a Adão foi Deus: e Deus foi o que pagou o furto tanto à sua custa, como sabemos. O mesmo Deus o disse assim, referindo o muito que lhe custara a satisfação do furto e dos danos dele: “Quae non rapui, tunc exolvebam”. Vistes o corpo humano de que me vesti, sendo Deus; vistes o muito que padeci, vistes o sangue que derramei, vistes a morte a que fui condenado, entre ladrões. Pois, então, e com tudo isso, pagava o que não furtei. Adão foi o que furtou, e eu o que paguei: “Quae non rapui, tunc exolvebam”.

Repórter - O microfone está à sua disposição para um recado aos brasileiros. Que prece o senhor faz, além da prece da decifração do que o senhor escreveu?

Padre Vieira - Rei dos reis e Senhor dos senhores, que morrestes entre ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão, e o primeiro a quem prometestes o Paraíso foi outro ladrão, para que os ladrões e os reis se salvem, ensinais com vosso exemplo, e inspirai com vossa graça a todos os reis, que, não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem aumentando ladrões, de tal maneira impeçam os furtos futuros, e façam restituir os passados, que em lugar de os ladrões os levarem consigo, como levam, ao inferno, levem eles consigo os ladrões ao Paraíso, como vós fizestes hoje: “Hodie mecum eris in Paradiso”.

Conversando com Vieira

POR MARCUS ALEXANDRE MOTTA

Marcus Alexandre Motta é professor no Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia da UERJ. No artigo que segue, ele fala da atualidade da pregação de Antônio Vieira, a partir da visão de mundo do jesuíta cujo fundamento estava na profunda certeza na presença de Deus em tudo e em todos, ou, em suas próprias palavras, o jesuíta era alguém que apreendeu na própria vida mundana o valor absoluto da fé.

Graduado em História pela Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, Marcus Motta é mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a dissertação O imaginário da conversão: retórica, missão e fé nas cartas de José de Anchieta, e doutor em História, pela UFRJ, com a tese Essa nova e nunca ouvida história: escrita e história na História do Futuro de Antônio Vieira. É também pós-doutor, pela Universidade de Lusíada, Portugal. Motta é autor de Anchieta - Dívida de papel (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000); Antônio Vieira - Infalível naufrágio (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001); e Desempenho da leitura - Sete ensaios de Literatura Portuguesa (Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004). Durante o Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas, que aconteceu na Unisinos de 25 a 28 de setembro de 2006, o professor Marcus Alexandre Motta foi responsável pela palestra “Antônio Vieira: um jesuíta milenarista”. Na ocasião, concedeu uma entrevista para a IHU On-Line, falando sobre Antônio Vieira, publicada na 196ª edição, de 18 de setembro de 2006. O texto de sua conferência foi publicado no primeiro volume dos Anais do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas - origens, história e impactos, organizado por Maria Clara Bingemer, Inácio Neutzling e João Mac Dowell, e publicado, neste ano, pelas Edições Loyola, de São Paulo.

Se sabes de algo, cala. Calo, pois, de mim para mim. Calando, anoto tudo neste papel enquanto me sinto algo suspeito, já que pretendo dar a conhecer o encontro que tive com o Padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus. Se alguém colocar dúvidas sobre o encontro, digo que não tenho como gerar provas contundentes. Por não tê-las, exercito-me como alguém que limpa a verdade com um estranho lenço de letras, gostando de ver luzente a

face daquela feminina teimosia; isso, de algum modo, faz-me suavemente recordar que sou mortal.

Estava sozinho no escritório, tendo diante de mim toda a extensão do recinto. Lia, pouco interessado, um romance português contemporâneo. Senti-me afetado por um suspiro de ar. A lufada não vinha da janela, do lado esquerdo. Chegava contrário. Tirei os olhos do livro. Erguendo a cabeça, olhei.

Ali estava, instalado numa cadeira de espaldar alto que

antes não estava. Roupeta negra desgastada e de face e olhos afeiçoados pela eternidade. A barba encorpada e alva, tendo nas pontas pequenos cristais de tempo. Em uma das mãos uns alfarrábios gastos, de uma escrita perdida que foi estar com ele depois da morte. Na outra, peças arranjadas por penas de aves, semelhante àquelas dos seus índios do Maranhão. Falava um português extremamente melodioso, que na sua voz arranhada ganhava, por entonações ácidas, uma gravidade de som soprado em concha.

Quem és? - perguntei apressado. Respondeu-me a voz calma, vagarosa.

- Sou aquele com quem estive durante anos, nos seus estudos de doutoramento.

Antônio Vieira tinha as linhas da alma atlântica há muito esquecida. Era ainda corpulento. As pálpebras tinham desaparecido. Senti-me suficientemente acolhido. Não tardei a supor a possibilidade de conversa. Olhava para mim, insinuando que estava ali para isso - mas nada dizia; pacientemente aguarda.

Sem intermediações, perguntei: do lugar que observa este nosso mundo, não lhe parece que a globalização cumpre, pelo avesso, os anseios do seu Quinto Império?

- Não é assim tão fácil fazer uma ligação, mesmo pelo avesso. O mundo globalizado atende à totalidade da Criação que os descobrimentos portugueses colocaram à vista da cultura cristã. É nela que nasce o anseio da paz universal, sob o jugo de uma única coroa. Mas o sentido da história e do mundo para um cristão não pode estar impresso na evidência de um fato como esse. Ele só deve ser pensado como símbolo de uma contingência pretérita que antecipa um futuro sem erro. Enquanto isso não se esclarece, devo ainda dizer (escrevi algo assim no meu Livro Antepimeiro da *História do futuro*), que o mundo, seja este de agora ou de qualquer outro, é um teatro; os homens, tão ciosos de seus poderes ou desgraças, as figuras que nele representam. E a história verdadeira de seus sucessos, uma comédia de Deus, traçada e disposta

maravilhosamente pelas idades de sua Providência. E como o primor e a sutileza da arte cômica consistem, principalmente, naquela suspensão do entendimento sobre o que está acontecendo, o enredo da Comédia vai-nos levando pendentes sempre de um sucesso ou desgraça a outro sucesso ou desgraça de nossas compreensões e estada no mundo. Encobre, por determinação divina, o fim da história, sem que se possa saber ao certo onde o mesmo mundo irá parar. Só adquirimos alguma idéia quando se vai chegando próximo ao desentendimento total, que me parece ser o que hoje acontece, e, nessa aproximação quase absurda, se descobre, subitamente, entre a expectativa e o aplauso, Deus, soberano Autor e Governador do Mundo e perfeito Exemplar de toda a natureza e arte.

Fez uma pausa, tocando com as pontas dos dedos a textura dos papéis sob o seu braço direito. Assentou-se melhor na cadeira, dando a impressão que iria levantar. Falou.

— Os enganos expressos na compreensão da globalização, pelo menos para um cristão, é não perceber que Deus, para maior manifestação de sua glória e admiração, de tal maneira nos encobre as coisas futuras (mesmo quando mande sinal profético inclinado nos fatos humanos) que não nos deixa compreender nem alcançar os segredos dos seus intentos, senão quando já têm chegado ou vão chegando os fins deles; para nos ter sempre suspensos na expectativa e pendentes de sua Providência. E é esta a regra, e não há outra para um cristão (com pouquíssimas exceções), tão comum em Deus e seus decretos que, ainda que os sinais sejam muitos claros, atravessam entre eles e os nossos olhos certas nuvens, com que suas clarezas se nos faz escura - é essa a nossa condição humana!

Fiquei sem entender. Esperava uma resposta que se assemelhasse com qualquer uma que eu pudesse imaginar. Havia esquecido que tipo de jesuíta e artista era ele. Ainda levei um tempo para me dirigir novamente

a ele. Ficou olhando para chuva que caía, suspirando profundamente e entrelaçando os dedos. Tive uma sensação estranha. E, portanto, resolvi argumentar.

- Mas Padre! Como posso admitir a sua compreensão? Alguns séculos se passaram e alguns instrumentos de análise foram inventados. Não posso simplesmente acreditar na Providência como espetáculo que nos fará entender o desenlace da Comédia de Deus. Para tanto, deveria ter fé no Juízo Final. Isso me levaria a abandonar uma intelectualidade capaz de compreender o fenômeno da globalização e, se isso acontecesse, deixaria de me horrorizar com as dores e as mazelas humanas. Como devo tão facilmente me pôr como cristão, sem dúvidas, para explicar o fenômeno da globalização?

Olhando para o teto, o Padre Vieira iniciou o comentário.

- Sei que é um desespero o esperar, tornando frágil a nossa esperança em Deus. Senti isso quando acreditei que atos ao lado dos poderosos pudessem produzir situações que solucionassem muitos problemas, bem parecidos com aqueles que hoje se vê. Mas, para tal coisa, fui obrigado a usar de artimanhas, jogos de poder e abusar da inteligência - seja na corte ou na própria Companhia. Devo dizer que não poderia defender essa forma de agir. E, quando falo de Providência, não quero dizer que não seja necessário tomar providências, e, me contrapondo ao seu argumento, digo que uma das providências a ser tomada é não esquecer que não há estudioso, por mais diligente investigador que seja, que não escreva por informações. E que informações há de homens que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que estudioso haverá de tão limpo coração que não estude o fenômeno da globalização e inteiro amador da verdade que não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor da sua, ou da alheia nação, do seu ou do estranho líder? Ora, todas as penas nasceram em carne e sangue, e

todos na tinta de escrever misturam as cores de seu afeto.

Atormentado, fiquei. Vieira havia desenvolvido um argumento difícil de rebater. Tinha, agora, um sorriso jesuítico - de quem apreendeu na própria vida mundana o valor absoluto da fé. E mesmo antes de ouvir o que eu ia perguntar, como se estivesse a escutar meu pensamento, se pôs a responder.

- Não entendo a sua pergunta. Como pode querer duvidar da messiânica tarefa que só a nós, cristãos, cabe? Há muita teologia de tipo abutre que toma saberes laicos para dar adequação da fé ao mundo. Isso é um erro crasso da pretensão humana. Crendo, há de crer, se não se crê no que há de crer, messianicamente, pouco há de fé naquilo que se conhece. Claro que nossa inteligência é coexistente ao plano de Deus, mas isso não precisa gerar mais dúvidas do que o devido. É evidente que nenhuma coisa se pode prometer à natureza humana mais conforme a seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade que a notícia dos tempos e sucessos futuros. Você sabe que não há questão sobre a globalização que não tenha como mote indelével a preocupação com o futuro da humanidade - palavra que aprendi com os séculos. Mas, como cristãos, é-nos imperativo não nos determos em escritas que falem do passado para os futuros. Nossa obrigação é escrever o futuro para o presente - já que, para todo homem de fé, todo o passado é uma recordação antecipada de futuro. É esta impossível pintura que carecemos fazer: antes dos originais retratar as cópias.

Minha alma se preencheu de vergonha e júbilo. A tarefa era muito óbvia. Se eu me digo cristão, como podia ter deixado de compreender o fenômeno da globalização sem os parâmetros da esperança. Alguma coisa havia ocorrido entre a convicção do Padre Antônio Vieira e os meus estudos. Sem demora, perguntei: e como faço para compreender, sendo cristão, o fenômeno da globalização?

Esteve alguns momentos erguido na alma, embora o corpo me parecesse ajoelhar perante um altar que em sua mente estava. Havia um descompasso, como a arquitetura jesuítica, entre a independência do seu fora e a autonomia do seu dentro. Não me parecia se importar, diretamente, com a pergunta. Certo pudor se pôs na sua face eternizada e um brilho desenhou no seu peito a silhueta do Atlântico. Tomado pela expressão da imagem, disse.

- A nossa história já descobriu novas regiões e novos habitantes, agora é necessário empreender a busca por um novo hemisfério do tempo. Este haverá de equivaler à obra de Deus, em gratuidade e amor, fazendo pasmar aos homens a descoberta deste mundo, ainda incógnito e ignorado. Nem maior nem mais justo temor deva causar aos que bem ponderarem esta obra, que a consideração dos ocultos juízos de Deus, que nesses dois milênios permitiu que aquele novo hemisfério de tempo não nos fosse revelado, muito por nossa culpa. Tão breve noite para os corpos e tão comprida noite para as almas, se não tivermos a obrigação, nesse mundo globalizado, de nos colarmos na aventura que nos falta. Mas, sós e solitariamente entramos nela, sem companheiro nem guia, sem estrela nem farol, sem exemplar nem exemplo. O mar dessa aventura é imenso, as ondas de nosso entendimento, espessas, a noite do motivo escuríssima, mas nos aventuramos na espera que o Pai dos lumes salve a nossa frágil barquinha.

Interrompi, falando coisas desconexas até dizer: isso que o senhor fala é profecia? Ele me deu atenção, buscando, em mim, sensato arrebatamento. Logo depois, continuou.

- Se houve um profeta que foi mais que profeta, por que não haverá também algumas profecias que sejam mais que profecias? Assim espero eu que sejam estas que fundam as esperanças e prometem as felicidades futuras que não de se mostrar no presente de nossa última aventura. Agora as prometo, junto a você, com a voz, depois as mostrarão com dedo. Será o mundo passado, e este mundo presente e essa aventura, o mundo futuro, que, unidos, formarão o mundo inteiro, como correspondente à expressão Fiat Lux. Só assim, hoje, pode-se tomar o tema globalização; pois é importante saber que, para um cristão, todo esse processo acorda com um momento em que possamos, eu lá e vocês aqui, aventurar-nos numa nova e nunca ouvida história. E, se isso parece pertencer à literatura, é porque só ela ainda é capaz de fazer valer o que para mim valeu: tornar o acontecimento globalização uma esfera de esperança, na certeza de que, se Deus prometeu, ele não pode nos faltar.

Baixei os olhos. Antônio Vieira havia desaparecido e, com ele, aquela cadeira. Estive por longos minutos a meditar suas últimas palavras. Logo, a tristeza se apoderou de mim e só pude encontrar um lamento na posição que assumi sobre a mesa, escrevendo num papel avulso, um pouco inclinado: constitui sempre a onipotência fictícia de um narrador tanto a pretensão do real metamorfoseado em como se não, quanto a medida sugerida pelo sentido reforçado de aflição: oh, se isso acontecesse!

Alguém me chama.

A Evangelização e o Quinto Império em Antônio Vieira

POR LUISA TRIAS FOLCH E NICOLÁS EXTREMERA TAPIA

A obra de Antônio Vieira no processo de colonização do Brasil é o tema do texto que segue, de autoria de dois pesquisadores espanhóis que muito têm contribuído para com a investigação sobre os caminhos percorridos pelo jesuíta no Brasil nascente. Nicolás Extremera Tapia é catedrático de Filologia Portuguesa da Universidade de Granada (Espanha). Entre os temas que pesquisa, estão as origens da literatura brasileira, a Companhia de Jesus e José de Anchieta. Luisa Trias Folch é professora Titular de Filologia Portuguesa na mesma Universidade e têm como áreas de investigação a História do futuro, do padre Antônio Vieira e as Cartas de José de Anchieta.

Tapia participou do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas, que aconteceu na Unisinos, de 25 a 28 de setembro de 2006, com a conferência “Anchieta e Nóbrega; jesuítas fazendo a história do Brasil”. O texto de sua conferência foi publicado no primeiro volume dos Anais do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas - origens, história e impactos (São Paulo: Loyola, 2007, p. 213-265), organizado por Maria Clara Bingemer, Inácio Neutzling e João Mac Dowell.

O trabalho incansável de Vieira, personagem fundamental da história brasileira, mostra o seu convencimento sobre a importância do povo português no processo missionário de expansão do Evangelho e será fonte inspiradora que o levará a dizer em um de seus sermões que, para ensinar nações infiéis e políticas, é necessária maior sabedoria que amor; para ensinar nações bárbaras e incultas, é necessário mais amor que sabedoria. Esse amor ele o experimentou.

O fato de espanhóis e portugueses terem encontrado um meio para chegarem às gentes da Ásia e da América teve conseqüências transcendentais para o universalismo cristão. Pela primeira vez, a Cristandade poderia cumprir suas pretensões universais à escala mundial e o Evangelho poderia ser levado a todas as gentes e a todas as raças.

Portugal, nos fins da Idade Média, tinha o orgulho de ser o país mais antigo da Europa. Embora parecesse predestinado a ser absorvido pelo poder de Castela,

conseguiu manter sua autonomia com a conseqüente união política, lingüística e cultural. Além disso, a tomada de Ceuta, primeira fortaleza conquistada aos infiéis fora do continente, criou um clima de euforia nacional de que nasceu a lenda da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques⁶ no campo de Ourique. Segundo esta lenda, Cristo não tinha apenas revelado a D. Afonso Henriques a vitória sobre os mouros na batalha, mas

⁶ D. Afonso Henriques (1109-1185): considerado o Pai da pátria portuguesa, foi o primeiro rei de Portugal. (Nota da *IHU On-Line*)

também tinha fundado no rei e nas suas gerações um império destinado a converter os infiéis. O povo português julgava-se, portanto, privilegiado entre todas as nações cristãs e eleito para uma missão histórica. Neste ambiente, que culminou com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia e do Brasil, o patriotismo tomou um caráter sagrado ao serviço de um imperialismo simultaneamente religioso e político; vaticínios e profecias, em especial as Trovas do Bandarra, anunciavam a vinda de “um rei encoberto”, que tinha que liberar a Cristandade de inimigos internos e externos, para estabelecer um reino universal de paz e justiça. Nessas circunstâncias, o desastre de Alcácer Quibir⁷ e a perda da independência deram lugar à conformação de todas as esperanças portuguesas no sebastianismo. Na base do messianismo português, dos quais um dos maiores representantes foi o padre Antônio Vieira, encontram-se, segundo a opinião de Raymond Cantel⁸, as esperanças cristãs e judaicas da época, assim como as esperanças políticas truncadas pela perda da independência.

O messianismo cristão de Vieira⁹, de base milenarista, começa a tomar forma com a Restauração de D. João IV¹⁰. Convencido do papel histórico de povo português,

⁷ **Batalha de Alcácer-Quibir**: ocorreu em 1578, em Alcácer-Quibir, entre Portugueses liderados por D. Sebastião e os mouros de Marrocos. Na ocasião, os Portugueses foram derrotados, precipitando a crise dinástica de 1580, e o nascimento do mito do Sebastianismo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Vid. Cantel, Raymond, “Le messianisme des le pensée portugaise du XVIème siècle à nos jours”, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 1970, p. 433-444. (Nota dos autores)

⁹ Sobre o messianismo de Vieira, veja-se fundamentalmente: Besselaar, José van den, “Introdução”, in *Livro Antepreimeiro do Padre Antônio Vieira*, edição crítica, Münster, Aschendorffsche Verlagbuchhadlung, Vol. I, 1976; e Cantel, Raymond, *Prophetisme et mesianisme dans l'oeuvre d'Antônio Vieira*, Paris, Ediciones Hispano-Americanas, 1960. (Nota dos autores)

¹⁰ **João IV (1604-1656)**: foi o vigésimo Rei de Portugal e o primeiro da quarta dinastia. (Nota da *IHU On-Line*)

aceita, sem duvidar, a nova versão do credo nacional, que se adaptava às novas circunstâncias da Restauração e que identificava “o encoberto” com o duque de Bragança.

Segundo o comum da crítica¹¹, Vieira concebeu a idéia de escrever a *História do futuro* durante as suas viagens diplomáticas a Holanda e, especialmente, nas suas conversações com os rabinos e judeus de Amsterdam, embora, como é sabido, tenha redigido esta obra inacabada durante o processo que a Inquisição moveu contra ele. Esta grande obra profética devia tratar, fundamentalmente, da legitimidade das esperanças na instauração do Quinto Império. A nação portuguesa trazia, para Vieira, o povo eleito para instaurar e dirigir o Império de Cristo na terra, o Quinto Império profetizado por Daniel. Este império, iniciado com o nascimento de Cristo, seria consumado em breve e sucederia ao IV Império, o Romano, que persistia na casa de Áustria. Para Vieira, deveria ter essencialmente o caráter que teve em fases anteriores, espiritual e temporal: o poder espiritual estaria representado pelo Sumo Pontífice de Roma e o poder temporal por um príncipe cristão, o rei de Portugal. Este novo estado da Igreja e Reino de Cristo seria perfeito, completo e consumado porque permitiria o encontro e a incorporação das Dez Tribos perdidas de Israel, assim como a conversão de todos os hereges, judeus e pagãos à fé de Cristo.

¹¹ O primeiro indício que se possui da *História do futuro* remonta a 1649. Neste ano, Vieira escreveu a frase inicial do capítulo introdutório desta obra, embora quinze anos depois a corrigisse. Realmente, não se sabe até onde chegou na primeira redação. Sabemos que em 1650 fez uma viagem à Itália e que em Novembro de 1652 partiu para o Maranhão, onde permaneceu até 1661. Foi no regresso a Lisboa, em 1662, que se dedicou de forma sistemática a redigir esta obra profética, precisamente quando a Inquisição acometeu contra ele. Vid. Azevedo, J. Lúcio, *História de Antônio Vieira*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, t. I, 1819, p. 194, e Cantel, Raymond, “L’História do Futuro do Père Antônio Vieira”, in *Bulletin des Etudes Portugaises*, nouv. série, t. XXV, 1964. (Nota dos autores)

A descoberta do Novo Mundo era, para Vieira¹², uma segunda “criação”, que se continuava com a obra da evangelização. Graças às navegações portuguesas tinham-se revelado ao mundo católico nações desconhecidas às quais não tinha chegado à verdadeira fé; era, pois, necessário unir toda a humanidade, especialmente os povos, recentemente, descobertos, na adoração de um único Deus, no reconhecimento de um único Pastor, na obediência a um único Imperador. Vieira encontra, nas Sagradas Escrituras e nas Trovas de Bandarra, a promessa de uma evangelização universal próxima. Concretamente, um rei português será o Imperador do mundo e conduzirá os cristãos à evangelização da terra, para que se cumpram as palavras de S. João: “ut fiat unum ovile et unus Pastor” (10-16). Sob a égide deste Imperador universal e a do Papa, a humanidade viverá um período (simbólico) de mil anos num estado de perfeição, até a vinda do Anticristo e a vitória das forças do Bem.

Conhecida é a atividade missionária de Vieira no Brasil¹³. A sua defesa dos índios provocou mais de uma revolta no Maranhão e inclusive a sua expulsão¹⁴; e as suas intervenções junto dos reis contribuíram para

¹² Sobre a importância dos descobrimentos portugueses na obra profética de Vieira, veja-se o artigo de Margarida Vieira Mendes, “Vieira no cabo de não: o descobrimento no livro antepreimeiro da história do futuro” na revista *Semear 2*, Cátedra António Vieira de Estudos Portugueses, PUC, Rio de Janeiro. (<http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/>). (Nota dos autores)

¹³ Sobre a atividade missionária de Vieira no Brasil, veja-se, Leite, S., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. III e IV, Rio de Janeiro-Lisboa, 1943; Haubert, Maxime, *L’Eglise et la defense des “sauvages”*. *Le Père Antoine Vieira au Brésil*, Bruxelles, Académie Royale des Sciences d’Outre Mer, 1964; Azevedo, J. L., *Os jesuítas no Grão Pará*, Coimbra, 1930; Frota, Guilherme de Andrea, *P. Vieira. Ensaio bibliográfico relativo ao Brasil*, sep. *Ocidente* LXXI, Agosto 1966. (Nota dos autores)

¹⁴ Depois de Vieira ter chegado ao Maranhão em 1653, enviado pelo rei D. João IV como superior das missões, produziu-se uma revolta dos colonos, e posteriormente, em 1661, será mesmo expulso. (Nota dos autores)

elaborar novas legislações sobre os índios. O próprio Vieira redigiu, entre 1658 e 1660, o “Regulamento das aldeias”¹⁵, estatuto interno das missões portuguesas da Companhia de Jesus, no Maranhão, Pará e Amazônia, vigente durante um século.

Há que assinalar que a ação missionária de Vieira concorda perfeitamente com a linha do “Padroado”. O rei, vigário do Pontífice Romano na América, dirige a atividade missionária; assim, os missionários são soldados de Cristo e do rei, e os gentios, convertidos ao cristianismo, devem jurar obediência ao rei e à fé. A ação missionária é obra do Estado e da Igreja.

Vieira quer transformar o selvagem em homem cristão. A atitude do missionário ante o índio é de amor: “Porque para ensinar homens infiéis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito necessário o amor. Para ensinar sempre é necessário amar e saber; porque quem não ama não quer; e quem não sabe, não pode: mas esta necessidade de sabedoria e amor não é sempre com a mesma igualdade. Para ensinar nações infiéis e políticas, é necessário maior sabedoria que amor; para ensinar nações bárbaras e incultas, é necessário mais amor que sabedoria”¹⁶.

Segundo Vieira, nas terras do Maranhão é mais necessário o amor que a sabedoria, por dois motivos fundamentais: a qualidade dos seus habitantes e a dificuldade das línguas. “Porque a gente das terras é a mais bruta, a mais ingrata, a mais inconstante, a mais avessa, a mais trabalhosa de em ensinar de quantas há no mundo.”¹⁷ Apesar de que, na opinião de Vieira, foram evangelizados por S. Tomás, não conservam memória da

¹⁵ Vid. Vieira, A., “Regulamento das Aldeias” in Leite, S., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol IV, op. cit. p. 106-124 e Apêndice D. (Nota dos autores)

¹⁶ Vid. “Sermão do Espírito Santo”, pregado no Maranhão, in *Obras Completas do Padre António Vieira (OC)*. Prefaciado e revisto pelo ver. Padre Gonçalo Alves, 15 vols, Porto, Lello & Irmão, 1959. vol. II, t. IV, p. 400. (Nota dos autores)

¹⁷ *Idem*, p. 407. (Nota dos autores)

fé, “porque com a mesma facilidade com que aprenderam, desaprendem; e com a mesma facilidade com que creram, descrêem”¹⁸. A segunda circunstância pela qual é necessário grande amor é a dificuldade das línguas. Para poder converter os índios, é imprescindível conhecer as suas línguas: “O primeiro trabalho é ouvi-la (a língua); o segundo percebê-la; o terceiro reduzi-la a gramática e a preceitos; o quarto estudá-la; o quinto [...] pronunciá-la. E depois de todos estes trabalhos ainda não começa a trabalhar, porque são disposições somente para o trabalho”¹⁹.

Para ilustrar o labor do missionário, utiliza a alegoria da estátua de mármore e a de murta. A primeira é mais difícil de fazer pela resistência que oferece a matéria, mas, uma vez feita, não precisa de mais cuidado, porém “a murta é mais fácil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos, mas é necessário andar sempre reformando e trabalhando nela para que se conserve”²⁰. Este é o labor do missionário, para que assim os índios consigam se despir dos “vícios de barbárie, com que começam a ser homens”, esperando também que renunciem aos demais, “para acabarem de ser cristãos”²¹. Mas, para que esta transformação seja possível, é necessária e indispensável a justiça social:

¹⁸ *Idem*, p.415. (Nota dos autores)

¹⁹ A preocupação dos jesuítas por conhecer as línguas dos indígenas demonstra o interesse apostólico e pedagógico desta Ordem. A primeira gramática da língua tupi é obra do jesuíta espanhol José de Anchieta (*Arte da Língua mais usada na Costa do Brasil*, Coimbra, 1595). Segundo Besselaar (in *Antônio Vieira: o homem, a obra, as idéias*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1981, p. 38), Vieira chegou a escrever um conciso catecismo em seis línguas indígenas diferentes. (Nota dos autores)

²⁰ Vid. “Sermão do Espírito Santo”, in *OC*, op. cit. pp. 408-409. (Nota dos autores)

²¹ Vid. *Obras Escolhidas do Padre Antônio Vieira (OE)*, 12 vols. Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1951-1954, vol V, p. 119. (Nota dos autores)

“[...] que sem guardar justiça aos índios, nas aldeias e nos sertões, não é possível haver conversão”²².

A doutrina social de Vieira sobre os povos da oikoumenê é a própria da ideologia das cruzadas, isto é, os mouros da África e os turcos da Ásia ocupam injustamente terras e estados cristãos. Mas a situação é outra, no que diz respeito às terras que não pertencem a Cristandade. Os infiéis do Novo Mundo são, para Vieira, tão legítimos titulares dos seus domínios como os príncipes cristãos dos seus estados na Europa. São, por natureza, livres e donos das suas terras e só estão sujeitos legal e licitamente aos seus chefes. As nações indígenas têm as mesmas prerrogativas que as nações européias: “(Os índios) não são escravos porque não são tomados em guerra justa; e vassalos também não, porque assim como o espanhol ou genovês cativo em Argel é contudo vassalo do seu rei e da sua república, assim o não deixa de ser o índio, posto que forçado e cativo, como membro que é de corpo e cabeça política da sua nação, importando igualmente para a soberania da liberdade, tanto a coroa de penas como a de ouro, e tanto o arco como o cetro”²³. Em consequência, as nações indígenas só podem entrar a formar parte da soberania portuguesa por livre contrato com o rei, ou por motivos de guerra justa. Diz Vieira: “Nasceram mais livres que nós, senhores absolutos das terras em que Deus os pôs e lhes tomamos, e sem sujeição alguma de vassalos ou súditos, mais que a que eles voluntariamente aceitam, debaixo das condições que lhes prometemos e não guardamos”²⁴.

Ora, Portugal tinha diversos direitos na América: no que diz respeito às outras nações européias, tinha o direito de preferência concedido pelas Bulas; no que diz

²² *Idem*, p. 287. (Nota dos autores)

²³ Vid. *OE*, op. cit., vol. V, pp. 341-342. (Nota dos autores)

²⁴ Vid. *Cartas do P. Antônio Vieira*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, 3 vols. 1970-1971, vol.III, p. 520. (Nota dos autores)

respeito às tribos não submetidas, os direitos limitados pelo direito das gentes, próprios de uma nação perante outra; no que diz respeito aos índios submetidos, os direitos de soberania e tutela.

As conseqüências desta doutrina social são evidentes: os colonos têm o direito de viver nas terras americanas com a legitimidade do conquistador, o direito de viver dignamente e de que as leis sejam respeitadas. Os índios, como filhos de Deus, têm o direito à salvação, mas, como vassalos do rei de Portugal, devem submeter-se às leis portuguesas: “Porque o reino de Portugal, enquanto monarquia está obrigado, não só de caridade mas de justiça, a procurar efetivamente a conversão dos gentios. [...] Tem esta obrigação enquanto reino, porque este foi o fim particular para que Cristo o fundou e instituiu, como consta da mesma instituição. E tem esta obrigação enquanto monarquia porque este foi o intento e contrato com que os Sumos Pontífices lhe concederam o direito das conquistas, como consta de tantas Bulas Apostólicas”²⁵.

Vieira defende o sistema de “repartição” dos índios, e tenta, em todos os casos, limitar a escravatura e dirigir e coordenar a sua tutela. Assim, a escravatura lícita era, para Vieira, uma situação jurídica que tinha a sua origem nos princípios do direito das gentes e o direito civil. A nova lei, emitida em 1655 para o estado do Maranhão, não permitia a escravidão no seio dos indígenas, se não eram prisioneiros ou sentenciados à morte (os chamado índios de corda) por motivo de guerra justa, ou, no caso de serem filhos de escravos. Se a guerra era considerada injusta, os cativos podiam ser resgatados e servir os colonos durante cinco anos para pagar o seu resgate. Mas a realidade estava longe da lei. Inclusive, índios cristianizados das aldeias eram também escravizados, apesar de terem direito de trabalhar durante seis meses para se alimentarem, e outros seis meses como

²⁵ Vid. “Sermão da Epifania”, in *OC*, op. cit. Vol. I, t. II, p. 28. (Nota dos autores)

assalariados para os colonos. Grande vitória foi para o jesuíta conseguir o poder temporal nas aldeias e o voto na comissão que examinava os cativeiros. Porque a luta de Vieira no Brasil era pela evangelização e a instauração do Império de Cristo na terra, que significava para todos os homens, sem diferenças de raças, mil anos de fé, paz e felicidade em comum. Na realidade, defendia o direito de Portugal ao Quinto Império e, em conseqüência, o dever de levar ao mundo a verdadeira fé. Com o Quinto Império, prolongava assim a linha do Padroado: a Igreja intervinha com Vieira como coluna do templo da razão do Estado. Por isso, pode afirmar: “nas conquistas de Portugal todos são ministros do Evangelho”²⁶. Em conclusão, a conversão universal era para Vieira requisito prévio para a instauração do Quinto Império.

O nacionalismo português, marcado pela perda da independência e legitimado num herói nacional, o rei de Portugal, terá na figura do Padre Antônio Vieira o máximo representante do universalismo cristão no mito do Quinto Império. Trata-se de um milenarismo tardio, que, partindo de Portugal, teve um florescimento no Novo mundo, levando, tanto no plano sociopolítico como no religioso, o selo do sentimento nacional, propaganda messiânica da monarquia portuguesa, desejosa de legitimar a sua autoridade.

²⁶ Vid. “Sermão do Espírito Santo”, in *OC*, op. cit. Vol. II, t. V, p. 419. (Nota dos autores)

Ócio ou negócio? Uma conversa/entrevista entre Oswald de Andrade e Antônio Vieira

ENTREVISTA COM BEATRIZ HELENA DOMINGUES

Beatriz Helena Domingues é professora do Departamento de História da UFJF, onde atua nos mestrados de História e Ciência da Religião. Escreveu vários artigos sobre pensamento jesuítico no mundo luso e hispânico nos últimos dez anos. Acaba de publicar Tão longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa ilustrada (Rio de Janeiro: Museu da República, 2007). Em 2006, Beatriz participou na PUC-Rio do Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas - Origens, Histórias e Impactos, onde apresentou a comunicação de título “Modernismo e religião: um estudo da avaliação de Oswald de Andrade”, cuja pesquisa originou e motivou a conversa fictícia entre o modernista e o jesuíta, que a IHU On-Line apresenta a seguir.

Introdução

Forte crítico da tradição ibérica e da Igreja Católica nos anos 20, em especial daqueles que no seu interior vestiam as “roupetas de Loiola”, Oswald de Andrade, nos anos 1940, e, em especial nos anos 50, reavaliou, positivamente, o papel da tradição contra-reformista ibérica na formação cultural brasileira. Tendo-lhe sido oferecida uma oportunidade de uma breve conversa com um dos maiores expoentes desta tradição contra-reformista no século XVII, o Padre Antônio Vieira, ele aceitou com prazer e curiosidade.

Oswald de Andrade - Para mim é muito interessante poder voltar no tempo e conversar com alguém como o senhor, que constitui parte de minhas reflexões sobre atuação da Contra-Reforma no Brasil. Como não disponho de muito tempo, gostaria de orientar nossa conversa para sua experiência em um dos episódios que, a meu ver, melhor ilustram o embate entre a concepção de mundo da Reforma e da Contra-Reforma no século XVII: a “Guerra Holandesa”, ou seja, a reação luso-brasileira à ocupação de Pernambuco pelos protestantes holandeses .

A “Guerra Holandesa” teria confrontado, face a face, duas concepções de vida - a da Reforma e a da Contra-Reforma -, o ócio e o negócio: uma compreensão lúdica e amável da vida, em face de um conceito utilitário e comerciante.

Antônio Vieira - Sua tese me parece interessante, embora eu não tenha pensado e/ou explicado o episódio nestes termos nem no calor dos acontecimentos, nem nas décadas que se seguiram. Na qualidade de testemunha ocular da ocupação do nordeste brasileiro pelos batavos por 24 anos, eu já considerava a região perdida, e estampada nos mapas com o nome de “Nova Holanda”. Tanto que cheguei a profetizar a vitória neerlandesa. A recuperação de tais terras, naquelas circunstâncias, só me parecia explicável por um “milagre da Providência”: nossos exércitos eram mais fracos e despreparados e tínhamos acabado de nos libertar de 8 anos de subjugação ao rei da Espanha. Ainda assim, em algumas de minhas cartas ânuas eu explicitamente reconheci a superioridade da guerrilha indígena, cujas armas eram

mais eficientes que as dos portugueses (e/ou holandeses) no sertão nordestino.

Oswald de Andrade - Ainda bem, Vieira, que suas profecias sobre a vitória do protestantismo e a destruição da Igreja Católica no Brasil não se confirmaram! Se estivessem corretas, ao invés da “vitória do ócio sobre o negócio”, teríamos tido a “vitória do negócio sobre o ócio”. Mas não: uma massa órfica, híbrida e mulata, a quem a roupeta jesuítica dera as procissões feitichistas, as litânicas doces como o açúcar pernambucano e os milagres prometidos bateram o Deus bíblico, cioso, branco e exclusivista. Pois claramente não se tratava somente de uma guerra entre dois modelos econômicos ou entre interesses dinásticos ou políticos. “Tratava-se apenas da primeira luta titânica no mundo moderno, entre o ócio e o negócio”. E o ócio venceu, embora a luta prossiga até os nossos dias sob dissimulações, transferências e disfarces. A rigor, ela constitui a espinha dorsal de todo um sistema histórico e filosófico.

Antônio Vieira: Você tem sobre mim, Oswald, a vantagem que eu tinha sobre os antigos, medievais e mesmo sobre os renascentistas: um pigmeu no ombro de um gigante vê melhor que o gigante. O tempo é o melhor decifrador das profecias. Mas, em 1648, quando escrevi uma carta ao rei argumentando que, sendo-nos impossível manter Pernambuco, era preferível negociar com os holandeses a sua venda, não era absolutamente clara a nossa vitória. Embora eu tenha argumentado, em meu “Papel Forte”, que os holandeses em Pernambuco não ameaçavam a religião cristã, até porque não existiam (ou existiam muito poucos) casos de conversão nesta província, isso foi mais um recurso de retórica para convencer o rei de Portugal a ser mais realista em suas negociações com a Holanda. Pois, especialmente no que concerne aos índios, eu alertava constantemente para os efeitos nocivos que os hereges protestantes tinham sobre

os gentios tobajaras de Pernambuco, e, em seguida, sobre muitos outros índios, quando se fizeram senhores da fortaleza do Ceará.

Ainda que, antes de 1630, não houvesse ainda nesses índios a verdadeira fé, “tinham contudo o conhecimento e estima dela, a qual em seguida não só perderam, como em seu lugar foram bebendo com a heresia um grande desprezo e aborrecimento das verdades e ritos católicos, e louvando e abraçando em tudo a largueza da vida dos holandeses, tão semelhante à sua”, a ponto de não mais se distinguir quem era herege de quem era gentio.

Portanto, eu certamente tinha em mente que naquele período estavam em choque duas visões de mundo - a protestante e a católica - e me empenhava em lutar pela causa da Contra-Reforma onde ela precisasse. Embora, pragmaticamente falando, considerasse irracional que se colocasse um projeto muito mais amplo em perigo para conservar uma parte tão duvidosa que nos resta em Pernambuco, meu lado missionário sempre me alertava exatamente para semelhanças entre os costumes dos índios e dos hereges. Temia que Ibiapaba²⁷ estivesse se transformando na “Genebra de todos os sertões do Brasil”.

Parece que eu temia que os protestantes fizessem o que você celebra terem feito os católicos: se aproximado do modo de vida indígena, a ponto de se misturarem com ela.

Oswald de Andrade - Seu argumento é sem dúvida interessante, especialmente se levamos em conta que, ainda assim, ou precisamente por isso, o senhor continuou a adotar uma política evangélica bastante flexível, ao mesmo tempo missionária e pragmática, bem conforme ao “nosso modo de proceder” jesuítico...

²⁷ Ibiapaba: microrregião do estado brasileiro do Ceará, pertencente à região Noroeste Cearense. Ibiapaba está dividida em oito municípios, numa área aproximada a 5.071 Km². (Nota da *IHU On-Line*)

Antônio Vieira - Pois claro. Que outra atitude poderia eu ter em um Recife então transformado em corte e empório de toda aquela nova Holanda, onde havia judeus de Amsterdã, protestantes da Inglaterra, calvinistas da França, luteranos da Alemanha e Suécia, e todas as outras seitas do norte? Conforme então diagnostiquei, era “desta Babel de erros particulares”, que “se compunha um ateísmo geral e declarado, em que não se conhecia outro Deus mais que o interesse, nem outra lei mais que o apetite; e o que tinham aprendido nesta escola do inferno é o que os fugitivos de Pernambuco trouxeram e vieram ensinar à serra”.

Uma lição que extraí da guerra contra os hereges protestantes no Brasil foi que os fins justificam os meios. Em meu “Sermão de São Roque”, preconizava que “tirar as armas do inimigo e convertê-las contra ele, é fazer de um mal dois bens: um bem, porque se diminui o poder contrário: outro bem, porque se acrescenta o poder próprio”. Ou seja, “aos príncipes católicos é lícito entregar praças e vassallos a seus inimigos, ainda que sejam hereges, quando o fazem por necessidade, e por evitar maiores danos”.

Foi frente a esta constatação do poderio batavo em Pernambuco que aconselhei ao rei ser menos mal darmos por vontade própria o que já vinham tirando à força. Estrategicamente falando, seria talvez o caso de vender a região à Holanda e recuperá-la assim que estivermos fortes e estáveis economicamente e espiritualmente.

Oswald de Andrade - O senhor certamente consegue, mesmo enquanto participante do evento que discutimos, ter uma visão bem mais pragmática que a minha, que tenho a meu favor a passagem do tempo. Sua fala reforça em mim a concordância com inúmeros intérpretes de seus escritos nos séculos que lhe seguiram, que o consideram um visionário pragmático: sem jamais perder um forte senso político, jurídico-

institucional, teve sempre como seu referencial básico as concepções da teologia tomista e a neotomista.

Gostaria, então, de finalizar esta infelizmente tão curta conversa, perguntando-lhe o que pensa de minha tese, formulada em meados do século XX, sobre o papel dos árabes na modelação da Contra-Reforma. Explico-me melhor: para mim, a prevalência de uma sociedade regida pelo ócio era a realidade das pessoas que viviam em Pindorama desde muito antes da “invasão portuguesa” em 1500. Também entre os gregos antigos era reconhecida a importância do ócio, neste caso proporcionada pela exclusão e trabalho forçado de muitos. Foi esta concepção que chegou à Ibéria moderna sob a “roupeta da Contra-Reforma”. A meu ver, existiram duas linhas “evolutivas” para explicar o advento das duas concepções de vida associadas à Reforma e à Contra-Reforma. A concepção judaica de povo eleito, marcado por um extremo racismo, desembocou na Reforma de Lutero e Calvino. Por outro lado, a concepção árabe de povo exógeno, aberto à miscigenação, culminou na Contra-Reforma, particularmente nos jesuítas. A Contra-Reforma teria sido uma remodelação da herança árabe aos novos tempos pelos inicianos. Os “seguidores de Loiola” representavam, no século XVI, “a plasticidade política, filha da miscigenação da cultura”. Cheguei a escrever, em uma de minhas obras, que, “com a colonização, fomos modelados por uma cultura de larga visão - a jesuítica -, que infelizmente foi cortada pela incompreensão romanista quando estava levando aos limites pagãos dos ritos malabares o seu afã de ecletismo e de comunicação humana e religiosa”.

Nos seus escritos contudo, nunca vi referências aos árabes, mas apenas aos judeus, que a meu ver estão do lado do negócio....Para o senhor, eles compunham a “Babel do Sertão”, inaugurada pelos batavos e que se aproximou dos costumes indígenas!!!! Para mim a caracterização dos jesuítas como os “Maometanos de

Cristo”, e não aos filhos da Reforma, é um elogio: pois encontro neles uma atitude mais flexível frente às culturas nativas, não só da América como de outras partes do mundo.

Antônio Vieira - Nunca havia pensado em nós desta forma!!! O que o tempo não pode permitir vir à tona!!! Tenho certeza de que meus contemporâneos, e eu mesmo, ficaríamos chocados e lisonjeados com tal afirmativa. O “nosso modo de proceder” tem de fato o caráter exógeno e flexível que o senhor atribui aos árabes. Talvez nos fosse muito difícil perceber tal conexão por serem eles mais uma forte presença no Portugal dos seiscentos, enquanto a questão judaica era uma “Espada de Dâmocles” sobre nossas cabeças. Parece-me, contudo que, ainda que concordemos que

nosso pragmatismo e flexibilidade - ou o “nosso modo de proceder” - seguiu uma linha evolutiva iniciada pelos árabes, eles eram perfeitamente compatíveis com uma política de tolerância em relação aos judeus que o senhor considera “intolerantes e racistas” judeus: até porque esta era a atitude que mais convinha ao nosso Portugal. Mas certamente me deixaste intrigado com a cunha “Maometanos de Cristo”.

Oswald de Andrade - É realmente uma pena que não tenhamos mais tempo de prosseguir nesta conversa. Pois, se como o senhor diz, o tempo é o melhor decifrador das profecias, um diálogo com o passado ajuda-nos sobremaneira e matizarmos nossas interpretações sobre os tempos idos, presentes e futuros.

O humanismo do Padre Antônio Vieira

POR ARNALDO NISKIER

Atual ocupante da cadeira número 18 da Academia Brasileira de Letras, Arnaldo Niskier escreve sobre os ideais humanistas que permearam a vida e a obra de Antônio Vieira, no Brasil Colônia. O percurso do texto que apresentamos a seguir começa nos primeiros tempos da nova nação, em que Vieira vai encontrar e criticar as incoerências da Metrópole em sua ação colonizadora. Daí, segue através da participação ativa do jesuíta no combate aos invasores holandeses, e sua ação junto aos judeus e cristãos-novos que aqui vieram viver. E finaliza lançando luzes sobre a inspiração profética de Vieira a respeito das questões políticas e religiosas, que séculos adiante, precisamente no início do século XX, atingiram a população judaica vivente no Brasil, estendendo-se até o estabelecimento do Estado de Israel.

Portugal era a pátria do padre Antônio Vieira, “esse canteirinho da Europa, cantinho de terra pura e mimosa de Deus”, como definiu num sermão pregado em Roma. Mas o Brasil estava inserido na pátria maior, por cuja

glória combatia Vieira, e ele fazia questão de alardear, numa carta de 1673, sua fidelidade “ao Brasil, a quem, pelo segundo nascimento, devo as obrigações de pátria”. Numa carta escrita em seus últimos anos de vida,

ele se refere ao Brasil como “essa melhor jóia que Portugal tem fora das correntes do Tejo”.

Mas Vieira nunca deixou de ser altamente crítico do comportamento da metrópole em relação à colônia. Em 1641, pregando na Bahia diante do vice-rei, o marquês de Montalvão, reclamou com dureza: “Tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há de gastar”.

Vale transcrever a parte principal deste sermão, não só pela ousadia de Vieira diante do vice-rei, como por sua encarniçada defesa do Brasil:

“Perde-se o Brasil (digamo-lo em uma palavra) porque alguns Ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar nosso bem, vêm buscar nossos bens... El-rei manda-os tomar Pernambuco e eles contentam-se com o tomar. Este tomar o alheio é a origem da doença. Toma nesta terra o ministro da justiça? Sim, toma. Toma o ministro da república? Sim, toma. Toma o ministro da fazenda? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma. E como tantos sintomas lhe sobrevêm ao pobre enfermo, e todos acometem à cabeça e ao coração, que são as partes mais vitais, e todos são atrativos e contrativos do dinheiro, que é o nervo dos exércitos e das repúblicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda que castigue, nem mão direita que premie; e faltando a justiça punitiva para expelir os humores nocivos, e a distributiva para alentar e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha expirado”.

Faz uso então Vieira de uma admirável metáfora para tornar sua exposição não só mais clara e visual, mas também mais contundente:

“Com terem tão pouco do Céu os ministros que isto fazem temo-los retratados nas nuvens. Aparece uma nuvem no meio daquela Bahia, lança uma manga ao mar, vai sorvendo por oculto segredo da natureza grande

quantidade de água, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento e vai chover daqui a trinta, daqui a cinqüenta léguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa água, se na Bahia te encheste, por que não choves também na Bahia? Se a tiraste de nós, por que a não despendes conosco? Se a roubaste a nossos mares, por que a não restituís a nossos campos? Tais como isto são os ministros que vêm ao Brasil — e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da Linha, onde se diz que também refervem as consciências, e em chegando, *verbi gratia*, a esta Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios ocultos, mas sabidos), e ao cabo de três ou quatro anos, em vez de fertilizarem a nossa terra com a água que era nossa, abrem as asas ao vento, e vão chover a Lisboa, desperdiçar a Madri. Por isto nada lhe luz ao Brasil, por mais que dê, nada lhe monta e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é que a água que por lá chovem e desperdiçam as nuvens não é tirada da abundância do mar, como noutro tempo, senão das lágrimas do miserável e dos suores do pobre, que não sei como atura já tanto a constância e fidelidade destes vassalos. O que o Brasil dá, Portugal o leva. Tudo o que der a Bahia, para a Bahia há de ser: tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se há de gastar”.

A pregação do sermão do bom ladrão

Em 1655, já empenhado na campanha missionária que o manteria durante nove anos no Estado do Maranhão e do Grão-Pará, Vieira vai a Portugal lutar por medidas que pusessem um fim ao cativeiro dos indígenas. Aproveita a ocasião para pregar em Lisboa o Sermão do bom ladrão, diante de D. João IV e sua corte. Embora no púlpito da Igreja da Misericórdia, Vieira começa dizendo que a Capela Real seria o local mais adequado para o seu discurso, porque pretendia tratar de questões ligadas à

majestade régia e não à piedade. Podemos bem imaginar o desconforto do auditório - formado por juízes, ministros, conselheiros da coroa e os mais altos dignitários do reino forçados a ouvir Vieira falar obsessivamente de ladrões e ladroeiros. Já a tese inicial é implacável: “Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. O que vemos praticar em todos os reinos do mundo é, em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno. Prosseguirei com tanto maior esperança de produzir algum fruto, quanto vejo enobrecido o auditório de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sobre cujo conselho e consciências costumam se descarregar a dos reis”.

Depois de citar a Bíblia, Sêneca e Santo Agostinho, Vieira vai direto ao assunto, apoiado em São Basílio: “Não são só ladrões, diz o santo, os que cortam bolsas, e espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados. Estes furtam e enforcam. Diógenes que tudo via com mais aguda vista que os outros homens viu que uma grande tropa de varas e ministros da justiça levava a enforcar uns ladrões e começou a bradar: lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos... Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter roubado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um cônsul ou ditador por ter roubado uma província?”.

Em defesa do Brasil explorado

Mais adiante, no mesmo sermão, Vieira, depois de uma brilhante demonstração de pirotecnia verbal, fala especificamente do Brasil explorado: “Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras quantas para isso têm consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente, que é o seu tempo, colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no presente o pretérito e o futuro, do pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas, e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, mais-que-perfeitos e quaisquer outros, porque furtam, furtavam, furtaram, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma, o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar, para furtar. E quanto eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito grande serviços, tornam carregados e ricos: e elas ficam roubadas e consumidas... Assim se tiram da Índia quinhentos mil cruzados, da Angola, duzentos, do Brasil, trezentos, e até do pobre Maranhão, mais do que vale todo ele”.

E Vieira encerra, com endereço certo, visando ao próprio rei: “Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes chamavam-se laterones. E depois, corrompendo-se este vocábulo como afirma Marco Varro, chamaram-se latrones. E que seria se assim como se corrompeu o vocábulo se corrompessem também os que o mesmo vocábulo significa? O que só digo e sei, por teologia certa, é que em qualquer parte do mundo se pode verificar o que Isaías diz dos príncipes de Jerusalém: ‘Principes tui socii furum’: os teus príncipes

são companheiros dos ladrões. E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e poderes; são companheiros dos ladrões, porque talvez os defendem; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo”.

Resposta ao procurador do Maranhão

Sete anos depois deste flamejante sermão, já de volta a Portugal e prestes a enfrentar o processo que o Santo Ofício lhe movia, Vieira redige a Resposta aos capítulos que deu contra os religiosos da Companhia, em 1662, o procurador do Maranhão Jorge de Sampaio. No documento, especifica as causas da insolvência do Maranhão: “São os interesses dos que governam, porque as rendas dos dízimos de Vossa Majestade em todo aquele estado chegam a montar seis até oito mil cruzados, os três dos quais toma o Governador inteiramente e no melhor parado, e na mesma forma se pagam de seus ordenados os procuradores e os oficiais da fazenda, com que vem a ficar muito pouco para as despesas ordinárias das igrejas, vigários, oficiais de milícia e soldados, aos quais se não paga nem a quarta parte do que lhes pertence, com que é força que busquem outros modos de viver e se sustentar, que muitas vezes são violentos, e todos vêm a cair às costas do povo. Assim também levam consigo os ditos governadores muitos criados, que provêm nos melhores ofícios, e eles com confiança no poder de seu amo os servem com insolência, dominando não só as pessoas, mas as fazendas, de que se recolhem a Portugal ricos e os povos ficam despojados”.

Incansável defesa do Brasil

No ano de sua morte, 1697, envia Vieira uma carta da Bahia em que assinala: “Das coisas públicas não digo a

Vossa Mercê mais do que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal em tudo o que Vossa Mercê me diz dos aparatos de guerra sem gente nem dinheiro, das searas dos vícios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal e de todas as outras contradições do juízo humano”.

Mas não foi apenas de sua pátria-mãe, Portugal, que Vieira defendeu o Brasil. Um inimigo muito insidioso aprestava-se a conquistar o Brasil a partir de uma invasão da Bahia: os holandeses. Quando os franceses tomaram Dunquerque²⁸ aos espanhóis em 1645, Portugal inteira vibrou e comemorou - menos Vieira que, hábil estrategista, previu logo as terríveis conseqüências do ocorrido. Não mais ameaçados por ataques dos espanhóis a partir de Dunquerque, os holandeses passavam a ter várias armadas livres para se aventurar de novo contra o norte do Brasil. Quem relatou com riqueza de detalhes a participação de Vieira neste importante episódio foi o historiador inglês Robert Southey²⁹:

“Previsto havia sido o perigo que ameaçava a Bahia, sendo dele advertido o rei de Portugal pelo jesuíta Antônio Vieira, homem extraordinário não só pela eloqüência, mas em todas as coisas. Cantara-se na Capela Real de Lisboa um Te Deum pela tomada de Dunquerque pelos franceses, e tinham os ministros e principais personagens da corte concorrido por esse motivo ao beija-mão em grande gala. Terminada a cerimônia, disse Vieira a el-rei que ia dar-lhe por esta ocasião os pêsames ali fora. Perguntou-lhe D. João como

²⁸ **Dunquerque**: é uma cidade portuária no norte da França, a 10Km da fronteira com a Bélgica. Dunquerque tem cerca de 71.000 habitantes. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **Robert Southey** (1774-1843): historiador, escritor e poeta britânico. Lançou, em 1810 o livro *História do Brasil*, em Londres. Essa foi a primeira publicação contando a história geral que abrange todo o período colonial até a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808. (Nota da *IHU On-Line*)

assim. ‘Porque’, respondeu ele, ‘até agora têm-se visto os holandeses obrigados a manter nas águas de Dunquerque uma esquadra, que lhe assegurasse a passagem do canal aos seus próprios navios; aliados aos franceses, já disto não carecem, e a força tornada assim disponível será empregada contra nós, podendo agora Sigismundo Shoppe, que pela segunda vez governa Pernambuco, realizar a ameaça feita no tempo de Diogo Luís de Oliveira, isto é, assenhorear-se da Bahia sem perder uma só gota de sangue, só com impedir-nos por meio da sua armada os suprimentos. Mas, apontando o perigo, não se via Vieira embarçado em inculcar o remédio. Dizendo-lhe el-rei: ‘E que vos parece que fazamos?’”.

A capacidade de organização de Vieira

Aqui, o jesuíta mostra outra faceta notável: mais do que o seu grande tino comercial, uma imensa capacidade de organização. Southey transcreve as próprias palavras de Vieira: “Que em Asmterdã se oferecia, por meio de Jerônimo Nunes [judeu, agente do governo luso], um holandês muito poderoso a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessário, e postas em Lisboa até março por vinte mil cruzados cada uma, que fora o preço da fragata Fortuna que veio a Portugal; e tudo vinha a importar trezentos mil cruzados e que esta quantia se podia tirar facilmente lançando Sua Majestade um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado, opulentíssima de mais de quarenta mil caixas de açúcar, o qual no Brasil se tinha comprado muito barato, e em Lisboa se vendia por subidíssimo preço; e pagando cada arroba um tostão ou seis vinténs, bastaria para fazer os trezentos mil cruzados”.

A proposta de Vieira não vingou porque os ministros consultados alegaram que “aquele negócio estava muito cru”. Seis meses depois, o rei manda chamar Vieira no meio da madrugada e diz: “Sois profeta; ontem à noite

chegou uma caravela da Bahia e traz por novas ficar Sigismundo fortificado em Taparica. Que vos parece que fazamos?”. Vieira respondeu: “O remédio, senhor, é muito fácil. Não disseram os ministros a Vossa Majestade que aquele negócio era muito cru? Pois os que então o acharam cru, cozam-no agora”. O Conselho de Ministros finalmente admitiu a importância de socorrer a Bahia, mas alegou que não havia meios de conseguir o dinheiro, diante do que Vieira respondeu indignado: “Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer os seus ministros que não há meio para haver trezentos mil cruzados com que acudir ao Brasil, que é tudo quanto temos! Ora, eu com esta roupeta remendada espero em Deus que hoje hei de dar a Vossa Majestade toda esta quantia”.

A tenacidade de Padre Vieira

Vieira foi pedir socorro a um mercador judeu que havia conhecido na Bahia, Duarte da Silva; este, com o apoio de outro judeu, Rodrigues Marques, conseguiu levantar o dinheiro necessário. Seu nobre gesto não impediu que os dois fossem depois perseguidos pela Inquisição, embora valesse muito a Duarte da Silva a proteção do rei. Assim foi que, graças às valiosas ligações de Vieira com os cristãos-novos, D. João IV pôde mandar ao Brasil em 1647 o tão necessitado socorro militar. Os holandeses conquistaram Pernambuco e ali se instalaram por muito tempo. Mas não conseguiriam a Bahia e, neste último esforço desesperado, foram baldados pela tenacidade do Padre Antônio Vieira. Sem ele, a História do Brasil poderia ter sido escrita de outra maneira bem diversa. Segundo João Lúcio de Azevedo, triunfou ele duplamente nesta ocasião: “Deu cheque aos ministros, que lhe contrariavam muitas vezes os intentos, e abriu caminho para o seu projeto das companhias de comércio”.

Antes de regressar para Portugal em 1641, Vieira já possuía uma larga vivência do problema dos judeus e

cristãos-novos perseguidos pelo Santo Ofício até mesmo nas lonjuras do Brasil, através das famigeradas Visitações (ele se encontrava na Bahia por ocasião da segunda). A presença dos judeus no Brasil data antes mesmo da descoberta em 1500. Como assinalou o historiador Sérgio Paulo Rouanet³⁰, “o converso Gaspar da Gama, fluente em línguas orientais, assessorou Vasco da Gama (1468 (?) - 1524) e a monarquia portuguesa na aventura das grandes navegações. Mais tarde, ele acompanhou Pedro Álvares Cabral 1467(?) - 1520(?) em sua expedição às Índias, e com isso podemos dizer que um judeu foi co-descobridor na Terra de Vera Cruz”. Com efeito, Gaspar da Gama, conhecido como “o judeu da Índia”, que sabia falar o árabe e os dialetos hindus da costa do Malabar, foi um dos primeiros quatro homens a pisarem na terra do Brasil, a mando de Cabral. (Além dele, desembarcaram Nicolau Coelho, que, como Gaspar, acompanhara Vasco da Gama à Índia, um grumete da Guiné e um escravo de Angola. Eram, pois, juntos no mesmo escaler, quatro homens dos três continentes conhecidos na época e que sabiam falar sete línguas.)

Coincidentemente, a nação hebraica veria o seu destino ser decidido pelas mãos de um brasileiro, Osvaldo Aranha (1894-1960), que teve uma atuação determinante na criação do Estado de Israel em 1948, um antigo sonho que trezentos anos antes já fora profetizado pelo padre Antônio Vieira.

³⁰ Sérgio Paulo Rouanet (1934): diplomata, filósofo e ensaísta brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1992. Exerceu o cargo de secretário de Cultura do presidente Fernando Collor de Mello e foi responsável pela criação da lei Rouanet, de incentivos fiscais à cultura. (Nota da *IHU On-Line*)

Vieira: múltiplo e contraditório

ENTREVISTA COM JOÃO ADOLFO HANSEN

João Adolfo Hansen, professor da USP, é mestre e doutor em Literatura Brasileira pela mesma instituição. Ele atua na área de Letras, com ênfase em estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Entre os livros que publicou, citamos O o: a ficção da literatura em Grande sertão: veredas (São Paulo: Hedra, 2000); A sátira do engenho (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004); Solombra ou a sombra que cai sobre o eu (São Paulo: Hedra, 2005); e Alegoria: construção e interpretação da metáfora (São Paulo: Hedra, 2006). Também organizou a obra Cartas do Brasil (São Paulo: Hedra, 2003), de Antônio Vieira.

Na entrevista que concedeu por e-mail para a IHU On-Line, Hansen fala sobre a importância de Antônio Vieira para a literatura brasileira e afirma que “Vieira não é cartesiano nem iluminista, mas um escolástico caudatário da latinidade. Assim, ele inventa o discurso pressupondo que a mente, os conceitos, os signos e as coisas se correspondem por meio da participação ou analogia em Deus”.

IHU On-Line - De que modo a obra de Antônio Vieira pode ser inserida no estudo da literatura brasileira? Ele trouxe, como disse Oswald de Andrade, em seu Manifesto Antropófago, a “lábria” para o Brasil, ou o poeta modernista estava sendo rígido?

João Adolfo Hansen - Acho que há vários modos. Um deles, por exemplo, constitui os preceitos das obras, determinando os modos como Vieira pensa seu tempo histórico e define “história”, “linguagem”, “homem”, “ação”, “profecia”, “sentido” etc., nas circunstâncias do tempo da sua ação entre, principalmente, 1626 e 1697. Os modos de conferir significação e sentido operam com categorias teológico-políticas, fundamentadas nas autoridades da metafísica escolástica, Santo Tomás, Francisco Suárez³¹, Giovanni Botero³² etc., e também em

Santo Agostinho, Hermógenes, Cícero, Aristóteles etc. e integram-se na “política católica” ibérica mercantilista, anti-luterana e anti-maquivélica. Evidentemente, os discursos pressupõem os gêneros - o demonstrativo, o deliberativo, o judicial, no caso da oratória; e os gêneros da *ars dictaminis*, a arte de escrever cartas, no caso da epistolografia. Feito isso, é possível também reconstituir as apropriações da obra de Vieira do século XVII até hoje, para determinar os valores-de-uso dela em diversos programas políticos e artísticos de orientação ideológica diferente e muitas vezes contraditória (por exemplo, as interpretações católicas; as interpretações pombalistas no século XVIII; as interpretações românticas, liberais, positivistas etc. dos séculos XIX e XX; as interpretações

independente do tomismo. De suas obras, destacam-se *Disputationes Metaphisicae*. (Nota da IHU On-Line)

³² Giovanni Botero (1540-1617): ex-jesuíta, foi secretário do Cardeal Carlo Borromeu em Milão. Foi um dos primeiros teóricos das relações internacionais e da demografia. (Nota da IHU On-Line)

³¹ Francisco Suárez (1548-1617): padre jesuíta, teólogo, filósofo e jurista espanhol, conhecido também como Doctor Eximius. Na escolástica fundou uma escola que recebe seu nome, o suarismo,

salazaristas, fascistas, marxistas do século XX; as interpretações modernistas, modernas e pós-modernas dos séculos XX e XXI etc.). Com a relação dos dois conjuntos - os preceitos, os modos, as funções, a comunicação, os usos da obra no século XVII e as diversas recepções históricas desde o XVII -, é possível determinar valores que evidenciam que “Vieira” é múltiplo e contraditório.

Quanto a Oswald de Andrade³³, não estava sendo rígido, mas apenas destrutivo, como autor de vanguarda. Como se sabe, a Antropofagia Cultural declara guerra às “religiões de meridiano”, acusando o Cristianismo de ser uma religião repressora. Vieira foi missionário jesuíta ou representante da moral católica que vestiu o índio. “Lábia”? Sim, muita lábia. Mas a retórica a prevê, pois de outro modo o discurso não é eficaz, ou seja, não ensina, não agrada e não persuade.

IHU On-Line - Sob um ponto de vista histórico, como o senhor vê a influência de Vieira no Barroco brasileiro?

João Adolfo Hansen - Sob um ponto de vista histórico, eu começaria dizendo que “Barroco” e “Barroco brasileiro” são invenções neokantianas, romântico-positivistas, do final do século XIX e do século XX. Evidentemente, podemos usar a fórmula, mas ela implica categorias contínuo evolucionistas do idealismo alemão, que são totalmente exteriores ao tempo de Vieira. Seu uso é anacrônico, e eu prefiro não falar de “Barroco”, substituindo a fórmula por algo material, ou seja, a arqueologia das categorias que ordenam as práticas sociais no tempo de Vieira. No século XVII, a obra dele foi imitada ou emulada como *autoridade*, principalmente a obra oratória, que serviu de modelo para muitos outros

³³ Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o Concretismo. (Nota da *IHU On-Line*)

sermonistas da Companhia de Jesus e de outras ordens religiosas. Devemos lembrar que Vieira é jesuíta, ou seja, pensa, antes de tudo, a eficácia prática da obra nas questões do seu tempo segundo o preceito de Inácio de Loyola: “ser útil”; nesse sentido, a obra é uma intervenção interessada nas principais questões políticas, econômicas e religiosas de então. Lembremos, por exemplo, a defesa da liberdade dos índios aldeados pela Companhia de Jesus contra os coloniais escravistas e os bandeirantes de São Paulo; a defesa do abrandamento dos “estilos” do Santo Ofício da Inquisição visando os capitais judaicos que financiariam as companhias de comércio etc. Vieira também interveio profeticamente em seu tempo, em textos como a *História do futuro* e *Clavis Prophetarum*, que anunciam o advento do V Império.

IHU On-Line - A obra de Vieira possui um fundo poético. De que modo ele constrói a linguagem, o jogo entre luzes e sombras, a proliferação de metáforas, analogias, paralelismos?

João Adolfo Hansen - Vieira não é cartesiano nem iluminista, mas um escolástico caudatário da latinidade. Assim, ele inventa o discurso pressupondo que a mente, os conceitos, os signos e as coisas se correspondem por meio da participação ou analogia em Deus. Vieira compõe segundo um procedimento nuclear, que o século XVII chamou de “ornato dialético”: consiste, basicamente, numa técnica de analisar conceitos metaforizando-os. Dialeticamente, ele define as tópicos de que trata por meio de divisões que as especificam analiticamente como subtemas cada vez mais particularizados por novas divisões. Um modo muito rotineiro dessa operação dialética consiste na aplicação das 10 categorias aristotélicas - substância, ação, paixão, qualidade, quantidade, relação, posição etc. - à tópica que se analisa, obtendo-se a cada vez 10 definições. Simultaneamente, Vieira dispõe cada definição ou

conceito obtido pela análise numa ordem sintática que imita os períodos asiáticos, amplos e redondos, de Cícero. Ou, ainda, a formulação por prótase e apódose, que faz o enunciado como que subir até um ponto máximo de intensidade e, depois, descer, até o ponto final: “Se A+B+C+D então D+C+B+A.”. Quase sempre, a oração que compõe o período é simétrica, ou seja, formulada com 2 membros (A+B), 3 membros (A+B+C), 4 membros (A+B+C+D), 5 membros (A+B+C+D+F) etc., sendo seguida de outras orações com a mesma quantidade de membros, o que produz um espelhamento contínuo entre os termos. Por exemplo: “Obras da natureza feitas devagar são milagres; milagres são obras da natureza feitas depressa”. Ao mesmo tempo, a operação é retórica: Vieira pensa analogicamente as relações entre os conceitos dos termos, aproximando conceitos muito distanciados. Com isso, ele os figura por meio de metáforas e alegorias que produzem efeitos engenhosos e agudos. Por exemplo, quando estabelece relação entre “sal”, “sal da terra” e os “três Estados”, nobreza, clero e plebe. Ou quando compara a encarnação de Cristo no ventre de Maria e os círculos concêntricos produzidos na água quando uma pedra é lançada. Essas relações metafóricas podem parecer muito arbitrárias para nós; mas, em seu tempo, elas são motivadas substancialmente, pois a metafísica escolástica afirma que todos os seres e todos os conceitos dos seres participam em Deus segundo a lei natural da Graça inata. Assim, o que Vieira faz é demonstrar as conveniências explícitas e implícitas entre os seres criados, do mineral ao anjo, seus conceitos e os signos que os figuram.

IHU On-Line - O senhor escreve, no artigo “Vieira, o profeta da luz”³⁴, que “Vieira é ortodoxo e pensa que a eternidade está em todos os tempos, como participação deles no conceito absolutamente idêntico

a si de Deus”. Nesse sentido, qual é a visão que Vieira possuía do futuro?

João Adolfo Hansen - O conceito de tempo de Vieira não é iluminista, ou seja, ateu. Ele pressupõe que o tempo é criado por um ser absolutamente perfeito e infinito, Deus, que é a Causa Primeira da natureza e da história. Na atualidade da eternidade de Deus, todos os tempos humanos já estão completados. Para os homens, porém, que são finitos e vivem apenas uma parte do tempo, Deus revela o sentido da consumação final dos tempos em sinais proféticos. Assim, como Causa Primeira e Causa Final, Deus está presente em todos os tempos históricos - por exemplo, no tempo histórico dos homens do Velho Testamento, no tempo histórico dos homens do Novo Testamento, no tempo histórico dos homens do Império Português no século XVII. Vieira pensa a relação entre os diversos tempos históricos como *allegoria in factis*, a alegoria factual ou figura da Patrística e da Escolástica: interpreta os homens e os acontecimentos (não as palavras que os representam) do Velho Testamento, por exemplo, Moisés e a saída dos hebreus do Egito, como revelações proféticas da vontade de Deus. A interpretação estabelece relações de semelhança e diferença entre os homens que vieram antes e os homens que vivem agora, demonstrando as concordâncias que evidenciam o projeto divino para a história; com isso, Vieira também pode propor o que há-de vir como *História do futuro*. Trata-se, sempre, de uma história providencialista, que evidencia a participação da Providência divina no tempo como aconselhamento da ação justa. No caso, com a profecia do V Império, Vieira estabelece relações entre a história portuguesa e a história bíblica, afirmando que Portugal é a nação escolhida por Deus para cristianizar todo o planeta. Toda a obra dele trabalha para consagrar a dinastia dos reis Bragança como dinastia escolhida por Deus. Nesse sentido, a obra de Vieira intervém na memória, na vontade e na inteligência dos súditos do

³⁴ In: Mais! *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 6, 13 jul. 1997.

Império Português para uni-los como uma única memória, vontade e inteligência na realização desse futuro que, no presente, é contingente, dependente do livre-arbítrio humano.

IHU On-Line - Nesse mesmo artigo, o ensaio escreve que o pensamento de Vieira é “uma metáfora qualificada do divino”. É possível aproximar Vieira do Sublime de Longino, mais artístico, ou essa passagem da metáfora para o divino ainda é intermediada pela reflexão de raiz mais religiosa?

João Adolfo Hansen - Vieira, como demonstrou o grande estudioso de sua obra, Alcir Pécora³⁵, sempre pensa a eficácia de sua ação. Ele não é iluminista, ou seja, não conhece a classificação dos regimes discursivos e as disciplinas e os saberes que, a partir do final do século XVIII, é classificação que separa os produtos culturais como “ciência”, “filosofia”, “arte”, “religião”, “direito”, “ideologia” etc. determinando discursos específicos para elas etc. Quero dizer, quando ele compõe poeticamente, dialético-retoricamente, o fundamento da sua linguagem é sempre metafísico; e é fundamento metafísico sempre atualizado em categorias históricas, as categorias teológico-políticas da “política católica” portuguesa do século XVII. Ele conhece Longino³⁶, evidentemente, mas também Dionísio, o Pseudo-Areopagita e outros platônicos, por isso mesmo evidencia o sublime quando se refere à absoluta indeterminação do conceito de “Deus”. Ou seja: a identidade do conceito de Deus é indeterminada e impensável pela mente finita ou humana. Logo, os modos retoricamente mais adequados para falar de Deus são os modos que compõem a indeterminação do seu conceito,

³⁵ Alcir Pécora: Confira, nesta edição, a entrevista concedida por Pécora, intitulada “Vieira é a grande referência da eloquência sacra da Igreja em língua portuguesa”. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Longino: filósofo grego, responsável pelo conceito original de Sublime. A obra sobre este conceito se intitula *Do sublime* (São Paulo: Martins Fontes, 1996).

como modos que afirmam a impossibilidade de representar Deus. Por exemplo, no sermão de Nossa Senhora do Ó, acho que de 1640, Vieira fala de Deus como círculo que tem o centro em toda a parte e a circunferência em nenhuma. Aqui, a imagem é a mesma que encontramos como figura de “eternidade” no *Hieroglyphica*, o grande livro de emblemas de Horapolo.

IHU On-Line - O crítico Luiz Costa Lima falava sobre a “cultura auditiva” que há no Brasil. Como podemos visualizá-la em Vieira, levando em consideração as leituras que ele fazia em público? Havia um fonocentrismo em Vieira?

João Adolfo Hansen - Uma das teses principais que Martinho Lutero publicou em Wittenberg, em 1517, é a da *sola scriptura*, pela qual determina que a *traditio* - os ritos visíveis da Igreja Católica - não é necessária, pois basta o fiel ter uma Bíblia e lê-la em silêncio, sozinho, esperando o auxílio divino. A tese dispensa o clero como mediador entre Deus e os fiéis. No Concílio de Trento, ela foi declarada herética e os bispos do Concílio determinaram que a divulgação da Palavra divina seria feita por pregadores que, no ato da fala, seriam iluminados pelo Espírito Santo. A Igreja Católica proibiu a posse e a leitura da Bíblia aos seus fiéis e determinou que a oralidade seria o meio de divulgação do dogma. Nesse sentido, as novas ordens religiosas criadas para combater a Reforma protestante, como a Companhia de Jesus, reativaram a retórica antiga (Aristóteles, a *Retórica a Herênio*, Cícero, Quintiliano, Marciano Capela etc.), ensinando-a nos colégios e seminários como técnica adequada para falar bem, de modo eficaz. Como se sabe, Vieira mesmo foi professor de retórica em Olinda. Nesse sentido, há um fonocentrismo em Vieira. (Mas ele não lia os sermões, pois isso era entendido como inépcia de mau pregador ou de pregador preguiçoso. Como outros pregadores dos séculos XVI e XVII, ele costumava usar um caderninho com lugares-comuns e

conceitos predicáveis extraídos das Escrituras que aplicava à circunstância do sermão, adequando o discurso à data litúrgica, ao assunto e à condição do público. Como se sabe, ele só escreveu os sermões depois de voltar para a Bahia, em 1681. Os sermões começaram a ser publicados por volta de 1687, 10 anos antes da sua morte; mas ele os vinha fazendo desde 1626). Mas talvez também fosse preciso distinguir e lembrar, por exemplo, que a oralidade é, no caso, uma voz que repete o ditado de uma Palavra essencial que é Letra, escrita num texto sagrado em línguas sagradas, hebraico, grego, latim, a Bíblia, e em outros textos canônicos autorizados que a repetem no comentário. Nesse sentido, a voz de Vieira dirige-se aos ouvidos de um público empírico que, no caso do Brasil, era em sua maioria analfabeto. Mas esse público devia “ler”, no som e no sentido das palavras, a Letra escrita da Verdade, que era novamente revelada pelo padre como presentificação da Presença.

IHU On-Line - Pode ser feita uma aproximação do questionamento da metafísica e da linguagem de fundo barroco, que o senhor estuda em Guimarães Rosa (no estudo *O o: a ficção da literatura em Grande sertão: veredas*), com a obra de Antônio Vieira?

João Adolfo Hansen - A ficção de Rosa tem muito da imaginação platônica do signo quando paradoxos e indeterminação. Por exemplo, Plotino³⁷ e a idéia da beleza intelectual e das palavras não como representação, mas como *logoi spermatikoi*, como

³⁷ Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas* (enneadi). Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da *República* de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da *IHU On-Line*)

“sementes” ou forças produtoras da realidade - como lemos, por exemplo, em “O recado do morro”, e praticamente em todos os textos de Rosa. É possível, certamente, fazer a comparação. Mas acredito que as determinações históricas das duas obras, Rosa e Vieira, são outras: pensemos que Rosa escreve depois dos idealistas alemães, depois do romantismo, depois das experiências vanguardistas com a linguagem, depois da Revolução Soviética, depois do modernismo de 1922, quero dizer, a obra dele pressupõe diversas determinações modernas, que implicam outras conceituações de sujeito, linguagem, realidade, ação, tempo, história, arte, representação etc. Falando genericamente, desde o final do século XVIII iluminista, com Kant, por exemplo, Deus está morto e elas são mais e mais conceituações nominalistas, que não pressupõem as unidades metafísicas da consciência, do signo e da realidade determinadas por um princípio absoluto, Deus, como sua causa e fim, como acontece em Vieira. Provavelmente, a comparação de duas metáforas, uma de Rosa, outra de Vieira, poderia evidenciar a identidade do procedimento técnico de transferência ou condensação de um signo por outro, num caso e noutro caso. Mas as determinações históricas do procedimento metafórico e a significação e o sentido dele são totalmente diferentes, bastando lembrar que Rosa viveu numa sociedade de classes em que Deus está ausente e que Vieira viveu numa sociedade definida como “corpo místico” de indivíduos e ordens sociais subordinados a um rei orientados profeticamente por Deus.

IHU On-Line - Qual era a visão que Vieira tinha da relação do Brasil com a Europa?

João Adolfo Hansen - Para responder esquematicamente, podemos pensar essa relação com uma triangulação, Portugal-Brasil-África, que é econômico-política, também religiosa, e que também implica o projeto de controle do Atlântico Sul. Antes de

tudo, podemos pensar que o Estado do Maranhão e Grão Pará e, principalmente, o Estado do Brasil, são regiões produtoras de mercadorias vendidas por Portugal na Europa, como o açúcar, o tabaco, madeiras, peles, farinhas etc., explorando o trabalho escravo. Uma idéia nuclear de Vieira é obter os grandes capitais dos judeus que fugiram da Inquisição e que no século XVII estão refugiados nos Estados Gerais holandeses e na França, para financiar duas companhias de comércio, a Companhia das Índias Orientais, para a Índia, e a Companhia das Índias Ocidentais, para a América. Vieira previa que elas teriam grandes navios de carga vigiados por navios de guerra muito bem armados e que impediriam o saque de piratas e as contínuas perdas da produção que enfraqueciam o Império. Enquanto isso, a Coroa tem o monopólio do tráfico negreiro, fornecendo escravos africanos, buscados principalmente na Guiné e em Angola para os dois Estados, Brasil e Maranhão. Como diz Vieira, sem Pernambuco não há açúcar; sem Angola, não há Pernambuco. O monopólio determina a recolonização contínua dos colonos que dependem da Coroa para obtenção de mão-de-obra. No Brasil, a Companhia de Jesus catequiza índios e os aldeia, proibindo a escravização deles pelos colonos e só a admitindo em casos de índios vencidos em “guerras justas” ou de índios prisioneiros de outros índios para serem comidos e que são comprados ou trocados.

Objetivamente, a defesa da liberdade do índio reforça a dependência colonial da mão-de-obra africana fornecida pela Coroa e concorre para garantir a posse portuguesa do Atlântico Sul. Vieira interpreta a liberdade do índio brasileiro, profeticamente, como vontade de Deus. Por exemplo, nos vários sermões que faz no Maranhão entre 1651 e 1661, principalmente no sermão da Epifania, que fez em Lisboa em 1662, depois que a Companhia de Jesus foi expulsa de Belém pelos coloniais escravistas, afirma que a América é o 4º Rei Mago que vem adorar Cristo. Os três anteriores, que estiveram na manjedoura quando Cristo nasceu, representavam os três continentes então conhecidos, a Europa, a África e a Ásia. A América existia, evidentemente, mas não conhecia Cristo. Ou seja, na primeira vez, Deus cria o mundo sozinho; mas a criação não terminou e os reis portugueses da dinastia de Avis (D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião), principalmente os dois primeiros, foram causas segundas ou instrumentos da vontade divina quando descobriram o Brasil. Com o descobrimento do Brasil, eles conduziram uma parte da humanidade que não conhecia a revelação de Cristo (os índios) para o grêmio da Cristandade. Como uma nova dinastia que libertou Portugal do domínio da Espanha, os Bragança (D. João IV e seus filhos, D. Afonso VI e D. Pedro II) lideram o país como príncipes escolhidos por Deus para conduzir a América a esse destino.

A fineza do amor

ENTREVISTA COM DIANA MAZIERO

Por e-mail a revista IHU On-Line entrevistou Diana Maziero, que em 2004 defendeu, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a dissertação A “fineza do amor” no teatro sacro-retórico-exemplar do Padre Antônio Vieira. Para ela, “a noção de amor ocupa um papel central nestes sermões”. Orientada por Alcir Pécora, Maziero é mestre em Teoria Literária pela Unicamp. Confira a entrevista, exclusiva, a seguir.

IHU On-Line - Quais são as bases do seu trabalho sobre o teatro sacro-retórico-exemplar de Antônio Vieira?

Diana Maziero - As bases teóricas mobilizadas na execução do trabalho foram de natureza retórico-literária, e neste sentido podem-se citar as obras de Aristóteles (*Retórica*) e o *Manual de Retórica Literária*, de Lausberg³⁸, bem como (e sobretudo) a obra de Gracián³⁹ (*Agudeza y arte de ingenio*), contemporâneo de Vieira e que desenvolve a teoria da *agudeza*, muito cara aos seiscentistas. Ainda utilizaram-se algumas referências sacras, como Santo Tomás de Aquino, sempre ponderando-as como móvel retórico, isto é, como um forma de mobilizar e descobrir os sinais divinos na ação mundana, ou ainda, como o mundo divino, especialmente nestes sermões, se atualiza cotidianamente e através dos sermões, nas ações humanas. Neste sentido, a dissertação de mestrado acerca da “fineza do amor” se desenvolve no âmbito da *invenção*, que é um processo retórico inventivo, criador, segundo o qual o autor extrai e desenvolve as idéias

³⁸ Heinrich Lausberg (1912-1992): retórico alemão autor de, entre outros, *Elementos de Retórica Literária* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982); *Linguística românica* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981) e *Manual de Retórica Literária: fundamentos de una ciencia de la literatura* (3 vols. Madrid: Editorial Gredos, 1966). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ Baltasar Gracián y Morales (1601-1658): prosador, teólogo e filósofo espanhol. (Nota da *IHU On-Line*)

compreendidas (e ocultas) na *res* (coisa) sobre a qual desenvolve seu discurso. A *agudeza* habita também este *locus* retórico da invenção do discurso, na medida em que é mais agudo aquele discurso que desvenda uma ligação mais intrínseca (e por que não dizê-lo) divina, ente as coisas (*rei*) do discurso. Estas ligações entre a coisa e o divino têm vários sentidos, tanto semânticos como retóricos e, dependendo do momento do discurso, assumem uma ou outra figura de linguagem. Neste sentido, é válido também ressaltar o conceito de *nexos equívocos*, em que vários sentidos confluem para uma única ocorrência (textual, no caso deste trabalho, da palavra fineza), sem prejudicar seu sentido principal, por assim dizer, mas contribuindo para que outros subsistam, ao contrário do que atualmente se prega, restringindo a implicação semântica de cada palavra, e utilizando-se *equivoco* como sinônimo de confusão, engano. Como, por exemplo nesta ocorrência, que aparece no intróito do “Sermão do Mandato” (1645): “Vá o amor destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza deles”. Aqui podemos tomar como sentido principal a fineza como sendo propriedade física dos fios; mas no caso, o texto literário, o sermão, está sendo considerado como algo tecido, - este termo é também aplicado ao discurso - e a “fineza dos fios” ganha, assim, um segundo significado, não apenas de parte de compõe o todo e que será desvendada, mas de algo divino, como se fineza fosse atributo das ações divinas que serão repassadas e

atualizadas neste discurso; assim, fineza passa a ser também um nexos equívoco de agudeza.

IHU On-Line - Como foi o processo de escolha dos catorze sermões que inspiraram o trabalho e por que eles foram os escolhidos?

Diana Maziero - Foi considerando estes aspectos peculiares da retórica seiscentista que procedi a escolha dos sermões, após uma leitura atenta da obra de Vieira (*Sermões*). Assim, todos os catorze sermões escolhido para se estudar o conceito de “fineza do amor”, segundo a invenção retórica mobilizada por Vieira, têm algo de especial com relação à ocorrência do termo. Na maioria deles, o termo refere-se à ação exaltada como a mais elevada daquele discurso (e até por isso aparece a ocorrência fineza do amor várias vezes naquele texto). Foi curioso observar como, ao longo de alguns sermões, o termo assume um posto elevado e depois é emulado por outra ação que assume o conceito de fineza do amor. O texto de Vieira é tão vivo que é como se os próprios argumentos se mobilizassem *per si* e ação começasse no mesmo momento em que se inicia a leitura. A cada vez que o lemos, pode-se perceber sentidos novos e ainda mais profundos para este conceito de fineza do amor nestes sermões. O que é comum em todos eles é que, independentemente de terem ocorrido uma ou 75 vezes (como no caso do “Sermão do Mandato” (1650), em que fineza é objeto de uma curiosa disputa retórico-divina), para todos estes sermões, esta ocorrência foi, senão central, fundamental para o rumo que os argumentos tomaram na vertiginosa maquinaria argumentativa do Padre Vieira. Assim, foram escolhidos três núcleos principais de sermões: sendo o primeiro composto por quatro dos seis “Sermões do Mandato”, identificados pelo ano de sua pregação (1645, 1650, 1655 e 1670); o segundo por três “Sermões da Primeira Sexta-Feira da Quaresma” (1644, 1649, 1651); e o terceiro por sete dos onze “Sermões à Glorificação de São Francisco Xavier”, a

saber: “Segundo”; “Terceiro”; “Sétimo-Douces”; “Oitavo-Finezas”; “Nono-Braço”; “Décimo-de sua Canonização”; “Undécimo-de seu Dia”.

IHU On-Line - Pode explicar a expressão “a fineza do amor”, utilizada para falar do teatro sacro-retórico-exemplar de Vieira? Em que consiste esse conceito?

Diana Maziero - Nestes sermões, aparecem dois tipos de amor: o amor humano e a amor divino, sendo o primeiro classicamente descrito como *eros* ou e o segundo, como *ágape*. Em termos bem gerais, o que distingue um amor de outro é que o primeiro é sempre de um para o outro, é uma relação binária entre dois seres humanos; o segundo, por sua vez, diz respeito a um amor trinário e, por isso mesmo, aberto à participação de todos, como prega o versículo do Evangelho de João “amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado”, que é objeto da maioria dos “Sermões do Mandato”; aliás, este é o mandato (mandamento) do amor, sobre o qual versam os sermões. Assim, a noção de amor ocupa um papel central nestes sermões, particularmente no “Sermão do Mandato” (1645) - em que Vieira aponta as ignorâncias do amor humano e justifica, assim, por que o amor humano não é perfeito; e, em contrapartida, demonstra que Cristo amou os homens sabendo e, por isso, de forma perfeita. O amor humano assume um *status* bem delimitado, donde é possível reparar na atualidade das observações de Vieira acerca do amor humano. Assim, ele pondera que o amor humano é imperfeito porque ignora, desconhece (do latim *nesciens*) um destes quatro preceitos do amor: desconhece a si mesmo; ou desconhece o próprio amor, confundindo-o com outro sentimento; ou desconhece a quem ama, então não amaria esta pessoa se a conhecesse; e, por fim, desconhece o próprio fim em que vai parar, amando, metendo-se em empreitadas que prejudicam aquele que ama (o exemplo bíblico desta parte é o de Sansão e Dalila). E não é assim que os homens agem até

hoje? Obviamente, como é um texto sacro, o objetivo é redirecionar o amor dos fiéis, mostrando como Cristo amou os homens sabendo (*sciens*) o que era o amor, conhecendo a si mesmo, como divino e humano ao mesmo tempo, conhecendo os homens e conhecendo o fim onde iria parar amando (a cruz). Por isso, seu amor é fino. É assim, intrinsecamente entremeada numa peça retórico-sacra, que aparece a noção de fineza do amor; se, algumas vezes, ela significa o mesmo que agudeza, em outras, significa “perfeição da coisa”, ou, ainda, significa as duas coisas, sem prejuízo de nenhum dos significados. O que é constante neste conceito é que, em primeiro lugar, está sempre aplicado ao amor divino, principalmente ao do Cristo; em segundo lugar, mas não menos importante, “fineza do amor” descreve sempre um sacrifício: seja o de morrer na cruz, seja o de ausentar-se dos homens, entre outros dos muitos elencados em todos estes catorze sermões; em terceiro lugar, mas não menos importante, ao contrário, o conceito de fineza do amor encerra um movimento retórico, uma agudeza que Vieira descobre aos olhos do público quase no último instante. Neste sentido, é exemplar o “Sermão do Mandato” (1650), em que Vieira pondera qual é a mais fina das finezas do amor de Cristo, analisando os atos de Cristo e seus sentidos de fineza entre si, argumentando que, para cada fineza mobilizada, ele diria outra maior. Desse modo, ele emula (supera) as finezas ditas por Santo Agostinho, para quem a maior fineza de Cristo foi morrer pelos homens; por Santo Tomás de Aquino, cuja opinião é a de que a maior fineza de Cristo foi deixar-se para os homens no Sacramento; e por São João Crisóstomo⁴⁰, que afirma que a maior fineza de Cristo foi ter lavado os pés dos

⁴⁰ João Crisóstomo (347-407 d. C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica e é um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da *IHU On-Line*)

discípulos. Como Vieira supera cada uma delas, deixo ao leitor mais curioso que desvende o próprio texto. Por último, faço uma citação das finezas, que exemplifica minimamente como elas aparecem nos sermões e que cada vez são proferidas segundo um lugar argumentativo, a depender de qual seja o argumento final, falando sobre o fato de Cristo ter lavado os pés dos discípulos, inclusive de Judas: “A fineza do amor mostra-se em igualar nos favores os que são desiguais nos merecimentos: não em fazer dos indignos dignos, mas em os tratar como se o fossem” (S.M. 1650 - IX; p. 357, volume IX de *Sermões*).

***IHU On-Line* - Como aparece a influência política de Vieira em seus sermões?**

Diana Maziero - Como vimos, até aqui, que há vários nexos coexistindo no texto de Vieira, a dimensão política não deixa de estar presente também nestes sermões, embora não tão explicitamente como em outros (por exemplo os compilados sob o título de *Escritos políticos e históricos* por Alcir Pécora), em que Vieira aconselhava reis a tomarem decisões. Ainda que Vieira não seja explícito sobre ações políticas, todos estes sermões dirigem-se a um público pelo menos mais seletivo, no sentido tanto de erudição quanto de poder, sendo alguns mesmo proferidos, na Capela Real, para o rei D. João IV de Portugal, no período áureo de influência de Vieira, que vai da sua chegada na corte em 1641 até a morte do rei em 1656. No entanto, este aspecto da oratória de Vieira não foi abordado neste trabalho e merecia ser mais bem estudado para que a resposta a este questionamento fosse mais precisa.

***IHU On-Line* - Como podemos classificar os sermões de Vieira do ponto de vista literário? Ele buscava ser claro e não obscuro, mas lidava, antes de tudo, com a construção barroca, através de uma apurada retórica e uma sofisticada construção lingüística. Como seus ouvintes recebiam esse alto nível de erudição? Hoje,**

Vieira continua a ser influente?

Diana Maziero - Enfim, invertendo a ordem dos esclarecimentos, cabe ainda acrescentar que Vieira opera um sermão sempre a partir da consideração bíblica em latim, explicando-o e discutindo-o às vezes até palavra por palavra, de modo que todo seu público apreenda o sentido geral de sua pregação. Ainda que mais uns que outros entendam esse sermão, ainda que um sentido ou outro fique mais claro ou menos para determinado ouvinte, a pregação de Vieira é universal, pelo menos para aqueles que o ouvem ou lêem. Desse modo, depende do ouvinte/leitor relevar a retórica, a argumentação sacra, o aspecto político ou prosaico em

cada excerto. De fato, todos eles estão presentes, ainda que em diferentes proporções em cada peça retórica, formando uma peça única, cujos diversos significados até hoje tentamos apreender, valorizando este ou aquele aspecto em detrimento dos demais. Mas quem faz isso é o próprio leitor, pois eles aparecem todos no mesmo texto, tecido de finos fios. A propósito, em relação à classificação literária dos autores deste período, é mais usual o adjetivo seiscentista porque descreve o *modus operandi* deste período; enquanto o termo barroco foi pejorativamente utilizado pelos autores do período subsequente, a partir da descrição que se dava às pérolas imperfeitas, ou barrocas.

Antônio Vieira, o pregador da Palavra

ENTREVISTA COM CLÁUDIA CRISTINA COUTO

Cláudia Cristina Couto é doutoranda em Literatura Portuguesa, na PUC-Rio. Em seu mestrado, também na PUC-Rio, cuja dissertação recebeu o mesmo título desta entrevista, teve a orientação da professora Cleonice Berardinelli, que a conduziu pela obra do Padre Antônio Vieira, sobretudo por seus Sermões. “Em suas mãos, a língua portuguesa torna-se plástica, moldável, viva como um ser de carne e osso”, destaca a pesquisadora. Nesta entrevista, Cláudia nos fala sobre o grande orador que foi o jesuíta, destacando o modo como denunciava as injustiças através de suas palavras e as conseqüências de suas pregações.

IHU On-Line - Como você se aproximou da obra do Padre Antônio Vieira?

Cláudia Cristina Couto - Iniciei a minha pesquisa sobre o Padre Antônio Vieira em 2003, no mestrado em Letras da PUC-Rio. Orientada pela professora Cleonice Berardinelli, escrevi a dissertação “Vieira, o pregador da Palavra”. Nela, apresentei uma pequena biografia de Vieira e de Inácio de Loyola, o seu grande mestre. Analisei, desde a sua gênese, a Reforma e a Contra-Reforma, a sua influência sobre Vieira e o

posicionamento deste diante desses dois movimentos que mudaram a história da Igreja. Examinei o Barroco, que tanto influenciou Vieira com suas tendências e características, e o interesse da Igreja em dele se apropriar para transformá-lo em sua arma de divulgação.

IHU On-Line - Que textos foram selecionados para esse trabalho?

Cláudia Cristina Couto - Selecionei alguns sermões para comprovar minhas propostas. Comecei pelos que se

intitulam “As cinco pedras da funda de Davi”, pesquisando a questão do conhecimento de si mesmo, abordada por Vieira através das parábolas e histórias bíblicas por ele privilegiadas. Nos sermões do Rosário, referentes aos negros, atentei para seu forte cunho social e político, sua dura crítica aos senhores de engenho. Nos sermões do Mandato, tratei da contraposição do amor divino ao humano, destacando a questão do “fino amor”, proposta por Vieira, exposta através do contraste entre a fineza dos dois amores, o divino e o humano, este sempre duvidoso.

IHU On-Line - E, atualmente, no doutorado, qual é a sua linha de pesquisa?

Cláudia Cristina Couto - Prossigo na minha pesquisa com uma tese que se intitula “Das palavras à Palavra: o semear do Padre Antônio Vieira”. Para esse trabalho, selecionei alguns sermões para expor como o orador utilizou o discurso religioso na divulgação da palavra divina e desenvolveu sua habilidade no trabalho com as palavras. Convicto divulgador da palavra, que ele transmitia através do discurso religioso - mais propriamente, através de seus sermões, sabia usar a língua portuguesa com maestria inigualável para persuadir, encantar e seduzir os ouvintes. Apropriando-se da palavra divina, defendeu os negros e os judeus e divulgou o imenso amor de Deus pelos homens. Conhecendo em profundidade a força do discurso, Vieira buscou nas figuras o apoio necessário para persuadir os ouvintes, conseguindo o efeito esperado: a admiração do auditório, diante da engenhosidade do seu discurso.

IHU On-Line - Por que ainda é tão difícil a divulgação da obra de Vieira?

Cláudia Cristina Couto - A obra do Padre Vieira se divide em três grandes áreas: os sermões, as cartas e os escritos proféticos, sendo que a estes últimos ele dava mais importância. *História do futuro* e outros

manuscritos foram escritos em português. Somente a *Clavis Profetarum (Chave dos Profetas)* foi redigida em latim, língua que Vieira tinha pleno domínio. Esta obra ficou inconclusa. Acredito que o Padre Antônio Vieira seja um dos autores mais importantes da literatura portuguesa, e menos estudando por causa do gênero pelo qual optou, o sermão, que não é tão bem recebido como o romance ou a poesia. Ele escreveu uma série de sermões do Mandato, em que celebra o amor de Cristo, demonstrando que este amor é o mais perfeito de todos. O amor do homem é inconstante e volúvel, como a sua própria natureza. O amor de Deus é eterno e verdadeiro, um amor que dá a vida para nos salvar. Nestes sermões, Vieira mostra sua fé segura e inabalável.

IHU On-Line - Conte-nos um pouco da trajetória de Vieira no Brasil...

Cláudia Cristina Couto - O orador veio para o Brasil aos seis anos de idade. Entrou para a Companhia de Jesus aos 15 e, em 1641, fez a sua primeira viagem a Portugal, como um dos três enviados do governador do Brasil, para saudar o rei D. João IV. Logo, conquistou a simpatia deste, tornando-se seu conselheiro e amigo durante toda a vida: nada abalou sua forte amizade. Através dela, Vieira gozou de grande prestígio e poder na corte. Depois da morte do rei, perdeu estes privilégios. Vieira esperava que cada um dos homens desse aos outros aquilo que de melhor Deus lhe deu. Era um homem aberto, esclarecido e muito corajoso. Empenhou-se em favor dos judeus, índios e negros. À defesa destes últimos, dedicou três dos seus belos sermões do Rosário, que pregou diante dos senhores de engenho, todos em ternos brancos e engomados, tendo atrás, de pé, os negros. Vieira, corajosamente, dirigiu-se a estes, e disse ver neles o Cristo. Como os negros, Cristo foi injuriado, maltratado, cuspidor. Deviam, pois, sentir-se eleitos e privilegiados. Imagine-se a revolta e a comoção que tais sermões provocavam!

IHU On-Line - Fale-nos um pouco da atuação do pregador junto aos índios...

Cláudia Cristina Couto - Em sua ação missionária, veio ao norte do Brasil catequizar os índios, confirmando o objetivo da Companhia de Jesus, que era levar a palavra de Deus, convertendo e catequizando os povos que a desconheciam. Para isso, seguia os ensinamentos de Paulo, em Colossenses 3:11, “Não há negro ou judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo ou homem livre, pois Cristo é tudo em todos”. Vieira critica, com força, o comportamento dos colonos para com os índios, condenando a sua ambição, usura, cobiça. Através dos sermões, demonstra que o cativo imposto ao índio é contrário à lei da natureza, e denuncia com imagens fortes o ócio em que vivem os colonos, graças ao trabalho escravo dos indígenas. Depois de muitas contendas e rivalidades entre jesuítas e colonos, aqueles são finalmente expulsos. Conseguem, depois, retornar à missão, com uma ressalva: retornariam todos, menos o Padre Antônio Vieira. Por esta proibição, percebemos o quanto o orador incomodava.

IHU On-Line - E como defendeu os judeus?

Cláudia Cristina Couto - Minoria em sua época, perseguidos, humilhados, mas ricos, defendeu-os o orador com bravura, justificando a sua permanência no reino como forma de garantir a estabilidade econômica de Portugal. Mas não era só este o motivo que o justificava perante si mesmo: ele acreditava que Portugal deveria ser a capital do império universal de Cristo e, portanto, quanto mais judeus houvesse à época dos prodígios, que se aguardavam, para esse momento solene, mais convertidos haveria para a glória de Portugal e de Deus. Empenhou-se pela admissão, no reino de Portugal, dos judeus foragidos e pela moderação das práticas da Inquisição. Ele sabia da importância do

convívio pacífico e respeitoso com esse povo e de sua contribuição social e econômica.

IHU On-Line - Certamente, por causa de sua defesa dessas “minorias”, ele deve ter sofrido retaliações...

Cláudia Cristina Couto - Vieira irá defrontar-se com a prática da Inquisição. Um dos motivos de sua prisão seria a defesa dos judeus e cristãos-novos, sobretudo a escrita da carta “Esperança de Portugal, Quinto Império do Mundo”, em que anunciava a ressurreição de D. João IV. Às acusações responde: era certo haver anunciado a ressurreição de D. João IV, em uma carta que enviara à Rainha viúva, mas a função deste papel era servir-lhe de consolo; quanto à questão judaica, esclarece ser o seu interesse meramente em favor da economia do reino. Em 17 de abril de 1675, fica isento para sempre da jurisdição dos Inquisidores de Portugal e seus representantes, e sujeito unicamente à Congregação do Santo Ofício de Roma, que o absolveu de quaisquer interditos ou penas eclesiásticas em que se achasse incurso até então.

IHU On-Line - Qual é o aspecto do discurso de Vieira que mais a surpreende?

Cláudia Cristina Couto - Vieira, em seus textos, às vezes nos leva por raciocínios que não apreendemos de início, acompanhando-o a nossa dúvida, até que esclareça o seu pensamento. Essa expectativa me deixa encantada. Ele nos faz concordar com uma idéia desenvolvida e, quando estamos bem convencidos da sua verdade, vem a adversativa “mas”, a partir do qual o orador nega tudo que parecia ter aceitado. Insisto em dizer que esse processo, que dificulta a compreensão linear do texto, é o que eu considero um dos grandes atrativos de sua obra. Fernando Pessoa⁴¹, em *Mensagem*,

⁴¹ **Fernando Pessoa** (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como

define-o “Imperador da língua portuguesa”. É realmente um artista que sabe manejar as palavras, manobrá-las de acordo com os seus interesses. Em suas mãos, a língua portuguesa torna-se plástica, moldável, viva, como um ser de carne e osso. Através da paixão que impulsiona seus escritos, transforma os sermões em belas obras literárias. Sua escrita desenvolve-se por imagens vivas e cinéticas, sendo através delas que persuade os seus ouvintes. Nos sermões, há clareza de idéias, coerência interna e unidade de pensamento, funcionando a citação das escrituras como um catalisador de imagens.

IHU On-Line - E como era o Vieira orador?

Cláudia Cristina Couto - Vieira usava o púlpito para criticar, aconselhar, combater, atingindo a sensibilidade dos ouvintes. Artista que era, gostava de ser admirado e aplaudido. Procurava impressionar o auditório com a sua voz, os seus gestos, a sua teatralidade. Pertencia mais à terra dos homens do que aos céus.

heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimenta grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o maior autor da heteronímia. (Nota da *IHU On-Line*)

Cartas de Vieira: fonte de conhecimento sobre o Brasil

colônia

ENTREVISTA COM ENEIDA BOMFIM

Criada em parceira com o Instituto Camões, em 1994, a Cátedra Pe. Antônio Vieira de Estudos Portugueses, da PUC-Rio, é um espaço interdisciplinar de estudos, pesquisas e produção de conhecimento sobre a literatura portuguesa. A professora Eneida Bomfim, do Departamento de Letras da mesma universidade, é também pesquisadora da Cátedra, responsável pelo projeto de pesquisa “Vieira e a língua portuguesa no século XVII”. Nesta entrevista à IHU On-Line, ela fala sobre a importância das cartas deixadas pelo jesuíta, e a riqueza lingüística que elas contêm para aqueles interessados em conhecer melhor a língua portuguesa.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A senhora desenvolve, na Cátedra Pe. Antônio Vieira de Estudos Portugueses da PUC-Rio, uma pesquisa sobre o patrono da Cátedra. Qual seria o ponto central dessa pesquisa?

Eneida Bomfim - Esta pesquisa centra-se nos aspectos lingüísticos do texto de Vieira, sobretudo nas cartas.

IHU On-Line - Há algum motivo especial para a escolha das cartas?

Eneida Bomfim - Os sermões são excelentes para a análise dos recursos retóricos e para o estudo do conceptismo barroco do século XVII. São também importantes para a investigação lingüística. Sirva como exemplo o jogo retórico e estilístico do emprego de orações reduzidas de gerúndio com valor causal em oposição a outras de valor concessivo no “Sermão do Mandato”⁴² de 1645.

⁴² Sermão do Mandato: dividido em primeiro e segundo, foi pronunciado conforme segue: o primeiro às 11 da quinta-feira santa de 1655, na Capela Real, e o segundo às 15h do mesmo dia na Capela da Misericórdia. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Seria possível dar, brevemente, mais informações sobre esse emprego?

Eneida Bomfim - No sermão a que me referi, Vieira desenvolve o tema do amor místico, concentrando-se na fineza do amor de Cristo pelos homens. O ponto de partida são palavras do Evangelho de S. João (Jo 13,1): “Sabendo Jesus chegada a sua hora de passar deste Mundo para o Pai, como tivesse amado os seus que estavam no Mundo, até o fim os amou”. No sermão, a ciência de Cristo opõe-se à ignorância dos homens. Cristo amou sabendo (embora soubesse). Os homens foram amados ignorando (embora ignorassem). No desenvolvimento do tema, as orações reduzidas de gerúndio servem para ressaltar o contraste. Vieira joga com as duas leituras (causa e concessão). O amor dos homens precisa de motivo (causa). O amor de Cristo, não. A ausência de conectores que serviriam de pista à interpretação obriga o leitor/ouvinte a acompanhar o pensamento do orador.

IHU On-Line - Vamos voltar às cartas. Qual é o motivo para a escolha desse material?

Eneida Bomfim - Do ponto de vista lingüístico, elas propiciam um campo mais amplo de investigação. As cartas apresentam diversos graus de formalidade. Embora nelas a linguagem seja elegante e cuidada, ela não se prende à rigidez do discurso oratório. Algumas são muito extensas e encerram longas narrativas e descrições, o que dá oportunidade de ocorrência a estruturas lingüísticas que dificilmente seriam encontradas nos sermões.

IHU On-Line - De que tratam as cartas de Vieira?

Eneida Bomfim - Os temas são muito variados. Por intermédio delas, Vieira documenta relevantes fatos políticos do seu tempo, de que muitas vezes foi um agente importante em missões diplomáticas. Pelas que escreveu como missionário no Maranhão e no Pará, fica-se conhecendo a realidade que encontrou ao chegar: cobiça, guerras injustas, cativo dos índios para as lavouras de tabaco, má administração, corrupção, sem falar no desamparo espiritual que atingia índios e portugueses.

IHU On-Line - Essas cartas trazem alguma contribuição para o conhecimento do Brasil colonial?

Eneida Bomfim - Sem dúvida. Há relatos curiosos sobre a terra, aspectos da flora e da fauna, descrição de costumes e rituais dos índios. É um material que pode servir de base a estudos históricos, geográficos e antropológicos.

IHU On-Line - Seria possível dar uma amostra desses relatos?

Eneida Bomfim - Há uma longa narrativa sobre uma viagem pelo Rio Tocantins em carta dirigida ao Provincial do Brasil, em 1654. Fica-se sabendo sobre as praias de viração, a reprodução das tartarugas, os métodos de

pesca desses animais, sobre os jabutis, considerados peixes por terem o sangue frio e que, por esse motivo, apesar de divergências, eram comidos em dias de abstinência. Fala, ainda, dos crocodilos, chamados “jacarés” na região, que, segundo relatos de pessoas locais, chocam os ovos com o olhar. De fato, esses animais depositam os ovos à beira d’água, expostos ao sol e fitam-nos fixamente até que os filhotes saiam, afastando-se apenas para comer.

IHU On-Line - A senhora falou em costumes e rituais dos índios. Pode dizer algo sobre o assunto?

Eneida Bomfim - Há informações curiosas. Por exemplo, as velas das canoas não são de algodão, material desconhecido dos índios. São de uma madeirinha leve, cortada em tiras finas com ajuda de um cordel e amarradas com cordas de embira, formando uma espécie de esteiras. Para Vieira, essas velas tomam tanto ou mais vento do que as comuns. As canoas são calafetadas e toldadas com recursos da natureza. Os toldos, feitos de um tipo de vime e cobertos com folhas largas de palma, são muito leves e tão bem tecidos que não deixam passar os aguaceiros. Também protegem completamente do sol.

IHU On-Line - E os rituais?

Eneida Bomfim - Vou falar de um nada pacífico, até bem cruel. Um informante relatou o ritual sangrento em que foram mortos um padre e seus doze companheiros. Em dias diferentes, cada um foi amarrado num pau, no meio de um terreiro, cercado pelos índios que cantavam e dançavam com grande algazarra até começarem o ataque a pauladas, mirando a cabeça do prisioneiro. Este ritual decorria de ser costume dessas nações indígenas que os indivíduos só poderiam ter nome se quebrassem a cabeça de um inimigo. Quanto mais alta fosse a dignidade do inimigo, mais honroso seria o nome. Como não era preciso matar o adversário com as próprias mãos,

havia incursões a aldeias inimigas para desenterrar os mortos e roubar-lhes as cabeças.

IHU On-Line - A sua pesquisa diz respeito a aspectos lingüísticos do texto de Vieira. Pode adiantar alguma coisa sobre isso?

Eneida Bomfim - Posso. Creio ter passado a idéia de que o conteúdo das cartas de Vieira é riquíssimo e nem sequer cheguei a mencionar os assuntos politicamente delicados referentes às missões diplomáticas. A expressão lingüística de todo esse material fornece dados importantes para o conhecimento do vocabulário e das estruturas gramaticais mais correntes no texto. Não esqueçamos que Vieira viveu no século XVII, e que a língua deste período apresenta algumas construções em fase final do processo de mudança. É comum a variação entre estruturas novas e outras em vias de desaparecimento.

IHU On-Line - A senhora pode esclarecer mais sobre essa variação?

Eneida Bomfim - Certas estruturas verbais são um bom exemplo disso. Veja-se o caso de construções que a tradição gramatical denomina “tempos compostos”. Essas perífrases são sistemáticas na conjugação verbal e estão ligadas mais ao aspecto do que ao tempo. “Tenho lido”, pretérito perfeito composto, não é o mesmo que “li”, pretérito perfeito. Ambas as formas pertencem ao passado. A primeira expressa um fato não acabado, durativo. A segunda, um fato acabado. Os tempos compostos são recentes no português. Formam-se atualmente, de preferência com o auxiliar “ter”, antigamente com “ter” ou “haver”. Em estágios mais antigos da língua, existiam perífrases com os verbos “ter” ou “haver” com sentido possessivo, seguidos de verbos transitivos no particípio passado. Nesse caso, fazia-se a concordância do particípio passado com o objeto direto. Um exemplo possível seria “enumerou as

conquistas que os romanos haviam feitas”. Nas cartas, entre muitas outras ocorrências, pode-se citar: “[...] chegaram trinta e três ou trinta e quatro velas holandesas, em socorro dos que já se tinham entregues”. Em outro ponto, na mesma carta, a Ânua da Província do Brasil, de 30 de setembro de 1626, lê-se: “[...] tendo eles tomado já uma barçaça.”, um perfeito exemplo de tempo composto.

IHU On-Line - Poderia citar algum outro tipo de variação?

Eneida Bomfim - O caso do pronome “lhe” (correspondente a “a ele/ela”). Os clássicos do século XVI (Camões e João de Barros⁴³, por exemplo) não flexionavam esta forma no plural, como hoje acontece. Em Vieira, as duas situações estão em variação. No singular: “Os nossos lhe [aos holandeses] foram dando até a praia (...)”. No plural: “os de S. Miguel (...) foram restituídos à antiga posse e se lhes concedeu com grande alegria residência dos nossos como dantes”.

IHU On-Line - Que outros fatos lingüísticos chamam a atenção no texto de Vieira?

Eneida Bomfim - Posso enumerar alguns que venho estudando. O verbo ‘ser’ com valor de ‘estar’; a combinação de ‘per’ + ‘o’ (pronome); a sinonímia entre ‘onde’, ‘aonde’ e ‘donde’, a ponto de numa carta encontrar-se a construção ‘de donde’; a oposição entre os modos indicativo e subjuntivo em orações concessivas; casos particulares de concordância verbal, entre os quais existe a concordância do verbo com o elemento mais próximo, quando o sujeito é múltiplo e muitos outros.

IHU On-Line - A senhora teria exemplos desse último caso?

⁴³ João de Barros (1496-1570): escritor, gramático, moralista e historiador, autor das *Décadas da Ásia*. Foi donatário no Brasil de uma das capitâneas hereditárias. (Nota da *IHU On-Line*)

Eneida Bomfim - Nas fichas de dados que trouxe comigo, posso escolher uma ou outra construção que causariam estranheza aos falantes de hoje. “Deus e o mundo verá [...] se é melhor espírito o dos que deixaram esta conquista ou o dos que agora a tomam.” O sujeito está preposto ao verbo, na posição mais habitual, é composto, mas a concordância se faz com o singular. Em outro exemplo, o sujeito múltiplo com seis componentes, dois dos quais no plural, vem posposto e o verbo fica no singular. Logo, a posição não interfere na concordância. “Na mesma tarde, [...] deu o capitão-mor princípio a uma junta na mesma matriz, em que entrou o Sindicante, os prelados das religiões, a Câmara, o Vigário

geral, e todas as mais pessoas assim de guerra como da república, e grande multidão de povo, que sem ser chamado entrou e se não pôde estorvar que estivesse presente.”

IHU On-Line - Essa pesquisa vem sendo divulgada?

Eneida Bomfim - Alguns destes assuntos foram tratados parcialmente em comunicações e artigos publicados na revista *Semear*, da Cátedra Pe. Antônio Vieira. Estou organizando os originais de um livro, que, se não houver imprevistos, deverá sair em 2008, como uma homenagem ao Padre Antônio Vieira.

“Vieira é a grande referência da eloquência sacra da Igreja em língua portuguesa”

ENTREVISTA COM ALCIR PÉCORA

Alcir Pécora é professor livre-docente de literatura na Unicamp, onde leciona desde 1977. Autor de estudos a propósito de literatura colonial brasileira, e, em particular, do sermônario do Padre Vieira, é crítico e colaborador de jornais e periódicos científicos, no Brasil e no exterior. Entre suas publicações, destacam-se Teatro do sacramento (São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 1994); Máquina de gêneros (São Paulo: Edusp, 2001); As excelências do governador (São Paulo: Companhia das Letras, 2002); e Rudimentos da vida coletiva (São Paulo: Ateliê Editorial, 2003). Organizou dois volumes dos Sermões (São Paulo: Hedra, 2000-2001), além das antologias A arte de morrer (Rio de Janeiro: Nova Alexandria, 1994) e Escritos históricos e políticos (São Paulo: Martins Fontes, 1995), todos a propósito da obra do Padre Antônio Vieira. Na entrevista que segue, concedida exclusivamente à IHU On-Line por e-mail, Pécora fala sobre as características dos sermões de Vieira, nos quais ele identifica um “modelo sacramental”. Além disso, afirma que, para Vieira, “o humano é a ocasião divina para efetuação da economia salvífica que deu origem à criação. Tornar o homem co-autor da providência é a chave de sua leitura das escrituras”.

***IHU On-Line* - Qual é a influência de Vieira e seus sermões para a fé cristã nos dias de hoje?**

Alcir Pécora - Para a fé cristã, em qualquer tempo, Vieira é apenas um pequeno gesto em meio a todo o esforço jesuítico e da Igreja Católica para sustentar a sua existência institucional e mística. Os sermões de Vieira são decisivos e únicos apenas para o âmbito erudito da oratória e da literatura cristãs, bem como para a história da língua portuguesa.

***IHU On-Line* - Que tipo de moral aparece nos sermões de Vieira? De que modo ele transparecia o pensamento dos jesuítas?**

Alcir Pécora - Em matéria moral, não havia nada de diferente em Vieira em relação a seus irmãos de ordem, em seu tempo. Trata-se de uma moral articulada de modo ineludível à política cristã. Como dizia, “não há fim sem meios”, isto é, os fins providenciais fornecem igualmente os meios de ação política dos cristãos na história, e estes por sua vez existem exclusivamente para conduzir os homens ao seu destino transcendental. Em termos de vida prática, tal articulação se traduzia numa moral casuística, em sentido técnico, isto é, a virtude ou defeito das ações só poderiam ser identificadas e avaliadas em função das circunstâncias concretas das escolhas dadas ao arbítrio do homem.

***IHU On-Line* - Como entender os sermões de Vieira, tendo em vista o contexto histórico de sua época e o papel dos sermões na Igreja Católica?**

Alcir Pécora - Os sermões de Vieira, convém lembrar, existem da forma e no número que existem, graças à ordem que lhe deu para revisá-los e publicá-los o geral dos jesuítas, Gian Paolo Oliva⁴⁴, um dos homens mais cultos da corte papal em Roma. Desde o início, portanto,

⁴⁴ Gian Paolo Oliva (1600-1681) foi o 11º Superior Geral da Companhia de Jesus. Teve como sucessor Charles de Noyelle. (Nota da *IHU On-Line*)

a sua grande qualidade letrada esteve implicada no cuidado com que os jesuítas e outros grandes da época (Rainha Cristina da Suécia⁴⁵, sobretudo) tiveram em proteger os seus sermões - por vezes do próprio Vieira, mais interessado em continuar os seus escritos proféticos, os quais não se comparam em qualidade retórica ou poética aos sermões. Mas evidentemente as letras não se separam da fé ou da política da fé. Os sermões de Vieira faziam parte, basicamente, do melhor arsenal da reforma católica, que cuidava de orquestrar imagens espetaculares - grande arte, portanto - contra a iconoclastia reformada.

***IHU On-Line* - Qual é a característica mais marcante e os temas mais recorrentes dos sermões de Vieira?**

Alcir Pécora - A característica mais marcante, para mim, é o uso engenhoso do discurso que jamais autonomiza a elocução do sermão do comentário teológico agudo e da política mais agressiva, em termos de tentativa de fornecer uma política cristã global para o Estado português. Os temas mais recorrentes são as alternativas da geopolítica cristã do Estado português; a defesa da política jesuítica das missões indígenas; a reforma dos estilos da Inquisição portuguesa; a conciliação e conversão do judaísmo ao catolicismo.

***IHU On-Line* - Em que sentido os sermões de Vieira podem ser vistos como um modelo sacramental ou como um modelo da literatura barroca?**

⁴⁵ Rainha Cristina I da Suécia (1626-1689): monarca da Suécia de 1632 a 1654. Foi protetora das artes e mecenas de artistas escandinavos. Abdicou do trono sueco para converter-se ao catolicismo, enquanto os monarcas de seu país deveriam ser forçosamente protestantes. Após sua abdicação, as mulheres foram excluídas da linha de sucessão na Suécia - lei revogada somente em 1980, para admitir a princesa Victória como sucessora do atual rei Carlos Gustavo. Cristina inspirou inúmeras óperas, musicais, peças teatrais, livros e filmes, dentre eles a versão hollywoodiana de 1933, Rainha Cristina (*Queen Christina*), estrelado pela atriz (também sueca) Greta Garbo. (Nota da *IHU On-Line*)

Alcir Pécora - Percebo, com alegria, que você leu meu *Teatro do sacramento* ou alguns de meus textos. Com efeito, a idéia de que os sermões são regidos por um modelo sacramental é a principal tese que propus para eles. Significa que Vieira os entendia como um meio discursivo, isto é, retórico, para atualizar a presença verdadeira de Deus entre os fiéis. O sermão, desse ponto de vista, é um análogo da comunhão eucarística. Acho mais preciso falar nesses termos do que em termos de literatura barroca, pois aqui os lugares comuns se acumulam, e o pior: usualmente se separa a matéria retórica da poética e da teologia, o que seria impensável para Vieira.

***IHU On-Line* - Qual seria a herança dos sermões de Vieira para a oratória sacra da Igreja?**

Alcir Pécora - Vieira é a grande referência da eloquência sacra da Igreja em língua portuguesa, em todos os tempos. No século XVII, supera os melhores oradores do tempo: Bossuet⁴⁶, Donne⁴⁷, Segneri⁴⁸, Pallavicino⁴⁹, para citar um pregador de cada grande língua européia de cultura.

***IHU On-Line* - Como era a maneira de Vieira “transformar” os fatos históricos em planos de Deus para os homens?**

⁴⁶ Jacques-Benigne Bossuet (1627-1704): bispo e teólogo francês. Foi um dos primeiros a defender a teoria do absolutismo político. Criou o argumento de que governo era divino e que os reis recebiam seu poder de Deus. É autor de *Política segundo a Sagrada Escritura*, na qual defende a origem divina do poder real. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁷ John Donne (1572-1631): poeta inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ Paolo Segneri (1624-1694): padre jesuíta italiano, missionário e escritor. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ Pietro Sforza Pallavicino (ou Pallavicini) (1607-1667): cardeal e historiador italiano. Foi professor de filosofia e teologia no collegium Romanum. Em 1659 foi nomeado cardeal por Alexander VII. Pallavicino é conhecido principalmente por sua *História do Concílio de Trento*. (Nota da *IHU On-Line*)

Alcir Pécora - É o que ele chamava de fazer doutrina da ocasião, isto é, ver os acontecimentos como parte de um plano de Deus para efetuar uma destinação cristã da História. Na prática, tratava-se de operar de forma a conciliar um crescimento da Monarquia portuguesa sem produzir contradição entre a razão política (“razão de Estado”), a Igreja católica e a moral cristã.

***IHU On-Line* - Qual é a principal riqueza dos sermões do ponto de vista literário e da língua portuguesa? Há um sentido poético neles?**

Alcir Pécora - Reduzindo a resposta ao mínimo, trata-se da capacidade de conjugar domínio de língua, retórica aguda ou engenhosa, erudição teológica e ocasião política.

***IHU On-Line* - Como aparece nos sermões de Vieira a relação entre o divino e o humano no mundo?**

Alcir Pécora - Tornamos à questão sacramental: para Vieira, o humano é a ocasião divina para efetuação da economia salvífica que deu origem à criação. Tornar o homem co-autor da providência é a chave de sua leitura das escrituras. Isto significa dizer também que Deus existe como presença em toda ação humana que o confirma.

Invenção

EDITORIA DE POESIA

Leonardo Gandolfi

O poeta, tradutor e ensaísta Leonardo Gandolfi nasceu em 1981, no Rio de Janeiro. Fez o curso de Letras e o mestrado em Literatura Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF). Realiza o doutorado na mesma universidade, com um projeto que relaciona as obras de Carlos de Oliveira e João Cabral de Melo Neto, e trabalha como professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seu livro de estréia se intitula *No entanto d'água* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2006). Com alto influxo metalingüístico, seus poemas, no entanto, não caem no lugar-comum de remeter apenas à linguagem, mostrando um teor existencial interessante. Trabalha habitualmente com um verso mais longo, embora suas imagens também sejam resolvidas num verso sintético, lidando, constantemente, com elipses e uma sintaxe entrecortada por linhas de pensamento distintas. Gandolfi dialoga, com, por exemplo, as poesias de Marianne Moore e de William Carlos Williams, principalmente quando trabalha com figuras de animais, como o elefante, o cão, a tartaruga, os peixes e os pássaros, juntando a isso uma visão onírica infantil, misturada a cores. Veja-se, por exemplo, o seguinte

poema, inédito em livro: “O coágulo ao fundo daquilo que fica / conforma-se à matéria do lagarto / e ao seu interior raio de ação / Como contraponto / a criança levanta-se da bicicleta / / Em jejum / o lagarto procura na respiração / a sede e o sábado com que abre a flor”. Também percebe-se uma poesia de sentido amoroso, sobretudo nas duas primeiras seções do seu livro de estréia, *No entanto d'água*, em que Gandolfi lida com imagens do corpo feminino. No poema “Desvão”, inédito em livro, Gandolfi escreve: “Dentro de tal nome / porque não sei como / a casa é mais que isso / Vermelho e sem cor / o abraço bem-vindo / na espera do atraso / desses passos dados / calçados em vão / Alguém te convida / - entrar é preciso / [...] / No corpo fechado / da felicidade / enquanto e por isso / a casa é aberta / Deixadas aqui / como quem espera / devagar as sílabas / tocam toda a flor - / mediatriz da mesa / em franco dispor”.

O poema a seguir, enviado especialmente à *IHU On-Line*, faz parte de seu novo livro, com título ainda indefinido.

O jogador de xadrez de Maelzel

Porque no jogo, o adversário, sempre suposto, nada mais faz que repetir antecipadamente as nossas principais jogadas. Muitos pensam em desistir. Uns porque não entendem as regras, outros porque nunca acreditaram nelas. Devagar, por favor, ainda falta um pouco, dizia. As 16 peças, cada uma com seu próprio movimento,

digamos, seus próprios interesses. Comigo, parece, também é assim, sempre assim. Estamos parados. Ação. Mas é tarde. De novo, 64 casas até que. Semana que vem a gente vê. Boa noite. Boa noite. As mesmas jogadas, repetidas e antecipadas pelo oponente, provocam aquilo a que um dia demos o nome de traição, de ternura, como quiser. Pode anotar. Depois disso, só mesmo um provérbio zen: encontrará a vida aquele que a perder. Alguém viu minha caneta? deixei aqui. Nisso assobiamos uma canção de anos atrás, sempre achei que um verso ali tivesse a ver com a idéia da sombra ou, pelo menos, com algo da própria circunstância do jogo. Traduzido, esse verso ficou assim: o 1 é um número dividido. Talvez. Na Pérsia, na Turquia, não me lembro, também jogam assim, o tabuleiro e um pouco mais de discrição. Do outro lado do mundo, no quase inverno de um Rio de Janeiro avesso a invernos: quem sabe, imobilidade não coincida exatamente com falta de movimento. Eu pensava na vitória e na derrota igualmente. Noutras vezes já tinha tentado, também sem sucesso, esse tipo de estratégia. Porque no jogo, o adversário, sempre suposto, nada mais faz que antecipadamente repetir as nossas principais jogadas. Todos, os amigos sobretudo, me advertiam para jogar assim ou jogar assado, porque a vida era uma só. Costumo escutar muito as pessoas, as mais próximas principalmente, por isso o jogo agora, espero, é mais franco, diegético e sincero: o tabuleiro, o 2, o 11 e o provérbio estão aí para provar isso. Ainda assim, talvez exista uma pequena ligação entre as jogadas de hoje e as lágrimas de ontem, as mesmas que evitávamos com sorriso ou com um longo e dissimulado bocejo. Devagar, por favor, ainda falta um pouco. De novo, 64 casas até que eu reconheça no adversário as minhas hesitações, dizia. A propósito, uma boa partida é jogada contra si ou como se. Boa noite. E se erramos, foi por isso. Juventude, reprise, espera.

Brasil em Foco

O holocausto Guarani. “Está em curso um processo de genocídio desse povo”

ENTREVISTA COM EGON HECK

No início, a proposta era outra. Os senhores do agronegócio pretendiam plantar cana-de-açúcar apenas nas terras degradadas do Mato do Grosso do Sul. Mas, com uma perspectiva de lucro cada vez mais alto, eles mudaram de idéia e brigam agora pelas melhores terras da região, as áreas Guarani-Kaiowá. Nas localidades menos produtivas, explica Egon Heck, coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) - MS, “se consegue produzir de 70 a 80 toneladas de cana-de-açúcar por hectare. Já nas áreas Guarani-Kaiowá se produzem até 120 toneladas por hectare”. E é nessa região, enfatiza, que os fazendeiros e as multinacionais estão se instalando.

Enquanto isso, mais de 25 mil índios Guarani-Kaiowá vivem confinados em comunidades indígenas, no estado do Mato Grosso do Sul. Se não bastasse essa situação humilhante, ainda persiste o agravante de uma mentalidade adversa aos indígenas. A elite do agronegócio tem “verdadeiro ódio dos Guarani e, sem dúvida, a perspectiva dela é de que os índios não mais existissem”, revelou Heck, em entrevista, por telefone, à IHU On-Line. Na conversa, realizada na última semana, ele disse que a posição de negação aos indígenas da região será agravada com o plantio da cana-de-açúcar, nos próximos anos. Segundo ele, se a situação permanecer como está, os Guarani-Kaiowá serão as primeiras vítimas do trabalho escravo da cana-de-açúcar. “Multinacionais e grandes usineiros já declararam sua preferência pela mão-de-obra indígena, por ser ela mais submissa ao trabalho escravo e, ao mesmo tempo, mais empenhada na própria produção”, relata.

Confira mais detalhes sobre a realidade dos Guarani-Kaiowá, na entrevista que segue:

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação do estado do Mato Grosso do Sul, que está progredindo economicamente, através do plantio da monocultura de cana-de-açúcar, mas, ao mesmo tempo, tem sua população indígena morrendo de fome e desnutrição?

Egon Heck - Essa situação é dramaticamente contrastante⁵⁰. De um lado, se tem um dos estados de economia mais florescentes do País, baseado na

⁵⁰ Sobre o tema, confira as notícias publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

monocultura de milho, na criação de gado e, agora, a monocultura da cana-de-açúcar está entrando com muita força. E, por outro lado, há muitas populações expulsas do campo, dentre elas principalmente as indígenas. Essas são as mais afetadas, pelo fato de suas terras se situarem, em geral, nas áreas mais férteis que são as de mata Atlântica, no extremo sul do estado, as terras Guarani-Kaiowá. Hoje, na região, existem mais de 20 milhões de cabeça de gado que dispõem de 3 a 5 hectares de terra por cabeça, enquanto os índios Guarani-Kaiowá não chegam a ocupar um hectare por índio. Assim, com falta de terra, centenas de sem terras indígenas são obrigados a se deslocar para a beira das estradas. Essa é uma situação calamitosa para essas populações, além de gritante em termos de injustiça para com os povos indígenas e os trabalhadores sem-terras.

IHU On-Line - Com o destaque econômico do Mato Grosso do Sul e a construção de novas usinas de açúcar, o senhor acredita que os índices de opressão entre e contra os índios tendem a aumentar?

Egon Heck - Sem dúvida, o plantio de cana-de-açúcar, que hoje está em torno de 150 mil hectares e em cinco anos chegará a 1 milhão de hectares, com a implantação de mais de 60 usinas de cana-de-açúcar, trará um agravamento muito grande para os índios Guarani-Kaiowá. Para se ter uma idéia da gravidade do que vem ocorrendo no Mato Grosso do Sul, apenas neste ano 50 índios foram assassinados no Brasil. Desses, 40 moravam no estado. Então, mais de 60% dos assassinatos de índios no País acontece no Mato Grosso do Sul, e com os Guarani-Kaiowá. Esses dados têm aumentado. Os números de suicídios, por exemplo, ficam em torno de 50 a 60 por ano, e o número de crianças que morrem por desnutrição chegou a mais de 30, desde 2005.

Aldeias ou campos de concentração?

Em pequenas áreas indígenas como Dourados, quase 13 mil índios dividem 3,5 mil hectares de terra. Em Amambai, 1,6 mil hectares são utilizados por 6,5 mil índios. Em Caarapó (Tey Kue), aproximadamente cinco mil índios dividem 2,4 mil hectares, e, em Porto Lindo, outros 4 mil índios convivem em 2,5 mil hectares de terra. Com o exemplo dessas quatro comunidades, pode-se ter uma idéia do confinamento em que eles são submetidos. Hoje, chamamos esses locais de campos de concentração, um holocausto Guarani, onde, de fato, está em curso um processo de genocídio desse povo.

Kaiowá-Guarani: a pedra no sapato do agronegócio

Se não bastasse essa situação de confinamento, ainda há o agravante de uma mentalidade extremamente adversa aos índios. A maioria da elite do campo e do agronegócio tem verdadeiro ódio dos Guarani e, sem dúvida, a perspectiva dela é de que os índios não mais existissem. Essa posição será agravada com o plantio intensivo da monocultura de cana-de-açúcar, nesses próximos anos. Aliás, esse processo já está aceleradamente em curso, o que faz com que os índios, em primeiro lugar, se tornem vítimas do próprio trabalho escravo da cana-de-açúcar. Multinacionais e grandes usineiros já declararam sua preferência pela mão-de-obra indígena, por ser ela mais submissa ao trabalho escravo e, ao mesmo tempo, mais empenhada na própria produção.

Hoje, para que uma pessoa que trabalha com cana-de-açúcar tenha uma renda razoável de R\$ 500,00 por mês, ela precisa produzir, no mínimo, 12 toneladas de cana, por dia. Esse ritmo de trabalho garante uma vida útil de 12 a 13 anos, o que é inferior inclusive à época do início da escravidão, em que os índios também foram utilizados no trabalho de usinas. Naquela ocasião, eles viviam, no trabalho, em torno de 15 a 17 anos.

Em segundo lugar, com a plantação exacerbada de

cana-de-açúcar, as terras ficarão mais valorizadas. Num dos debates que realizamos na região, eu lembro que um dos fazendeiros do agronegócio chamou a atenção para o fato de que a rentabilidade na cana-de-açúcar seria até 12 vezes mais do que, por exemplo, o mesmo número de hectares ocupados por gado. Hoje, os fazendeiros cobram o dobro no arrendamento de um hectare de terra utilizada para o plantio de cana-de-açúcar, referente ao mesmo espaço que arrendam para a plantação de soja. Realmente, isso desencadeia uma corrida frenética em direção às melhores terras. Quanto a isso, faço outra observação: falava-se muito que a cana-de-açúcar iria ocupar as áreas degradadas, no estado. Áreas degradadas nada! Nessas terras, se consegue produzir de 70 a 80 toneladas por hectare. Já nas áreas Guarani-Kaiowá, nas melhores terras, se produzem até 120 toneladas de cana-de-açúcar por hectare. E é nessa região que os fazendeiros, senhores do agronegócio e multinacionais vão se estabelecer, aliás, já estão se estabelecendo. Grandes grupos multinacionais, nesse aceno do lucro certo, estão comprando terras que lhes dão uma possibilidade de controle estratégico de uma das grandes riquezas da região, que é a água, tanto do do aquífero guarani⁵¹ como de todas as bacias de água que existem na região.

***IHU On-Line* - Além da briga pela demarcação de terras, quais serão os próximos problemas a serem enfrentados pelas comunidades Guarani-Kaiowá?**

Egon Heck - A dificuldade deles com a terra é o problema da fome. O sistema da economia Guarani, que

⁵¹ Aquífero Guarani: uma das mais importantes reservas hídricas do planeta, sua manutenção está relacionada à capacidade de recarga, que ocorre em território brasileiro, no estado do Mato Grosso do Sul. Sobre o aquífero guarani, confira as entrevistas especiais realizadas pelo site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: "O Aquífero Guarani: a maior reserva de água potável da América Latina", com Jorge Luiz Rabelo, em 05-10-2006, e "Águas do Aquífero Guarani: um recurso nobre", com Ricardo Hirata, em 02-08-2006. (Nota da *IHU On-Line*)

é uma economia de reciprocidade, voltada para a vida, é totalmente chancelado. Eles não têm, muitas vezes, nem um quintal para plantar um pé de mandioca. Dourados é hoje, praticamente uma favela indígena confinada. Essa realidade da fome tende a se agravar, porque a dependência deles vai ser cada vez maior. Atualmente, em torno de 90 a 95% das famílias Guarani-Kaiowá estão sujeitas à dependência de cestas básicas, distribuídas pelo governo. Se houver qualquer problema com a distribuição dessas cestas, eles passam fome. Por isso, resolver as questões da fome, da recuperação da terra, de políticas públicas integrais articuladas na parte da produção, da recuperação ambiental, pedem medidas urgentes. Os índios costumam dizer que tiveram suas terras com mata, animais, frutas roubadas, e ganharam de volta o capim, ou seja, terra morta. Essa terra terá que passar por um processo de tentativa de recuperação para que eles possam voltar a viver com o mínimo de dignidade.

***IHU On-Line* - Qual é a reação do governo perante a carta enviada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que reivindica ações urgentes para a população indígena? Vocês já obtiveram alguma resposta?**

Egon Heck - A resposta mais imediata foi recebida no dia seguinte, quando a Polícia Federal foi em Nande Ru Marangatu⁵² e fez apreensões de meia dúzia de armas de grosso calibre e fuzis, que são exclusivos das forças armadas, mas que estavam nas mãos dos pistoleiros, nas fazendas. Esse foi um primeiro momento, mas que não surtiu um efeito mais substancial, porque, nos dias seguintes, os pistoleiros continuaram dando tiros por cima das comunidades. Então, nosso apelo, com o envio da carta, foi no sentido de que haja um julgamento imediato da ação que paralisou a homologação das

⁵² A Terra Indígena Nande Ru Marangatu é ocupada tradicionalmente por grupos de índios Guarani-Kaiowá do sul do Mato Grosso do Sul, (Nota da *IHU On-Line*)

terras. O Lula aprovou a demarcação ainda em 2005, e, em março do mesmo ano, o então ministro do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, passou liminarmente a homologação. Esse processo, que se esperava que fosse julgado ainda em 2005, se arrasta até hoje. Ao mesmo tempo, esperamos ações eficazes da Funai e da Polícia Federal, no sentido de coibir essa brutal violência, que tem como intuito atemorizar os índios, para que eles não continuem na terra. Assim, julgamos fundamental a reversão desse quadro, para dar paz a essas comunidades que estão, desde a morte de Marçal, em 1983, até hoje, submetidas a uma permanente situação de fome, violência, despejos, mortes.

IHU On-Line - O povo Guarani-Kaiowá chegou a ocupar 3 milhões de hectares do atual território do Mato Grosso do Sul. Hoje, essa área se reduziu a 40 mil hectares. Quem é o maior oponente dos indígenas, e como a situação da terra chegou a tamanhas proporções?

Egon Heck - Isso é fruto, em parte, do processo histórico da ocupação econômica dessas terras na região, e da própria mentalidade Guarani, para quem, de certa forma, não fazia sentido ser dono da terra. O povo Guarani-Kaiowá sempre entendeu que as terras foram feitas para se viver. As matas e os animais eram vistos como seus recursos naturais. Mas eles acabaram trabalhando na consolidação do sistema de fazendas e da erva mate. Nessa época, os índios ainda conseguiam viver na mata. Mas, com a chegada do agronegócio, tudo foi transformado em pasto e plantação de soja. Assim, os índios acabaram sendo carregados em caminhões, para esses confinamentos. Esse processo de ocupação histórica da região e a ocupação da terra fizeram com que eles efetivamente acabassem nessa situação de ficarem sem terras de não terem, hoje, condições objetivas de uma sobrevivência com dignidade.

IHU On-Line - Como está se dando a mobilização indígena para agilizar a demarcação das terras?

Egon Heck - Os índios estão lutando pelo reconhecimento e pela retomada das terras tradicionais, onde moravam as comunidade que foram expulsas. Esse processo está em curso. Eles estão se mobilizando, e na semana passada estiveram em Brasília. Tem crescido também, entre os Guarani-Kaiowá, a realização de grandes assembléias para pensar estratégias de recuperação da terra. O problema é que esse processo é lento. Nesse ano, apenas uma terra foi retomada, em Kurusu Amba, no mês de janeiro. Sem dúvida, o grande desejo dos Guarani-Kaiowá é voltar a viver o “nade reko”, ou seja, o jeito de viver guarani, que é profundamente espiritual, ligado à integralidade e à harmonia com a terra.

IHU On-Line - O senhor já presenciou algum ato de violência nessas comunidades, ou tem relatos das explorações que eles vêm sofrendo nas aldeias?

Egon Heck - Sim, são vários. Essas situações de violência são quase que diárias. Eu acompanho mais de perto as ligações telefônicas do pessoal. Eles nos telefonam desesperados, da beira das estradas, e relatam principalmente as mortes de fome. Nós tentamos acionar algumas instâncias, como a assembléia legislativa, mas o atual governo suspendeu e destruiu as 11 mil cestas básicas no início do ano. Isso criou uma situação ainda mais caótica nas comunidades. Em janeiro e fevereiro desse ano, eles passaram fome.

Diretamente, nas comunidades, eu não tenho estado nos momentos em que ocorrem as agressões, mas, sempre que visitamos as aldeias, eles contam histórias de suicídio e de assassinatos. Em Dourados, por exemplo, ocorrem os maiores índices de violência, que são agravados pelo alcoolismo, pela droga e também pelo trabalho escravo, na plantação de cana-de-açúcar. Hoje, a gravidade maior está relacionada ao processo de

desintegração social do povo Guarani-Kaiowá. Os homens, geralmente, vão para a usina e ficam lá até 70 dias, enquanto mulheres e crianças ficam nos barracos, se sustentando com R\$100,00 de adiantamento que eles recebem pelo serviço.

***IHU On-Line* - Muitos jovens indígenas estão se suicidando. O que essa atitude significa para o senhor? Ela representa o ponto máximo de desespero das pessoas?**

Egon Heck - Os jovens são os que mais vivenciam esse drama, porque, por um lado, existe a perspectiva de futuro, mas ao mesmo tempo, a raiz do passado está bastante fragilizada pelo processo de relações, dos contatos, das necessidades geradas. Então, tudo isso faz com que os jovens Guarani-Kaiowá representem 80% das mortes, atualmente. Embora os jovens tenham um sistema educacional bem montado, entre eles, esses dados revelam a situação de desesperança no futuro, que retratam, por sua vez, uma situação de falta de identidade, que começa a tomar conta dessa juventude. Alguns professores Kaiowá-Guarani também se suicidam. Isso mostra que não basta ter um emprego público, como professor ou agente de saúde ou trabalhar na usina. Parece que o horizonte está se fechando perigosamente. Só será possível arejar essa perspectiva de futuro, na medida em que terra, identidade e condições dignas de vida possam ser recuperadas.

***IHU On-Line* - E como falar de direitos humanos nestas circunstâncias?**

Egon Heck - Isso é algo que nos questiona profundamente, enquanto sociedade. O Brasil não só tem dívida com esses povos, mas uma culpa muito grande, na medida em que estamos permitindo que se implante um tipo de sistema que nega e que fecha as portas para a realidade dos povos. Além disso, é um sistema que concentra tremendamente as riquezas e os bens nas

mãos de uns poucos, enquanto os demais ficam cerceados minimamente em suas condições de vida. Eu sempre digo que o nosso trabalho precisa ser mais eficaz, não só junto aos índios, mas junto à sociedade, na perspectiva de uma transformação e de uma ruptura mais profunda, em termos de modelo de direitos humanos.

A declaração universal dos direitos dos povos indígenas, que foi aprovada pela ONU, no dia 13 de setembro⁵³, caiu num certo vazio nessa região, e permanecerá assim enquanto não houver um esforço do estado brasileiro de reverter esse quadro.

***IHU On-Line* - Como o senhor percebe os projetos de lei que tratam da exploração de recursos minerais em terras indígenas, principalmente na Amazônia?**

Egon Heck - Desastroso. Várias áreas na Amazônia estão loteadas pelas grandes mineradoras nacionais e multinacionais. Quando esses projetos forem aprovados, será uma desgraça para esses povos. Na melhor das hipóteses, eles vão ficar com algumas migalhas, e a grande maioria dos índios será submetida a um açoitamento civilizatório de espoliação, de valores. O que os Guarani-Kaiowá vêm passando no Mato Grosso do Sul irá se repetir com vários povos da Amazônia, especialmente da calha norte, que é a região em que existem mais jazidas minerais. O grande problema é que lá as empresas pretendem fazer mineração dentro das terras indígenas. Mesmo nas terras demarcadas, serão regularizadas explorações.

***IHU On-Line* - A capacidade que os índios vêm buscando, através das universidades, garantirá um futuro diferente para eles e poderá mudar o histórico futuro dessas comunidades?**

⁵³ Confira no sítio do IHU a cobertura sobre o tema. (Nota da *IHU On-Line*)

Egon Heck - Essa é uma das ferramentas que os povos estão utilizando hoje. Eles costumam dizer que também estão combatendo os problemas com a caneta e, principalmente, com a sabedoria própria do povo, unindo a ciência e a técnica aprendida da sociedade não indígena. Assim, eles conseguem elaborar ferramentas eficazes de luta pelos seus direitos. Infelizmente, grande parte dos universitários indígenas talvez acabem sucumbindo a interesses individuais de conseguir um melhor estado de vida, se distanciando, muitas vezes, das comunidades de seu povo. Mas creio que, tendencialmente, o próprio movimento indígena consegue fazer com que seus estudantes tenham compromissos com suas comunidades, ao mesmo tempo que se adequem, cada vez mais, às próprias instâncias do conhecimento, como escolas e universidades indígenas, respeitando e valorizando o que é do próprio do seu povo. Isso tudo me parece ser um dos grandes acenos e contribuições da criação de novos modelos de sociedade, de novas perspectivas de países, que nós vemos, com bastante otimismo, na América do Sul.

Esse modelo indígena que passa pelo processo educacional tem contribuído no sentido de construir novas forças, elementos organizativos e perspectivas de administrar com autonomia seus territórios. No entanto, num processo mais amplo, é necessário revitalizar os valores, as religiões, as culturas desse povo.

IHU On-Line - O governo do estado tem discutido, junto ao Governo Federal, alternativas para resolver os problemas dos povos indígenas da região, tanto no que se refere à demarcação das terras, como às violências sofridas pelos índios?

Egon Heck - Infelizmente, a impressão que se tem e o que nós temos visto por aqui é que esse é um diálogo meio de surdos, porque as coisas não se dão de uma maneira muito clara e eficaz como deveriam ser, para chegar a entendimentos e conclusões mais efetivas com

relação a esses problemas. Por exemplo, existe, na questão da terra, uma responsabilidade do governo estadual com relação à desapropriação de áreas e à titulação de áreas que eram indígenas e que acabaram sendo transferidas para propriedades particulares, pelo governo do Mato Grosso, e depois do governo do Mato Grosso do Sul, com a divisão do estado. Essa responsabilidade precisa ser assumida pelos governos e pela sociedade sul matogrossense, porque foram eles que de alguma maneira propiciaram essa espoliação das terras indígenas.

IHU On-Line - Qual é o maior desafio para os povos indígenas do Mato Grosso do Sul?

Egon Heck - O grande desafio hoje é pensar a questão indígena, não como uma forma isolada, mas como um grande desafio nacional e do Mato Grosso do Sul, que conclama a todos nós a uma ação urgente e eficaz a curto prazo. A longo prazo, é necessária uma perspectiva sábia e inteligente, além de uma ação com justiça e equidade solidária para a reconstituição desses espaços de vida e felicidade do povo Kaiowá-Guarani em suas terras.

A articulação dessas instâncias fará com que nós tenhamos a coragem histórica de mudar as nossas mentalidades e as nossas estruturas sociopolíticas, econômicas. Assim, abriremos espaço de oxigenação para que esses povos possam respirar, e não só continuar as suas lutas, mas contribuir na construção de uma nova história, com justiça e solidariedade.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 12-11-2007 A 16-11-2007

Racionais MC's e a crítica social através do rap e do hip-hop

Anderson Grecco

Confira nas *Notícias do Dia* 12-11-2007

Utilizando-se da linguagem da periferia, o grup rap Racionais MC's faz um discurso contra a opressão à população marginalizada na periferia.

Rádios Comunitárias. Um plano geral

Cláudio Antonio Guerra

Confira nas *Notícias do Dia* 13-11-2007

O sociólogo e economista Cláudio Antonio Guerra comentou o caso da Rádio 93.5FM, Rádio Solidariedade, do Rio Grande do Norte, que foi proibida de transmitir sua programação, pelo Ministério Público Federal.

Um balanço da marcha do MST

Cedenir de Oliveira e Irma Ostruski

Confira nas *Notícias do Dia* 14-11-2007

Depois de percorrer o Rio Grande do Sul, a fim de pressionar o Governo Federal, o MST fez um acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), com o objetivo de debater a importância da Reforma Agrária.

Um retorno ao passado para entender o futuro

Gunter Axt

Confira nas *Notícias do Dia* 15-11-2007

Para o pesquisador associado da USP e diretor da Axt Consultoria Histórica Gunter Axt, as perguntas formuladas sobre o passado partem justamente de impasses e desafios vividos no presente.

Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros Héctor Samour

Confira nas *Notícias do Dia* 16-11-2007

Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros, a *IHU On-Line* entrevistou Héctor Samour, coordenador do doutorado em Filosofia Ibero-Americana na Universidade Centro-Americana - UCA, de El Salvador, sobre a contribuição do jesuíta para a filosofia da libertação.

Tecnobiociências. “Diante do menos risco, devemos parar”.

Vera Lúcia Caldas Vidal

Confira nas *Notícias do Dia* 17-11-2007

Nanotecnologias, transgênicos, clones, genoma, genética modificada: até que ponto podemos interferir no meio ambiente para o bem do homem? Esta é abordagem da entrevista concedida por Vera Lúcia Caldas Vidal, graduada e mestre em Filosofia.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Jeremy Rifkin, Boaventura de Sousa Santos, Naomi Klein, Ulrich Beck, Peter-Hans Kolvenbach, Marcio Pochmann, Charles Taylor, entre outros, foram autores de textos e/ou entrevistas publicadas nas Notícias do Dia da última semana, no sítio do IHU.

Frases da Semana

AO LONGO DA SEMANA, O SÍTIO DO IHU PUBLICA AS FRASES DO DIA. EIS AQUI UMA SÍNTESE DELAS

Sinergia

“Há uma sinergia entre o neoliberalismo e o terrorismo. O neoliberalismo não quer baixar os custos para a obtenção da paz social. O terrorismo ajuda nisso porque produz um clima onde ninguém se atreve a exigir e a por exigências” - **Peter Sloterdijk**, filósofo alemão - *El País*, 13-11-2007.

Chávez e o Rei

“Faz 500 anos que de Madri imperial partiu a ordem: que se calem. [...] Por que não te calas, Túpac Amaru? Os fizeram calar quando lhes cortaram as gargantas [...]” - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *Folha de S. Paulo*, 14-11-2007.

“O rei da Espanha briga com o presidente da Venezuela, em cena que se tornou sucesso do YouTube e dos sons para celulares. Quem ganha? Luiz Inácio Lula da Silva e o Brasil” - **Clóvis Rossi**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 14-11-2007.

“Podem criticar o Chávez por qualquer outra coisa, inventem uma coisa para criticá-lo; mas por falta de democracia na Venezuela, não é” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 15-11-2007.

“Bolívar ressuscitou sob a pele de Chávez contra a Coroa de Espanha” - **Ernesto Ekaizer**, articulista espanhol - *El País*, 15-11-2007.

“O rei teve sorte, porque, se eu tivesse ouvido o que ele falou, teria lançado uma flechada, porque sou um índio, um pouco negro e branco” - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela - *O Estado de S. Paulo*, 17-11-2007.

Rearmamento

“Têm razão o presidente Lula e o ilustre ministro Jobim quando advertem que o Brasil não participa da corrida. Precisa somente

modernizar e ampliar a força operacional das nossas Forças Armadas com substancial aumento de investimento...” - **Delfim Netto**, economista, ex-ministro dos governos militares - *Folha de S. Paulo*, 14-11-2007.

“Voltamos à pauta do regime militar: petróleo e submarino nuclear. Só falta o Brasil potência” - **Raul Jungmann**, deputado federal - PPS-PE - sobre a idéia do ministro Nelson Jobim (Defesa) de o país adquirir um submarino nuclear para proteger a região do megacampo de petróleo de Tupi, na Bacia de Santos - *Folha de S. Paulo*, 18-11-2007.

Yeda

“O governo (Yeda Crusius) não pode pedir aumento de impostos enquanto o dinheiro público escorre pelos ralos da corrupção” - **Paulo Feijó** - DEM - vice-governador do RS - *Jornal do Comércio*, 14-11-2007.

“Bem, é a oportunidade da governadora de colocar em prática o tal jeito novo de governar. Até agora, só vimos velhas propostas para problemas antigos” - **Fernando Ferrari**, professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), comentando a derrota de Yeda Crusius na Assembléia, ontem - *Zero Hora*, 15-11-2007.

“Haverá cortes, sim, e haverá dor” - **Yeda Crusius**, governadora do RS - PSDB - *Zero Hora*, 16-11-2007.

Mídia

“Hoje os meios de comunicação são o único poder que não têm um contrapoder, como têm os poderes político, econômico. O poder midiático não aceita um contrapoder, por essa característica de se considerar o guardião da liberdade de expressão e da democracia” - **Ignácio Ramonet**, diretor do *Le Monde Diplomatique* - *Folha de S. Paulo*, 18-11-2007.

Agenda de eventos

Dia 19/11/2007

*Quem sente culpa não ama*¹

Encontros de Ética

Prof. Dr. Julio Cesar Walz

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 21/11/2007

*Ética e Ciência: Tensões (Meta) Epistemológicas*²

III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS

Horário: das 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

*Compreendendo as idéias econômicas dos institucionalistas*³

III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Prof. Dr. Octávio Augusto Camargo Conceição - UFRGS e FEE

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 22/11/2007

Lendas Negras do Sul: o negro na obra de Simões Lopes Neto

Formação Étnica do Rio Grande do Sul na História e na Literatura

Prof. Dr. Paulo Roberto Moreira - Unisinos

Horário: 19h30min às 21h45min

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

*SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro*¹

IHU Idéias

Jornalista Sonia Montañó

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

¹ Confira nesta edição uma entrevista com Julio Cesar Walz. (Nota da *IHU On-Line*)

² Confira nesta edição uma entrevista com o professor Ricardo Timm de Souza. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Confira nesta edição uma entrevista com o professor Octávio Conceição. (Nota da *IHU On-Line*)

Dia 24/11/2007

O futuro do capitalismo - Filme: *Brazil - O filme*, de Terry Gilliam

Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O capitalismo visto pelo Cinema

Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos

Horário: 8h45min às 11h45min

Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Culpa: sentimento auto-excludente

ENTREVISTA COM PAULO SERGIO ROSA GUEDES E JULIO WALZ

“O sentimento de culpa é, no íntimo, motivo de orgulho para quem o sente”, e o sentimento de autopunição aumenta a sensação de onipotência, ou seja, o orgulho de si mesmo. A opinião é de Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz, e faz parte do novo livro deles, intitulado O sentimento de culpa (Porto Alegre: Edição do autor, 2007).

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, eles esclarecem que esse sentimento não é “algo que assola o indivíduo”, mas sim, “um sentimento criado, mantido e cultivado pela própria pessoa com a intenção, clara e indiscutível, de procurar algum grau de auto-valorização”.

Walz é psicólogo clínico, graduado em Psicologia, pela Unisinos, e doutor em Ciências Médicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é pesquisador do Laboratório de Psiquiatria Molecular do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Paulo Sergio Rosa Guedes é médico, graduado em Medicina, pela Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, e especialista em psicanálise, pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica, de Porto Alegre. Atualmente, ele é professor convidado do curso de especialização em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Ulbra.

Julio Walz estará participando do Encontros de Ética, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nesta segunda-feira, dia 19-11-2007. O evento ocorre na sala 1G119, às 17h30min.

¹ Confira nesta edição uma entrevista com a jornalista Sonia Montañó. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Os senhores acabam de lançar o livro *O sentimento de culpa*. Que aspectos novos os senhores abordam no livro?

Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz -

Explicitamos em nosso livro o conceito de sentimento de culpa como algo bem diverso das idéias correntes sobre o mesmo. Nós pensamos, com convicção, que o sentimento de culpa não é algo que assola o indivíduo ou do qual o indivíduo se sente tomado e/ou vítima, mas, sim, consideramos o mesmo como um sentimento criado, mantido e cultivado pela própria pessoa com a intenção, clara e indiscutível, de procurar algum grau de autovalorização. Esta autovalorização, ilusória obviamente, se desenvolve através do esforço de tentar ser, e/ou sentir ser, o causador de tudo, o “centro do mundo” e com a nítida convicção de que tudo dependeu, depende e dependerá dela. Em outras palavras, o sentimento de culpa é um sentimento megalômano, um sentimento delirante de grandeza.

A abordagem do livro é justamente a de tentar mostrar que culpa e responsabilidade são sentimentos auto-excludentes. Quem se sente culpado não se sente responsável e vice-versa. Tal abordagem, tanto quanto sabemos e pesquisamos, é de certa forma inédita nos escritos sobre o tema.

IHU On-Line - O tema da palestra, no IHU, do Dr. Julio Walz terá como temática a discussão “quem sente culpa não ama”. Os sentimentos de culpa e amor estão interligados e relacionados, em nossas vidas?

Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz -

Absolutamente, não estão nem interligados e nem relacionados. A culpa e o amor são de uma incompatibilidade extraordinária: um não se mistura

com o outro. São sentimentos inversamente proporcionais. Quanto maior um, menor o outro. A pessoa que se sente culpada não gosta de si mesma e, portanto, não admite ser gostada por outro, por mais contraditório que isto pareça à primeira vista. Ou ainda, como a pessoa não gosta de si mesma, ou melhor, não construiu sua vida de dentro para fora, exige que os outros gostem dela, para que se sinta tratada como se fosse o “centro do mundo”. Tal circuito, nitidamente, torna-se infinito e sem saída.

IHU On-Line - Como o sentimento de culpa influencia na autopunição ?

Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz - Em nada.

O sentimento de culpa é, no íntimo, motivo de orgulho para quem o sente, por mais incrível que isto possa parecer. E a chamada autopunição só aumenta a sensação de onipotência, ou seja, o orgulho de si mesmo.

Um exemplo pode ajudar nesta questão: uma criança está em casa brincando. O pai chega irritado e, de repente, bate na criança que sadiamente brincava. A criança, por ser indefesa e desproporcionalmente inferior, inverte seu sentimento de raiva e a transforma em culpa. Ou seja, ao invés de considerar seu pai um louco, prefere sentir e pensar que ela de fato fez algo de muito errado. Sente-se a causadora total do descontrole do pai, chegando ao ponto, inclusive, de dar-lhe razão pela agressão sofrida. Ao fazer isto, ela se autovaloriza, sente-se causadora de tudo e, por fim, protege-se da solidão e passa a aceitar naturalmente um pai violento. Ou melhor, prefere sentir-se a causadora da sua dor do que viver sem pai.

IHU On-Line - Se não curado, de que maneira o sentimento de culpa pode interferir negativamente na vida social e amorosa das pessoas?

Paulo Sergio Rosa Guedes e Julio Walz - Através da presença constante de verdades absolutas, de conceitos como certo e errado, de parâmetros que supostamente devem ser mantidos na vida etc. Em outras palavras, faz da vida social e amorosa das pessoas uma disputa e não um convívio. A pergunta

poderia ser feita de maneira mais provocativa. É possível querer largar o sentimento de poder? Um sentimento que delirantemente nos faz acreditar que nos aproximamos da vida, nos torna o centro do mundo, causadores de tudo além da falsa impressão de que tudo depende de nós? Quem é o “louco” que iria querer largar isto?

Os desafios de uma nova ética

ENTREVISTA COM RICARDO TIMM DE SOUZA

A ética só tem sentido “se estiver no fundamento das ações, e não se postar meramente como corretivo das ações”. A opinião é do professor Ricardo Timm de Souza, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em entrevista à IHU On-Line, por e-mail, ele garante que os desafios éticos do futuro já estão definidos no presente, e que a ética não permitirá “qualquer tipo de automatismo tecnocientífico ocupe a posição decisória a respeito daquilo que exige prudência”.

Souza é graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ele também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs).

Confira mais detalhes na entrevista que segue:

IHU On-Line - Qual será a ética do futuro pós-humano, em que homens e máquinas serão um só? Os conceitos tradicionais de ética deverão ser alterados, nesta circunstância?

Ricardo Timm de Souza - Ninguém tem condições de profetizar a respeito de todas as variáveis que o futuro apresentará, pela complexidade do que se anuncia; o que se pode dizer é que hoje, aqui e agora, a ética deve sofrer uma revisão categorial e axiológica profunda, que a coloque no lugar e posição nos quais sempre deveria

ter estado: no fundamento das relações, entre pessoas, entre pessoas e seres vivos, entre pessoas e o ambiente, entre pessoas e o mundo. A ética é a filosofia primeira, como diz Lévinas¹, pois, para pensar, é necessário

¹ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo

existir, e a existência só perdura se ocorrerem atos eticamente “positivos”, integrados à história dos indivíduos e das comunidades.

***IHU On-Line* - Qual deve ser a responsabilidade ética dos cientistas e dos profissionais que trabalham nas áreas das nanotecnologias, por exemplo?**

Ricardo Timm de Souza - Saber e tornar transparente a quem realmente servem: às forças do poder, revestidas de cientificismo cego e entusiasmo tecnológico e que, em nome de uma idéia vaga de “desenvolvimento” - interesses econômicos -, tudo permitem, ou a forças da vida e da sustentabilidade socioecológica, que, geralmente, não estão na agenda real das estratégias de governo de corporações e países ou blocos de poder decisório em termos geopolíticos.

***IHU On-Line* - Como estabelecer uma ética na atualidade, tendo em vista todas as manipulações genéticas que vêm ocorrendo?**

Ricardo Timm de Souza - As manipulações genéticas agudizam, mas não se desviam da rota traçada desde as origens do ocidente e radicalizadas na modernidade baconiana: conhecer a natureza para dominar e manipular. A ética, hoje como sempre, só tem sentido se estiver no fundamento das ações, e não se postar meramente como corretivo de ações.

***IHU On-Line* - Pensando nas mudanças que ocorrem e ocorrerão de maneira mais acentuada nas relações sociais, provocadas pela bioética, biotecnologia,**

sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito. No dia 31/08/2007, foi publicada no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) a entrevista **Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida**, concedida por Rafael Raddock-Lobo, pós-doutor em Filosofia. O conteúdo também está disponível na revista *IHU On-Line* de número 235, intitulada **Temas da Atualidade**. Algumas entrevistas da página eletrônica do IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

nanotecnologia, que desafios éticos serão impostos no futuro? Como está se dando essa discussão?

Ricardo Timm de Souza - Os desafios éticos do futuro já estão muito claros no presente: não permitir que qualquer tipo de automatismo tecnocientífico ocupe a posição decisória a respeito daquilo que exige prudência; é da percepção desse fato que se poderá haurir elementos necessários para o estabelecimento das estratégias que se farão necessárias para evitar que se estabeleça de forma definitiva - se ainda não o foi - o caos socioecológico sancionado por simbólicas de idolatria do poder e dos interesses econômicos.

***IHU On-Line* - O senhor disse que precisamos repensar conceitos de base e categorias filosóficas sólidas que fundamentem a discussão conseqüente sobre temas que mudaram com o desenvolvimento científico e tecnológico. Como a filosofia está dialogando com essas transformações?**

Ricardo Timm de Souza - A filosofia costuma chegar tarde às discussões urgentes do dia-a-dia, em parte pelo fato de gerar e gerir conceitos que têm um tempo próprio para sua validação em termos de categorias interpretativas; o certo, porém, é que não será no passado - com suas propostas de soluções para problemas do passado - que se poderá vislumbrar soluções sólidas para as questões presentes: é o presente que oferece sua própria e árdua chave de leitura. Cabe à filosofia tomar consciência desse fato e assumir a condução do processo de “metareflexão” a respeito dos grandes temas trazidos à baila aqui e agora pela aceleração e complexidade de variáveis envolvidas nas grandes questões decisórias - de sobrevivência - da contemporaneidade.

Crescimento econômico está atrelado às instituições

ENTREVISTA COM OCTÁVIO CONCEIÇÃO

É impossível pensar em crescimento sem um aparato institucional. “Um cria o cenário para o desenvolvimento do outro, e é o prolongamento desse processo, ao longo da história, que permitirá falar-se em desenvolvimento econômico.” A opinião é do professor Octávio Conceição, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Para ele, “o que condiciona a performance econômica dos vários países é, em última instância, a forma como operam os mecanismos de mudança institucional”.

Conceição é graduado em Economia, mestre em Economia Rural e doutor em Economia, com a tese Abordagem Institucionalista: um estudo do papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico, de 2000. Os cursos foram realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, ele é Técnico do Fundação de Economia e Estatística, professor adjunto da UFRGS, membro de corpo editorial da Indicadores Econômicos FEE e Membro de corpo editorial da Revista de Economia Política.

Em outras oportunidades, o economista já concedeu entrevistas à IHU On-Line. A mais recente foi publicada na edição 218, de 07-05-2007, intitulada “O Brasil está se desindustrializando? Um debate”. A entrevista “Ainda estamos passando por mudanças estruturais” está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

O professor estará presente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, no qual abordará as idéias econômicas dos institucionalistas. O evento ocorre na próxima quarta-feira, 21-11-2007. O encontro está marcado para as 19h30min.

A entrevista que segue, foi concedida à IHU On-Line, por e-mail.

IHU On-Line - De que maneira a corrente institucionalista contribuiu para o pensamento econômico? Qual é a sua atualidade?

Octávio Conceição¹ - A corrente institucionalista tem longa tradição no pensamento econômico. Remete ao final do século XIX, tendo como precursor Thorstein Veblen², seguido de John Commons³ e Wesley Mitchell⁴. Veblen foi, desde seus primeiros

¹ O autor contribuiu com a edição número 78 dos *Cadernos IHU Idéias*, intitulado *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda*. Além disso, na edição número 218 da revista *IHU On-Line*, sob o tema “O Brasil está se desindustrializando? Um debate”, de 07-05-2007, concedeu a entrevista “Ainda estamos passando por profundas mudanças estruturais”. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

² Thorstein Veblen (1857-1929): economista e sociólogo estadunidense, filho de imigrantes noruegueses. Veblen se formou em filosofia pela Universidade de Johns Hopkins e doutorou-se por Yale. Suas principais obras são *The theory of the leisure class* (1899), *The instinct of workmanship* (1914), *Imperial germany and the Industrial Revolution* (1915), *The higher learning in America* (1918), *Absentee ownership* (1923), e vários ensaios. Sua principal obra econômica é *The theory of business enterprise* (1904). (Nota da *IHU On-Line*)

³ John Commons (1862-1945): destacado membro da escola institucionalista americana. Nascido em Ohio, USA, foi professor de economia nas universidades de Wesleyan, Oberlin, Indiana, Syracuse e Wisconsin, além de presidente da American Economic Association. John Commons pesquisou o papel do Estado e propôs o desenvolvimento de uma “Economia Institucional” como síntese da Economia Política, do Direito e da Ética. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Wesley Clair Mitchell (1874-1948): economista norte-americano. Foi professor nas Universidades de Chicago e da Califórnia. Ajudou na organização da National Bureau of Economic Research, onde foi diretor de pesquisas do instituto de pesquisa até o final da guerra. Suas principais teses foram no campo da teoria dos ciclos onde enfocou pontos de vista empirista e deu grande importância a recopilação de dados estadísticos. Entre suas mais importantes obras, citam-se *Business cycles: the problem and its setting* (1927), *The backward art of spending money and other essays* (1937) e *What happens during business Cycles* (1951). (Nota da *IHU On-Line*)

trabalhos, um crítico do neoclassicismo e um dos defensores do evolucionismo. Para ele, a economia neoclássica via os indivíduos como dados, com preferências exógenas, cuja individualidade não exercia qualquer papel na vida social. Por essa razão e por princípio, inexistia a “instituição” no ambiente teórico neoclássico, já que a mesma, para Veblen, constituía-se em “um conjunto de normas, regras, hábitos e sua evolução”. Disso se depreende que a existência de instituições, obviamente, só pode ocorrer em um ambiente teórico totalmente diferente do mundo neoclássico, onde os indivíduos constroem suas regras, normas e as modificam. Aliás, para Veblen, é através desse processo que ocorre a evolução social, que se dá sob incerteza, sem possibilidade de previsibilidade e sem roteiro a ser seguido. Cada país, a partir de sua cultura, seus hábitos, sua história e suas conseqüentes instituições constrói sua própria trajetória, que é idiossincrática.

IHU On-Line - Do ponto de vista analítico, qual é a diferença dessa corrente com a teoria dominante (neoclássica)?

Octávio Conceição - Analiticamente são bastante diferentes, diria até que são opostas. Enquanto que, para os neoclássicos, o mercado é o mecanismo alocador por excelência, que permite o ótimo paretiano⁵, para os institucionalistas, a alocação é

⁵ Ótimo paretiano ou ótimo de Pareto: O ótimo de Pareto (Vilfredo Pareto foi economista e sociólogo italiano da Escola de Lausanne) é um conceito fundamental na ciência econômica. Em muitas análises, busca-se chegar nesse ótimo, o que acontece quando melhorias de Pareto não são mais possíveis. Uma melhoria de Pareto é a melhora na situação de um sem piorar a dos outros. Quando se exaurem todas as melhorias

sempre feita de forma individual, não necessariamente ótima, e com grande dose de incerteza, pois as decisões dos indivíduos são tomadas em um meio, chamado de “mercado”, mas que, ao contrário do entendido pelos primeiros, aqui ele também é uma instituição. Portanto, o mercado é sujeito a erros, reavaliações, incertezas e imperfeições. Além disso, o avanço econômico não se dá através de regras “ideais” de bom funcionamento racional, mas através de uma construção social, a qual, via mecanismos de ação coletiva, permite a construção de um ambiente institucional. Este, apesar de ser imprevisível aprioristicamente, também é capaz de assegurar condições de progresso tecnológico, econômico e social.

IHU On-Line - Os conceitos dessa corrente têm sido aplicados para explicar o comportamento da economia brasileira? Como?

Octávio Conceição - Hoje, o institucionalismo está bastante disseminado. Várias correntes reivindicam sua filiação ao referido pensamento. A própria escola neoclássica vem se ocupando das questões institucionais, só que, renegando a contribuição de Veblen, que é por nós considerado o pai do Antigo ou Velho Institucionalismo. A nova visão institucionalista não-vebleniana e próxima ao neoclassicismo tomou o nome de Nova Economia Institucional (NEI). Ela vem fazendo grande sucesso atualmente. Seus principais expoentes, dentre vários outros, são Ronald Coase¹, Douglass North² e Oliver

paretianas, estamos no ótimo: só é possível melhorar a situação de alguém piorando a de outrem. (Nota da *IHU On-Line*)

¹ **Ronald Coase** (1910): O inglês graduou-se em Economia, pela London School of Economics, em 1932. Fez doutorado na Universidade de Londres e deixou a Inglaterra para lesionar nos Estados Unidos. É um dos fundadores da Nova Economia Institucional, e não se enquadra no pensamento econômico ortodoxo. Mostrou que, ao incorporarmos a

Williamson³. Saliente-se que os dois primeiros receberam em 1991 e 1993, respectivamente, o Prêmio Nobel de Economia. Seus ensinamentos têm repercutido muito nacionalmente, sugerindo que conceitos como custos de transação, preocupações com a precariedade das regras formais e informais vigentes em nossa economia e com um novo quadro institucional nacional possam ser úteis ao desenho de um novo país. Considero válido e útil tal exercício, embora também considere relevante incorporar-se os ensinamentos do Velho Institucionalismo.

IHU On-Line - Como os institucionalistas discutem as mudanças econômicas e sociais, que, segundo o senhor, criam ou destroem o resultado institucional?

Octávio Conceição - A mudança institucional tem assumido papel central nas várias escolas institucionalistas. O último livro de Douglass North, de 2005, intitulado *Understanding the process of institutional change* revela essa preocupação. Para ele, o que condiciona a performance econômica dos vários países é, em última instância, a forma como operam os mecanismos de mudança institucional. Tais mudanças, entretanto, não têm roteiro nem

idéia de custo de oportunidade, a existência de mecanismos corretivos é desnecessária para equilibrar os custos sociais. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Douglass Cecil North** (1920): economista norte-americano. Em 1993, ganhou o Prêmio Nobel de Economia por ter renovado a pesquisa em história econômica, aplicando teoria econômica e métodos quantitativos em ordem para explicar mudanças econômicas e institucionais. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Oliver Williamson** (1932): doutor em Economia, é um renomado teórico do novo institucionalismo. o criador do conceito de “mecanismos de governo” (Mecanismos de controle de governo) que se refere aos sistemas de controle dos riscos associados a qualquer transação. Seus campos principais de pesquisa são: economia das instituições, estratégia das organizações, burocracia, política e custos de transação. (Nota da *IHU On-Line*)

trajetória preestabelecida, o que, aliás, retoma Veblen. Mas devem operar em sintonia com os tempos modernos, que exigem olhar atento sobre as transformações tecnológicas, organizacionais, produtivas e sociais. Nunca se pode presumir a economia como algo estático, mas processual e historicamente mutante. Óbvio que esse quadro é complexo, mas é dessa complexidade que trata a moderna análise econômica.

IHU On-Line - Para os institucionalistas, o crescimento implica nas instituições. Por que é impossível viabilizar o crescimento sem aparato institucional e social compatível?

Octávio Conceição - Pelas razões acima expostas. Entender-se crescimento econômico sem instituições é destituir-se ambos os conceitos de sentido lógico. Um cria o cenário para o desenvolvimento do outro, e é o prolongamento desse processo, ao longo da história, que permitirá falar-se em desenvolvimento econômico. Portanto, o crescimento e o desenvolvimento econômico não são apenas variações incrementais positivas do PIB ao longo do tempo, mas a construção de um cenário institucional, que se transforma evolutivamente ao longo do tempo, produzindo avanços e conhecimentos cumulativos nas várias áreas de um país.

Jogos de azar: ibope no SBT

ENTREVISTA COM SONIA MONTANO

“O jogo de azar oferece uma alternativa pública e doméstica, aberta e hermética, pois ele reitera a possibilidade de ficar ‘bem de vida’, apelando para a sorte e sem ter de engajar-se no trabalho”, afirma Sonia Montano, jornalista, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Para ela, esses jogos que permeiam a programação do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), retratam uma sociedade formada por um sistema que “discerne o valor dinheiro como um instrumento privilegiado para a construção da pessoa”.

A ex-editora da revista IHU On-Line participará do próximo IHU Idéias, que ocorre na quinta-feira, 22-11-2007. No encontro, ela apresentará a palestra “SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro”, tema da sua dissertação de mestrado.

Sonia Montano escreveu para a edição número 3 dos Cadernos IHU Idéias, intitulado O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo. No dia 05 de novembro, ela contribuiu, com depoimento, na entrevista sobre o impacto ambiental do consumo de carne, concedida pelo biólogo e mestre em Nutrição Sérgio Greif. O conteúdo está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

***IHU On-Line* - Qual é a importância do lúdico no desenvolvimento das culturas?**

Sonia Montañó - O jogo tem sido o grande impulsionador de todas as formas culturais. A cultura, como diz Huizinga¹, se desenvolveu *sub specie ludi*, sob forma de jogo. Ele pensa o jogo como raiz de cultura: arte, filosofia, direito, rito, mito e tantas outras expressões culturais nasceram jogando. Mesmo as atividades que visam à satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo, a caça, tendem a assumir, nas sociedades primitivas, uma forma lúdica. É através do jogo que a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo. Para Michel de Certeau², por exemplo, cada sociedade mostra sempre, em alguma parte, as formalidades às quais obedecem suas práticas. As formalidades na sociedade ocidental, na qual a cientificidade substituiu, com seus lugares próprios, os complexos

¹ **Johan Huizinga** (1872-1945): filósofo e historiador holandês, foi reitor da Universidade de Leyden. É conhecido por seu trabalho na história da cultura da Idade Média. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Michel de Certeau** (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre De Certeau, confira as entrevistas "*Michel de Certeau ou a erotização da história*", concedida por Elisabeth Roudinesco, e "*As heterologias de Michel de Certeau*", concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da *IHU On-Line*, de 26-06-2006, disponíveis para *download* na página do IHU, www.unisinos.br. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*. (Nota da *IHU On-Line*)

terrenos das astúcias sociais, impondo à razão uma lógica da habilidade e da transparência, estariam em lugares tão evidentes que não são vistas. O autor sugere três lugares: os jogos, os contos e as artes do dizer. Semelhante a Certeau, Maffesoli³ afirma que o lúdico é uma maneira que a sociedade tem de se dizer. Já diversos teóricos têm feito essa abordagem da sociedade a partir de um ou outro aspecto lúdico. Bauman⁴, por exemplo, faz uma leitura da sociedade de exclusão observando jogos televisivos como o *Big Brother*. Na análise de Huizinga, ele adverte para uma espécie de atrofia do elemento lúdico depois da revolução industrial. O historiador constatou que as grandes correntes de pensamento do século XIX eram adversas ao fator lúdico na vida social. Nem o liberalismo nem o socialismo contribuíram para ele em alguma coisa. A ciência analítica experimental, a filosofia, o reformismo, a igreja e o estado, a

³ **Michel Maffesoli**: sociólogo francês. Leciona na Sorbonne - Paris V, é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) e edita a revista *Sociétés*. Escreveu inúmeros livros importantes para a compreensão da mutabilidade social moderna e pós-moderna, como *A conquista do presente* (Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *A contemplação do mundo* (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995); *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (Porto Alegre: Sulina, 1997); *Lógica da dominação* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978); e *Moderno e pós-moderno* (Rio de Janeiro: UERJ, 1994). A edição 162 da *IHU On-Line*, de 31-10-2005, publicou uma entrevista exclusiva com Maffesoli sob o título "Culturas locais estão sendo revalorizadas". (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Zygmunt Bauman**: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do *IHU On-Line*, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista *IHU On-Line* edição 181 de 22 de maio de 2006. "Sobre a arte de compartilhar valores com o outro" é o título da entrevista que Zygmunt Bauman concedeu ao sítio do IHU. Confira o conteúdo em www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

economia, tudo na época se revestia da mais extrema seriedade. Na verdade, o que acontece aí em relação ao jogo e a sociedade é uma mudança ontológica. Vilém Flusser¹ é um autor que analisa bastante esse fato. Ele destaca duas fortes passagens com efeitos ontológicos na história: a passagem da sociedade agropecuária para a industrial e a passagem da sociedade industrial para a pós-industrial. Esta última tem como ontologia a teoria dos jogos. Em vez de desaparecer o jogo - com determinadas características -, passou a ser o elemento chave da pós-indústria. Embora encontremos camponeses e operários na sociedade pós-industrial, a maioria é composta por funcionários administrativos: muda a experiência, a visão e a ação da sociedade. Gostaria de citar ainda Walter Benjamin², contemporâneo de Huizinga e estudioso das metrópoles que surgiam no século XIX e XX. Ele diz que a realidade passa a ser percebida através de “choques” que valorizam a vivência em detrimento da experiência. Conseqüentemente,

¹ Vilém Flusser (1920-1992): judeu nascido em Praga, veio para o Brasil em 1940. Nos primeiros vinte anos, dedicou-se principalmente a atividades empresariais, mas como era autodidata e exímio conhecedor de línguas, estudou sozinho no período. Entre 1958/59, decidiu abandonar as atividades comerciais e se engajar na comunidade filosófica brasileira através dos membros do IBF, apesar de discordar de como era feita a filosofia no Brasil. Tornou-se professor convidado da Escola Politécnica da USP, lecionando a disciplina de Filosofia da Ciência. Foi um dos fundadores do curso de Comunicação Social da FAAP, membro do IBF e colaborador regular da *Revista Brasileira de Filosofia*, do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, de uma coluna diária chamada “Posto Zero”, no jornal *Folha de S. Paulo*, e da *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Em 1972 mudou-se para a Europa, morando em muitos lugares até se estabelecer em Robion, na França, onde permaneceu até a sua morte em 1992. (Nota do *IHU On-Line*)

² Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

perdeu-se a relação histórica entre as ações, assim como acontece nos jogos de azar, em que cada nova jogada independe da anterior. Benjamin estende a idéia do jogo à própria relação política da época. Para a burguesia, até mesmo os acontecimentos políticos tendiam a assumir a forma de acontecimentos de mesa de jogo. O choque, portanto, tornou-se a regra e forçou uma nova percepção. A nossa realidade política, e toda a vida social contemporânea talvez esteja mais próxima da teoria dos jogos que do *homo ludens* de Huizinga. Esse último teria um papel chave relacionado a encontrar espaços de liberdade em uma sociedade programada, como chama Flusser às pós-industriais.

***IHU On-Line* - Como a senhora avalia o desempenho da televisão brasileira, enquanto um meio de comunicação lúdico, presente no cotidiano das pessoas? De que maneira a TV tem desenvolvido esse papel?**

Sonia Montañó - A TV é lúdica, isto é, é jogadora e não funcionária que obedece a um programa, quando tenciona suas próprias práticas, as mais habituais, quando dá a ver seu jogo, sua técnica, suas estéticas, revelando os modos da sua produção. Joga-se contra o programa quando se produz zonas de experimentação e de liberdade em relação ao programa do aparelho: quando se diminui a distância entre jogadores e co-jogadores, como diria Gadamer³, quando se diminui a distância entre a produção e a recepção, quando se faz avançar as técnicas, nos termos de Benjamin. Isso acontece em diversos espaços de experimentação na TV brasileira, mas não é o mais comum, e está longe de

³ Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da *IHU On-Line* número 9, de 18-03-2002. (Nota da *IHU On-Line*)

acontecer no SBT. O nosso olhar também está programado. Olhamos para a televisão e toda imagem técnica como simples imagem tradicional, janela da “realidade”, do “mundo”, da “notícia” ou esperamos que ela seja “educativa” e ensine coisas boas aos nossos filhos, coisas que não esperamos de outros veículos de comunicação. Precisamos desconstruir nosso olhar, não somente para compreender a gramática do que temos na nossa frente. Por isso, Derrida¹ afirmava, no livro *Ecografias de la televisión*², que assistir televisão é uma tarefa política não só pelos efeitos que a TV tem no jogo político, mas também porque devemos compreender como se faz, como se fabrica, quem tem o poder, quem escolhe, quais as relações de força etc. Já McLuhan³ afirmava que, pela primeira vez na história humana, existem mais informações e dados fora da sala de aula ou da escola do que dentro delas. E se perguntava sobre o futuro da educação num mundo em que as produções de informação se invertem. Para ele, essa inversão teria que inverter também a função do ensino, trocando a função de instruir pela de descobrir. Isso é fundamental para aqueles que buscam espaços de liberdade na sociedade programada, os jogadores.

¹ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973); *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da *IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

² *Ecografias de la televisión* (Eudeba, Buenos Aires, 1998): O tema central da obra de Jacques Derrida é a questão da técnica na época atual, do “teletecnológico”, mas também dos desafios que esta implica para poder pensar no presente. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Marshall McLuhan (1911-1980): professor canadense que declarou, no final dos anos 1960, que o meio é a mensagem e que todos vivemos em uma aldeia global. (Nota do *IHU On-Line*)

***IHU On-Line* - Como a senhora interpreta os jogos no SBT? Como o sentido de azar está representado nessas “brincadeiras”?**

Sonia Montañó - Escolhi o SBT⁴ para estudar o lúdico porque é a emissora que mais se enuncia através do jogo, embora a presença do jogo na tevê iniciou com a própria TV e está presente em todas as emissoras da de televisão aberta e em muitas por assinatura. No SBT, o azar está no centro de tudo, na mão de Silvio Santos, que está no centro do SBT. Além da presença de roletas, dados e outros elementos de azar, há um imaginário muito próximo como, por exemplo, o imaginário do jogo do bicho brasileiro. Na análise do jogo do bicho, há um destaque para os “banqueiros”. São figuras acessíveis e populares do mundo cotidiano, que mantêm com o apostador um elo relativamente transitório, mas definido por profunda lealdade e plena confiança, porque ambos compartilham um mesmo sistema de crenças. Diante da impessoalidade do mundo urbano, os banqueiros operam na base das intimidades e confianças que constituem parte da sociabilidade brasileira, sobretudo no que diz respeito à construção da pessoa. Um outro elemento comum é a promessa de ascensão social. O SBT apresenta-se como uma promessa de salto na escala social, o que é próprio dos sentidos de azar. Embora nem todos os seus jogos envolvam o azar, há uma produção de sentidos em relação ao azar, presente, de alguma forma, em todos os programas de jogo, em algumas vinhetas e, de forma geral, em toda a programação do SBT.

⁴ SBT (Sistema Brasileiro de Televisão): É uma rede de televisão formada por emissoras pertencentes ao empresário e apresentador Silvio Santos. Boa parte da programação, que segue uma linha popular, é originária da extinta Rede Tupi. (Nota da *IHU On-Line*)

Roberto DaMatta¹ e Elena Soárez² têm um estudo sobre o jogo do bicho muito interessante, que traz algumas características comuns a todo tipo de jogo popular que, no Brasil, permite a mobilidade social, ou pelo menos a promete.

***IHU On-Line* - O fascínio por esses jogos está intrínseco na cultura brasileira, por isso esses programas recebem tantas ligações, vendem tantos bilhetes (cartão do Baú, Telesena)? Ou essa opção é consequência do mundo do trabalho, por exemplo, que gera poucos empregos. Assim, as pessoas vêm nessas programações uma alternativa de ganhar dinheiro fácil?**

¹ **Roberto DaMatta** (1936): antropólogo brasileiro. É graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. Possui especialização em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de mestrado e doutorado na Universidade de Harvard. Atualmente, é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. Foi pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio do carnaval, do futebol, da música, da comida, da cidadania, da mulher, da morte, do jogo do bicho e das categorias de tempo e espaço. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Elena Soárez**: Economista brasileira com mestrado em antropologia. A partir da sua dissertação de mestrado, passou a se interessar pela escrita, o que lhe fez iniciar a carreira de roteirista de cinema. Na sua filmografia destacam-se: *Eu, tu, eles* (2000), *Vida de menina* (2004), *Casa de areia* (2005) e *Cidade dos homens - O filme* (2007). (Nota da *IHU On-Line*)

Sonia Montañó - Os jogos de azar estariam sendo capazes de relativizar a ideologia moderna. A essa ordem fundada no mercado, na quantidade, no individualismo, na “ética do trabalho”, na impessoalidade e no utilitarismo, o jogo de azar oferece uma alternativa, ao mesmo tempo pública e doméstica, aberta e hermética, pois ele reitera a possibilidade de ficar “bem de vida” apelando para a sorte e sem ter de engajar-se no trabalho. Não se trata de a sociedade brasileira simplesmente gostar de valorizar o ganho fácil, mas de um sistema que discerne o valor do dinheiro como um instrumento privilegiado para a construção da “pessoa”. Trata-se, então, de uma concepção de “pessoa” complexa e exigente. Os jogos de azar que envolvem dinheiro têm como objetivo precisamente a “desclassificação” das pessoas, eventualmente desarrumando, com seus resultados, o quadro de categorias sociais fixado pelas leis da propriedade privada e do dinheiro, pela criação incessante de “novos-ricos” e de “pobres novos”. Temos, então, no SBT, a atualização de um imaginário lúdico complexo, no qual o poder do jogo, além do prazer e alegria que a ludicidade traz, é inseparável de valores personalizantes, da riqueza, do consumo e de uma certa enunciação sobre uma pirâmide social injusta, embora nada mais hierarquizado que as relações sociais no SBT dentro e fora da tela.

IHU REPÓRTER

Angélica Massuquetti

A rotina no Banco do Brasil, que começou a fazer parte da vida de Angélica Massuquetti, de 35 anos, quando ela estava com 15, lhe incentivou a cursar Ciências Econômicas. Integrante do corpo docente da Unisinos desde 2000, há dois anos, ela foi convidada a assumir a coordenação do curso de Economia da Universidade. Para ela, este desafio está sendo uma ótima experiência profissional. Após desenvolver o mestrado em Economia Rural na UFRGS, Angélica está finalizando o doutorado, na mesma área.

Confira, a seguir, a entrevista concedida por ela à revista IHU On-Line:

Origens e infância - Nasci em Porto Alegre, mas aos três anos de idade minha família se mudou para Canoas. Meu pai é de origem italiana, de uma colônia em Urussanga (SC), e veio para Porto Alegre aos 16 anos. A minha mãe é de São Leopoldo, de uma família de origem alemã, e também foi morar em Porto Alegre ainda jovem. Eles tiveram dois filhos: eu sou a mais nova, estou com 35 anos, e meu irmão é três anos mais velho do que eu. Meu pai está aposentado, agora, e a minha mãe é dona-de-casa. A minha família é católica, e temos valores muito claros, tradicionais de qualquer família católica, como honestidade, respeito, disciplina. Tive uma infância bem agradável e feliz. Brincava muito, andava de bicicleta e subia em árvores.

Estudos - Eu era uma excelente aluna. Posso dizer que tive uma trajetória escolar de sucesso. Sempre estudei em Canoas, em colégios públicos. E, desde o 1º Grau, eu tinha muito claro que eu



Prof.ª Angélica (de preto) com uma turma de alunos formandos

gostaria de entrar para uma universidade. Todo o meu processo educacional foi direcionado a um curso superior.

Graduação - Aos 15 anos, eu comecei a trabalhar no Banco do Brasil. Naquela época, os gerentes dos Bancos, nas suas respectivas cidades, selecionavam os melhores alunos de 2º grau dos colégios estaduais. Através das notas, os alunos eram convidados a participar de um processo de seleção e ingressavam no Banco do Brasil. Acredito que foi o dia-a-dia no Banco que me despertou o interesse pela economia, que cursei na UFRGS. Tenho muito orgulho de ter estudado na UFRGS, onde também fiz o mestrado em Economia Rural.

Trabalho - Aos 18 anos, saí do Banco do Brasil e fui trabalhar na Associação Atlética do Banco do Brasil - AABB, onde permaneci até o final da minha graduação. No último ano de faculdade, pedi

demissão na AABB, para conseguir terminar a minha monografia e me preparar para a prova do mestrado. Passei os anos de 1995 e 1996 me dedicando apenas ao mestrado, sendo que neste último ano fui professora substituta na UFRGS. E, em 1997, foi o período em que eu comecei a trabalhar nas universidades de Caxias do Sul (UCS) e de Santa Cruz do Sul (UNISC). Em 2000, fiz o concurso da Unisinos e vim trabalhar aqui.

Unisinos - Eu gosto muito de trabalhar na Unisinos, pois me identifico com os valores da Instituição. Fiquei afastada da universidade de 2001 até o final de 2004 devido ao doutorado. Em 2005, retornando para a universidade, fui convidada para assumir a coordenação do curso, o que está sendo uma ótima experiência profissional, pois gosto muito dessa relação com os alunos e da minha atividade como professora. Além disto, o fato de estar na coordenação possibilita a ampliação deste contato com os alunos e a organização de eventos científicos e de palestras. Mas eu só estou conseguindo tudo isso porque o corpo docente do curso de Ciências Econômicas é constituído por excelentes professores e grandes parceiros.

Doutorado - Fiz o doutorado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Fui para lá sozinha, e já tinha alguma experiência de morar longe da minha família, já que ainda no mestrado fui convidada para trabalhar na UCS e na UNISC. O fato de ter ido para o Rio de Janeiro foi uma grande experiência. Conheci uma outra instituição, com excelentes professores, um outro ambiente e uma outra cultura. Fiquei três anos lá e um ano em Paris (França), realizando o estágio doutoral. Foi a experiência que me causou um impacto maior, pelo

fato de estar morando em outro país, com uma cultura, idioma e hábitos completamente diferentes.

Educação no exterior - Na França, o ensino é público e baseado num processo não-seletivo, contribuindo para a redução da desigualdade dentro do país. E eu falo desigualdade em vários campos, não exclusivamente em desigualdade de renda, mas, sobretudo, de acesso ao conhecimento.

Ensino no Brasil - A qualidade do ensino público no Brasil vem se deteriorando ao longo do tempo, seja fundamental, médio ou superior. O que temos percebido nas últimas décadas é a falta de professores mais qualificados, devido à baixa remuneração. Então, há um desestímulo à qualificação. Esta questão tem sido remediada por instituições de ensino privadas como a Unisinos, por exemplo, que tem uma excelente qualidade de ensino e pesquisa.

Lazer - Estou finalizando a minha tese de doutorado. Então, quando não estou envolvida com a Instituição, estou envolvida com a tese, que tem foco na área rural. Atualmente, a bibliografia que tenho lido também está mais vinculada à tese.

Sonho - Como professora de Desenvolvimento Socioeconômico, gostaria de ver, no futuro, as desigualdades socioeconômicas no Brasil sendo reduzidas. Acredito no crescimento econômico como condição necessária, mas não suficiente, para reduzir a pobreza e a exclusão social e ampliar o bem-estar da população nas áreas de educação, saúde, habitação, trabalho e renda, entre outros. Sou otimista. Acredito

que, através de uma melhoria das políticas sociais, como a política educacional, é possível reduzir o quadro de exclusão e de desigualdade neste país.

Política brasileira - Falta ética em inúmeros campos da sociedade. Isso é um reflexo do processo de falta de investimentos em educação. As próximas gerações vão crescer dentro dessa cultura de que é normal ocorrer desvio de recursos no Governo e falta de ética na política. Não adianta simplesmente fazer uma crítica ao momento atual da política, porque é o contexto que está permitindo isso. Os indivíduos não percebem que têm direitos, e um deles é o de reivindicar, de assumir uma posição contrária ao que está acontecendo. No entanto, a construção desta consciência está intimamente relacionada com a melhoria das políticas sociais.

Instituto Humanitas Unisinos - Sou uma grande fã do Instituto Humanitas, que conheci em 2005, no **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Através dos cursos, palestras, seminários e publicações, há uma possibilidade de aproximar a comunidade acadêmica da comunidade em geral. E, se eu pensar no meu sonho, que era o de tentar minimizar as desigualdades sociais, uma forma é através da produção do conhecimento e da criação de espaços de discussão. Nesse sentido, acho que o Humanitas tem esse papel.